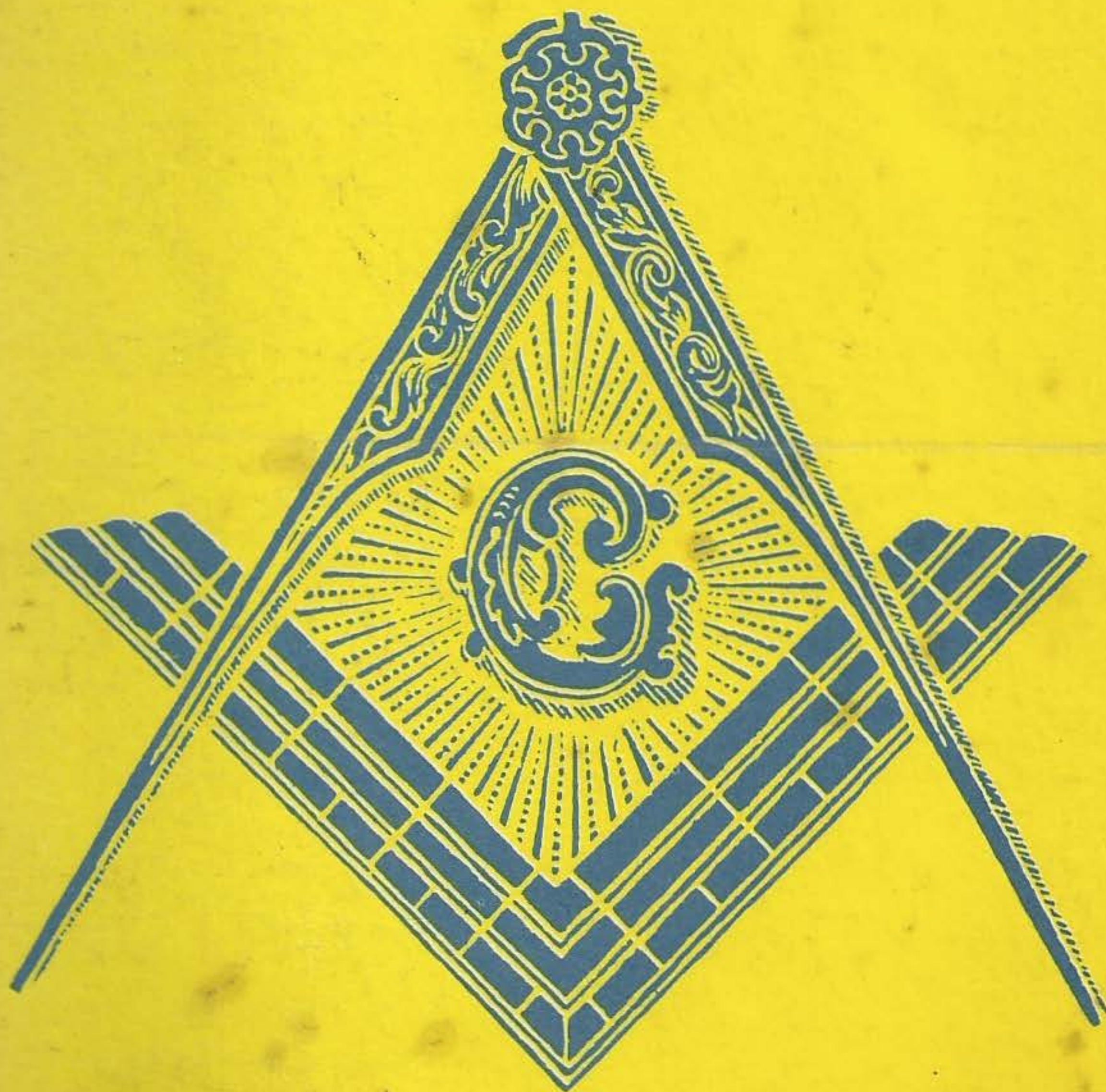


Rodolpho Valle



EFEMÉRIDE MAÇÔNICA



EFEMÉRIDE MAÇÔNICA

EFEMÉRIDE

MAÇÔNICA

ÍNDICE

Matéria	Página
Apresentação	15
Eventos Memoráveis:	
Instalação	19
Socorro às Vítimas do Ceará	19
Regularização	20
Obtenção de Timbres e Diplomas	21
Criação do Sublime Capítulo	21
Sucessão do 1º Venerável Mestre	21
Congratulações a Saldanha Marinho	22
Visita do Irmão D. Vicente Ruiz	22
Renúncia do Grão-Mestre	22
Campanha da Abolição	23
Sociedade Beneficente Amazonas	26
Recepção ao Irmão Padre Guilherme Dias	27
Inauguração do Templo	27 a 29
Sessão de Lowtons	29
Fundação do Dispensário Maçônico	30
Morte de um Almirante	30
Construção de uma Obra de Arte	31
Falecimento do Irmão Francisco Públio Ribeiro Bittencourt	31
Homenagem ao Irmão Nilo Peçanha	31
Morte da Princesa Izabel	32
Presença dos Irmãos Gaspar Guimarães e Agnello Bittencourt	33
Pesar pela Morte de Guerra Junqueiro	33
Sessão de Luto	34
Programa de Trabalho	35 a 38

Revolução de 1924	38
Homenagem ao Irmão Joaquim Moreira Sampaio	38
Incorporação ao Grande Oriente do Amazonas e Acre	39
Cincoentenário de Regularização	39
A Necessidade da Maçonaria	41
Homenagem Póstuma ao 1º Grão-Mestre ..	42
Caravana de Vanguarda ou Ideais Maçônicos ..	42 a 45
Revolução Ginásiana	45
Revolução de 1930	46
Irmão Waldemar Pedrosa na Interventoria Federal	47
Homenagem ao Irmão Silvério José Nery ..	48
Homenagem aos Farrapos	49
Mudança de Rito	50 a 56
Pompas Fúnebres	56
Dia da Pátria	56 a 58
Suspensão dos Trabalhos	58 a 60
Monumento da Praça de São Sebastião ...	60
Sessão em Homenagem ao Irmão Hamilton Mourão	61
Fim da Segunda Guerra Mundial	61
Regosijo de Mestres	62
Homenagem Fúnebre	62
Homenagem à Bandeira Nacional	63
Visita do Irmão Benjamin Sodré	63
Pelo 80º aniversário da Loja	64
Primeiro Congresso do Povo Maçônico ..	64
Filiação do Irmão Cândido Marinho da Rocha ..	64 a 66
Realização da IX Mesa Redonda	66
Documento Primoroso	66
Primeira Publicação de "O Cinzel"	67
Salão Manoel Ribeiro	67
Dia do Maçon	68
90º Aniversário da Oficina	69
Aniversário da Independência	69
Última Década	70 a 77
Ata de Fundação	81 a 82
Ata de Regularização	85 a 88
Título de Benemerita	93 a 94
Ata de Inauguração do Novo Templo	97 a 98
Título de Grande Benemerita	101 a 102
Veneráveis Mestres	105 a 107

O 1º Venerável	111 a 114
Secretários	117 a 119
Programa do Centenário	123 a 124
Homenagem Especial:	
Pedro de Alcântara Freire	127 a 142
Palavras Finais	145 a 147

Este livro é dedicado ao Professor
Agnello Bittencourt, um dos mais notáveis
Obreiros da Maçonaria Amazonense.

**Principais registros históricos da
Grande Benemerita Loja Simbólica AMAZONAS nº 2**

Apresentação

A Grande Benemerita Loja Simbólica "Amazonas" nº 2, jurisdicionada à Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes, ao completar o seu centenário de fundação, deixa, no seu rastro luminoso, um acervo magnífico de trabalho em benefício do País e da Humanidade.

O empenho desenvolvido por seus Obreiros, nessa proveitosa centúria, é o resultado de um esforço constante e permanente em defesa de atitudes e comportamentos que dignificam o caráter humano.

Nascida para espargir os nobres sentimentos de Virtude e de Caridade soube imprimir uma atividade de cooperação com os menos afortunados.

Infensa à política partidária, não se tornava, porém, alheia aos destinos governamentais da nacionalidade, nem aos problemas que afligiam o mundo.

Testemunha de fatos que se desenrolaram em períodos de agitações internas e externas, soube ultrapassá-las com altivez, sempre mantendo bem alto o nome da Sublime Instituição.

Como entidade da Maçonaria Universal, tem seguido, com aprumo e equilíbrio, os princípios que orientam a Ordem no seu labor contínuo e perene.

Iniciando, nos Augustos Mistérios, representantes das diversas camadas sociais, fê-los verdadeiros condutores das idéias que se tornaram e ainda se tornam válidas e preciosas em todos os instantes, pois são essas idéias a consubstanciação de elementos morais necessários e indispensáveis à evolução do pensamento humano.

Surgindo na modéstia de uma residência irmã, transformou-se num patrimônio material que enobrece os grandes Templos e valoriza a ambiência urbanística de uma capital em franco progresso.

Tratando, no plano moral, de consolidar os ensinamentos espalhados pela Maçonaria, através dos tempos e dos lugares, pode assegurar-se como um organismo de alta espiritualização, agrupando, nas suas colunas de união, as crenças que compatibilizam o homem com o seu Criador e são capazes de reconhecer, no Grande Arquiteto do Universo, a personificação maior da Natureza.

No impulso dos seus empreendimentos notam-se inúmeras iniciativas de amor, de carinho e de afeição, bem como manifestações espontâneas de louvor, de saudade e de reconhecimento.

Espalhou a sua presença em trabalhos que a memória não esquecerá.

Distribuiu honrarias, estabeleceu um contato mais suave entre os homens, propugnou pelo respeito à lei e à justiça, homenageou os heróis, honrou o civismo, exaltou aspirações, ensinou o culto à liberdade, lutou pela igualdade e primou pela afirmação da fraternidade.

Apresenta, portanto, um glorioso passado, que servirá, sem dúvida alguma, para novas conquistas no futuro.

Dagora por diante, caberá à nova geração maçônica a prestação de serviços que se recomendem à **destinação dos pósteros**, a qual tem, a seu favor, as lições dos antepassados, que legaram, à atualidade, as mais belas comunicações de vivência e de solidariedade.

Será a perpetuação de uma nova era, por certo, a era que melhor iluminará a Humanidade.

P A R T E H I S T Ó R I C A

I

Eventos Memoráveis

Instalação

A 4 de março de 1877 instalava-se em Manaus, sob a proteção do Sapientíssimo Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil, uma nova Oficina Maçônica, com o título distintivo de “Amazonas”, que se constituiria, assim, na segunda Loja fundada no Vale Verde — a moderna Amazônia Ocidental — pois a primeira, com o nome de “Esperança e Porvir”, data de 6 de outubro de 1872.

Naquela oportunidade, vinte e três Obreiros da Arte Real iniciavam mais uma louvável cruzada do Bem e da Caridade, iluminados pelos bons augúrios de melhores dias, adotando, nos seus misteres, o Rio Adhoniramita, o qual, somente mais tarde, seria substituído pelo Rito Escocês Antigo e Aceito, ainda hoje mantido e observado nos trabalhos desse Templo de Salomão, com a sabedoria e a beleza dos seus excelentes ensinamentos.

Com esforço e abnegação foram adquirindo os primeiros instrumentos para os seus serviços litúrgicos e ritualísticos, numa cooperação mútua que os unia pela solidariedade de magníficos propósitos.

Desde a sua instalação, funcionava às quintas-feiras, passando, nos primeiros anos da década de trinta, a realizar os seus trabalhos às terças-feiras, retornando-os, depois e em definitivo, ao dia primitivamente escolhido.

Socorro às Vítimas do Ceará

A primeira manifestação de solidariedade humana, promovida pela Loja, que ainda funcionava em caráter provisório, verificou-se a 20 de maio daquele memorável ano de 1877,

quando se abriu uma subscrição no elevado intuito de socorrer as vítimas da seca e da fome que assolavam a **Província do Ceará**, levando, portanto, os Maçons amazonenses, além das Colunas do Templo, o indispensável conforto a quantos se viam vencidos pelo sofrimento e pelas lutas contra as agruras da existência.

Coube ao Irmão Raimundo da Silva Moia a iniciativa de propor que a Oficina concorresse, para aquela finalidade, com a importância de vinte mil réis, havendo o Irmão Ismael Cesar Pais Barreto oferecido a quantia de dez mil réis, aumentando, assim, a ajuda aos flagelados do Nordeste.

Regularização

Tornava-se necessário, porém, que a Loja "Amazonas" regularizasse a sua posição diante do mais Alto Corpo Maçônico do País.

E foi por isso que os seus dirigentes se empenharam, desde os primeiros instantes, no sentido de incorporarem a Oficina, com as devidas formalidades, no Círculo Maçônico do Império, tomando parte ativa na laboriosa missão da regularização o ilustre Irmão Padre Eutíquio Pereira da Rocha, Delegado do Grão-Mestre da Ordem no Pará.

Depois das súplicas processuais, realizou-se, a 29 de julho de 1877, a solenidade de regularização, atribuída esta pelo Breve Constitutivo de 26 de maio daquele mesmo ano.

Na sessão seguinte, ou seja, a 4 de agosto, o primeiro Venerável Mestre, Irmão Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, propôs que, em homenagem aos Irmãos Padre Eutíquio Pereira da Rocha, Padre Torquato Antonio de Souza, Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães, Bernardo José de Bessa e Silvério José Nery, os quais constituíram a Comissão Regularizadora, lhes fosse conferido o título de Sócios Honorários da novel Oficina, proposta essa aprovada por unanimidade.

Com a mesma deliberação, foi agraciado o Irmão Manoel Alfredo Ferreira da Cruz, Secretário do Delegado do Grão-Mestre, que também estava presente aos momentos da festiva regularização.

O Irmão Padre Eutíquio Pereira da Rocha, pela sua alta dignidade maçônica e pela sua qualidade de Presidente da Comissão Regularizadora, tivera esplendorosa recepção à sua chegada a Manaus, vindo de Belém, hospedando-se na residência do Irmão Joaquim Pinto Ribeiro, que lhe pusera cama, mesa, luz e criados à disposição durante o tempo da sua estada, finda a qual regressara aos seus pagos, pelo vapor "Javary", sob as mais vivas manifestações de agradecimento

pelo valioso serviço que havia prestado em benefício da Instituição, nas plagas amazônicas, onde já se desenvolvia, em ritmo crescente, o pendor maçônico.

À despedida daquele valoroso sacerdote, fez-se a Loja representar pelos Irmãos Francisco Bento de Sá, Manoel da Fonseca e Souza, Aristides Augusto Cesar Pires, Nicoláu Tolentino e Manoel Dias Barroso.

Obtenção de Timbres e Diplomas

Na mesma ocasião, viajava para a Corte, no Rio de Janeiro, o Irmão José Maria do Rego Barros, que recebera credenciais para adquirir os timbres da Loja, bem como cem diplomas de Mestres Maçons escritos nas línguas portuguesa, francesa, inglesa e alemã.

Seria motivação para que os Obreiros da Oficina, em suas andanças por outros Orientes, com maior facilidade, fossem reconhecidos por seus Irmãos das demais partes do Universo.

Criação do Sublime Capítulo

Com autorização da Oficina Base, datada de 26 de setembro de 1877, fundou-se, logo a 4 de outubro, o Sublime Capítulo "Amazonas", dando-se a sua regularização, concedida pelo Grande Oriente do Vale dos Benedictinos, a 17 de março de 1878.

A regularização desse Sublime Capítulo, que se distinguia da Loja propriamente dita, fora presidida pelos Irmãos Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, Carlos Gavinho Viana e Joaquim Pinto Ribeiro, os quais passaram a ocupar os mais distintos cargos nesse Corpo Maçônico.

Sucessão do 1º Venerável Mestre

Na sucessão do primeiro Malhete, então exercido pelo Irmão Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, procedeu-se à posse do Irmão Jônatas de Freitas Pedrosa, no cargo de Venerável Mestre, ocorrida a 24 de junho de 1878, justamente no dia consagrado a São João Batista — "orago da nossa Sublime Ordem" — como registrou a ata daquela solenidade, que contara, entre outras, com a presença do distinto Irmão Joaquim José Pais da Silva Sarmiento, representando a Loja "Esperança e Porvir" nº 1, da região amazonense.

Congratulações a Saldanha Marinho

A 6 de março de 1879, foi aprovada “uma proposta de felicitações desta Oficina ao Sapiientíssimo Grão-Mestre Saldanha Marinho, congratulando-se pelo fato de ter tomado assento na Câmara Central, como representante desta heróica Província do Amazonas”, ficando, desde logo, nomeada uma comissão integrada pelos Irmãos Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, Raimundo da Silva Moia e Manoel Joaquim Portilho Bentes para redigir o documento congratulatório.

Visita do Irmão D. Vicente Ruiz

Na desenvoltura dos trabalhos realizados, a Oficina passara a abrigar, nas suas Colunas, a presença de vultos notáveis na sociedade amazonense e a entrelaçar mais constantemente os seus contatos e as suas relações com outras Lojas có-irmãs, recebendo, ao mesmo tempo, o calor fraternal de visitantes ilustres, vindos, inclusive, de outras capitais, como o Irmão D. Vicente Ruiz, Delegado do Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, em Belém do Pará, que fora con dignamente recebido na sessão de 27 de janeiro de 1881.

Sabe-se que o Irmão D. Vicente Ruiz sucedera, naquela Delegacia, ao Irmão Padre Eutíquio Pereira da Rocha, encontrando-se em Manaus, àquele tempo, depois de assistir às exéquias que a Loja “Esperança e Porvir” fizera celebrar, em seu Templo próprio, com as devidas pompas, em homenagem à memória do então representante da Ordem, na Província do Pará.

Renúncia do Grão-Mestre

A 21 de julho de 1882, era recebida uma correspondência do “Muito Poderoso Irmão Conselheiro Dr. Joaquim Saldanha Marinho, dando conhecimento à Oficina de que tinha resignado o Grão-Mestrado da Ordem, a forma circunstanciada por que efetuara essa resignação e agradecendo finalmente a esta Loja a confiança que nele sempre depositou”.

Ao mesmo tempo era acolhida a notícia da “Grande Secretaria Geral da Ordem, datada de 19 de maio último, comunicando que, em Assembléia Geral do Povo Maçônico, convocado pelo Grão-Mestre Grande Comendador Geral da Ordem e realizada a 20 de março próximo passado o Muito Poderoso Irmão Saldanha Marinho resignou o elevado cargo que há 19 anos exercia do 1º Malhete da Ordem, descrevendo minuciosamente todas as circunstâncias havidas por esse tal motivo,

comunicando também que o Sapiientíssimo Irmão Grão-Mestre Adjunto Logar Tenente Comendador, Barão de S. Félix, havia resignado esse logar em vista de sua avançada idade e estado mórbido, marcando o dia 21 de agosto próximo futuro para ter logar a eleição dos cargos vagos no Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil, bem como o dia 21 de outubro para a apuração geral dessa eleição; e, dando finalmente instruções pelas quais se regularia o Grande Oriente enquanto não fossem empossados os novos Grão-Mestre Comendador e Grão-Mestre Adjunto Logar Tenente Comendador”.

Campanha da Abolição

O ano de 1884 marca o período áureo da Loja “Amazonas” no século dezenove.

O desejo de liberdade para os escravos dominava as aspirações maçônicas.

A 29 de março daquele ano glorioso, a Oficina celebrava uma sessão magna, com a presença do mundo profano e a colaboração da banda de música do 2º Batalhão, para distribuir cartas de alforria aos negros escravos.

Novamente como Venerável Mestre, o Irmão Francisco Públio Ribeiro Bittencourt abriu os trabalhos daquela sessão, sob o som carinhoso e generoso do golpe de seu Malhete, proferindo um eloquente discurso a respeito do ato transcendente que se comemorava, passando as cartas de alforria às mãos do Irmão Theodureto Carlos de Faria Souto, então Presidente da Província do Amazonas, para entregá-las, como o fez, com palavras cheias de amor e de bondade, aos libertandos, que as receberam com verdadeiro júbilo e extenso contentamento.

Esse impulso libertário não haveria de esmaecer, mas, pelo contrário, tomaria novos rumos luminosos, pois, logo a 17 de abril, tomava-se a iniciativa de proferir conferências públicas, a fim de que todas as inteligências se conscientizassem da Idéia da emancipação e outras concentrações se promovessem para incrementar o fundo de emancipação criado pela Oficina, com a finalidade, é óbvio, de libertar os negros de seu cativeiro.

A primeira conferência pública ter-se-ia realizado no largo do Palacete, através a palavra do Irmão João Marques de Lemos Bastos, previamente designado para essa missão bastante humana e de esclarecimento sobre um dos mais graves problemas sociais em que se empenhavam, ardorosamente, todos aqueles que defendiam o direito de igualdade entre

os brasileiros, até então distanciados, uns dos outros, pela cor da pele.

Apenas uma semana mais tarde, o Irmão Manoel da Silva Campelo, "proferiu um discurso alusivo à causa da abolição da escravatura neste Vale, terminando por propor que se fundasse um jornal abolicionista cujo fim é fazer propaganda no seio do povo a fim de que este se convença que deve entusiasmar-se com todo vigor à causa santa da liberdade", sugerindo, ainda mais, que aquele veículo de comunicação e defesa dos oprimidos se difundisse pelo Império como órgão do anseio emancipador da Província do Amazonas.

Aprovada a idéia, foram escolhidos os Irmãos Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, Manoel da Silva Campelo, João Lopes Ferreira Filho, João Carlos da Silva Jatahy, Bernardo de Souza Cruz, Francisco Antonio Monteiro, João Marques de Lemos Bastos, Luiz Mesquita de Loureiro Marães, Pedro Aires Marinho e Justino de Paula Marques para redigirem o mencionado jornal, tendo a incumbência de escolherem a sua denominação.

Para melhor disciplinar as conferências públicas foi designada uma comissão composta dos Irmãos Leopoldo Adelino de Carvalho, João Carlos da Silva Jatahy, Justino de Paula Marques, Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, Manoel Honorato dos Santos, Antonio Dias dos Passos e Manoel Brígido dos Santos.

A segunda conferência pública teria tido lugar na praça de Pedro II, na oração do Irmão João Lopes Ferreira Filho.

Indo mais além na sua caminhada redentora, a Loja participou da instalação da Sociedade Libertadora 25 de Março e a ela permaneceu unida na luta vitoriosa da libertação dos escravos.

Enquanto esse processo evolutivo da libertação tinha prosseguimento, os Maçons amazonenses, à época integrando as Lojas "Esperança e Porvir" e "Amazonas", iam alforriando os escravos que possuíam, num exemplo salutar e patriótico ao desenvolvimento da brilhante campanha.

Na sessão de 13 de maio de 1884, o Irmão Manoel da Silva Campelo "indicou que devíamos concorrer com algum serviço em honra ao dia 24 de maio e à emancipação da capital, devendo efetuar-se do modo seguinte: que a Oficina nomeasse uma comissão para promover algumas cartas de liberdade pelo fundo de emancipação da Loja, a fim de serem entregues naquele dia, assim como nomeasse um orador; depois de discutirem alguns Irmãos, foi posta à votação a indicação, a qual foi aprovada, ficando nomeada uma comissão para angariar cartas de liberdade".

Essa comissão, constituída dos Irmãos Deocleciano Justino da Mata Bacelar, Francisco Cesar Pais Barreto e Antonio Ponce de Leão, sendo orador o Irmão Francisco Antonio Monteiro, cumpriu o seu dever, contratando a libertação de escravos, cujo pagamento saíra do fundo de emancipação e dos cofres da própria Loja.

Por outro lado, o jornal abolicionista recebia a colaboração de Obreiros que faziam o elogio emancipador, ao mesmo tempo em que a Oficina arregimentava, pelas luzes iniciáticas, novos adeptos do movimento de libertação.

À aproximação do grande evento, na sessão de 20 de junho de 1884, "o Irmão Campelo (Manoel da Silva Campelo) declarou que em vista das notícias relativas à emancipação desta Província, propunha que se publicasse o penúltimo número do jornal abolicionista no próximo domingo e o último no dia que se declarar livre a Província, devendo a tiragem ser dobrada a fim de ser distribuída por toda parte".

Estava patente o interesse maçônico pela libertação dos escravos no Amazonas e o conhecimento dessa atitude em todo o território nacional, pois as forças morais que se empregaram a favor desse objetivo supinamente humano e social, aliadas às iniciativas governamentais, onde os Obreiros se destacavam, demonstravam, à saciedade, o empenho vigoroso a prol de uma causa que preocupava o espírito nacional, somente tranquilizado, no setor da igualdade, a 13 de maio de 1888.

Finalmente, o 10 de julho de 1884: libertados todos os escravos, em praça pública, numa festa de sublime confraternização humana.

O acontecimento alegraria o coração de todos os Maçons, e, dois dias depois, na sessão da Loja "Amazonas", eram assinalados os mais nobres agradecimentos a quantos se bateram pela emancipação, distinguindo-se, em primeiro plano, um vulto inesquecível, para o qual as palavras são o mais grato penhor do reconhecimento popular:

"Tendo de amanhã se retirar para a Corte do Império o nosso ilustre Irmão Dr. Theodureto Carlos de Faria Souto, proponho a esta Augusta Oficina — dizia o Irmão Bernardo de Souza Cruz — que em homenagem aos relevantes serviços que esse Irmão prestou à humanidade na causa da abolição do elemento servil, nesta Província, se lance na ata de hoje um voto de louvor e se lhe dirija uma prancha assinada pelas cinco Luzes desta Oficina, fazendo-se nela especial menção desta resolução e agradecendo-lhe seus serviços como abolicionista, devendo nomear-se uma comissão para o acompanhar até a bordo e apresentar-lhe a referida prancha".

Com efeito, os Irmãos Nicoláu Tolentino, Manoel da Silva Campelo, João Carlos da Silva Jatahy, Deocleciano Justino da Mata Bacelar, Francisco Bento de Sá, Leopoldo Adelino de Carvalho e Bernardo de Souza Cruz integraram a comissão requerida.

Naquela mesma oportunidade, 12 de julho de 1884, os Irmãos Manoel da Silva Campelo, Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, Leopoldo Adelino de Carvalho, Bernardo de Souza Cruz, João Carlos da Silva Jatahy, Lourenço Pessoa, Manoel Brígido dos Santos, Isaac Amaral e João Lopes Ferreira Filho foram louvados pelo trabalho que desempenharam na redação do jornal abolicionista.

Todos os serviços prestados pelos Obreiros à causa da libertação dos escravos, foram, pela Oficina, considerados serviços relevantes.

Como sinal de reconhecimento ao empenho da Maçonaria a favor da emancipação, representada, nesta região, pelas Lojas "Esperança e Porvir" e "Amazonas", ambas receberam o título de Beneméritos, conferido pelo Marechal Manoel Deodoro da Fonseca, Presidente da República e Grão-Mestre Soberano Grande Comendador da Ordem Maçônica no Brasil.

Esse título foi lido e transcrito no expediente da sessão de 29 de outubro de 1891, sob entusiásticos aplausos.

Sociedade Beneficente Amazonas

Com a denominação de Sociedade Beneficente Amazonas, a Loja instalou, a 26 de fevereiro de 1885, um organismo de assistência social, cuja solenidade de inauguração fora prestigiada pela presença de comissões da Sociedade Imperial dos Artistas do Amazonas e Sociedade Montepio Socorro dos Artistas.

Sua primeira Diretoria ficou assim constituída: Presidente, Francisco Públio Ribeiro Bittencourt; 1º Vice-Presidente, João Lopes Ferreira Filho; 2º Vice-Presidente, Aquiles Artur George Jacquot D'Anthonay; Orador, Bernardo de Souza Cruz; 1º Secretário, Leopoldo Adelino de Carvalho; 2º Secretário, Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt; e, Tesoureiro, Ernesto Batista Pereira.

A Sociedade Beneficente Amazonas instalou-se mediante aprovação do governo da Província, datada de 9 de outubro de 1884.

Recepção ao Irmão Padre Guilherme Dias

A 29 de junho de 1893, a Loja recebeu a visita do ilustre Irmão Padre Guilherme Dias, que, antes, pronunciara, num dos mais seletos auditórios de Manaus, a conferência pública intitulada "Instrução e Educação", a qual merecera a atenção da crítica jornalística.

O distinto sacerdote, a 1º de julho, comparecera a uma sessão magna da Oficina, produzindo um discurso bastante aplaudido, o qual se fizera ouvir não apenas pelos Maçons presentes à solenidade, como, também, pelas famílias que compareceram ao ato que se processava.

Inauguração do Templo

As atividades da Loja, no século passado, seriam coroadas com a inauguração do seu novo Templo, verificada a 25 de março de 1899.

É bom lembrar, entretanto, que, desde a sua instalação, a 4 de março de 1877, até o dia 22 de abril do mesmo ano, a Oficina funcionou na residência do Irmão Manoel Joaquim Portilho Bentes, localizada na esquina da rua dos Andradas com a rua Leovigildo Coelho; daquela data, até 10 de junho, as suas sessões realizaram-se na casa do Irmão Vicente Pinto de Miranda, transferindo-se para o sobrado de propriedade do Irmão Joaquim Pinto Ribeiro, situado à rampa da Imperatriz, a atual rua Dr. Moreira; e, posteriormente, abrigara-se no Templo da Loja "Esperança e Porvir", de onde, por fim, encetaria os seus trabalhos, sob as próprias abóbadas.

A festa de inauguração do Templo foi noticiada pelo jornal "Amazonas", em sua edição de 28 de março de 1899, descrevendo-a em seus mínimos detalhes:

"Realizou-se no sábado último a solene inauguração do Templo Maçônico de propriedade da Loja "Amazonas".

Foi uma festa que esteve acima do que era esperado.

O Templo, como todo o edifício, estava majestosamente decorado e brilhantemente iluminado a gaz acetilene.

Às 7 horas da noite o edifício já estava literalmente cheio.

O Templo, apesar de suas vastas proporções, era pequeno para conter o elevado número de Exmas. famílias e cavalheiros, que concorreram ao cerimonial.

Às 8 e meia horas começou o cerimonial da inauguração, sendo nele observadas as prescrições do ritual.

Presidiu a sessão o Venerável da Oficina Sr. Joaquim Francelino de Araujo.

Todas as Lojas congêneres, com sede nesta capital, se fizeram representar ao ato por comissões de 7 membros cada uma.

Terminada a formalidade da inauguração, produziram brilhantes discursos o orador da Loja Sr. F. Pedro de Sampaio e os Srs. Dr. Raimundo da Silva Perdigão, como relator da comissão representativa da Benemérita Loja Esperança e Porvir, Felipe Joaquim de Souza Neto, da Conciliação Amazonense, Capitão Rodolpho G. de A. Cavalcante, da Rio Negro, Leonel Mota, da Aurora Lusitana. Também produziu bela peça oratória o Sr. Dr. Plácido Serrano, Delegado interino do Grão-Mestre da Ordem.

Falou ainda o Sr. Lourenço do Valle em nome da Sociedade dos Empregados do Comércio.

Terminado o ato inaugural seguiu-se animado baile, que findou ao alvorecer de domingo.

A festa esteve sempre animada.

A comissão dos festejos foi sempre muito solícita em obsequiar os seus convivas.

Anteontem à noite estava de novo repleto de senhoras e cavalheiros o edifício inaugurado: foram assistir à conferência, que realizou o Sr. Dr. Plácido Serrano.

O ilustre conferencista, com a verbosidade e eloquência que lhe são peculiares, falou por mais de uma hora, expondo detalhadamente os princípios e fins da Maçonaria, bem como os alevantados serviços por ela prestados à humanidade.

O distinto orador, com seu verbo inflamado de entusiasmo, e com a convicção de suas crenças, atraiu completamente a atenção do grande auditório, que o ouvia em absoluto silêncio.

Concluída a sua oração, foi o Dr. Plácido Serrano freneticamente aplaudido e muito cumprimentado.

As festas de sábado e domingo últimos, da Loja "Amazonas", estiveram acima de todo o elogio.

Durante o dia de anteontem, desde pela manhã até à noite, o novo Templo Maçônico foi visitado por pessoas de todas as camadas sociais".

O jornal "A Federação", no dia seguinte, 29 de março, expediu a sua opinião sobre aquele ato inaugural:

"Como prometemos, passamos hoje a descrever a solenidade de inauguração do novo Templo da Loja "Amazonas". Em primeiro lugar seja-nos permitido tratar do Templo. De construção esmerada, ornamentado a capricho, agradou-nos bastante, apenas notando que não obedeça ele a uma determinada ordem arquitetônica na sua feitura. Além disso, seja-nos permitido um reparo feito de harmonia com o ritual maçô-

nico. O Ocidente, nos Templos Maçônicos, deve apresentar uma abóbada incompleta, como por acabar, porquanto não se explica a presença dos Obreiros no Templo uma vez este concluído. A obra maçônica, sempre a fazer-se, pede este simbolismo especial. Notamos ainda que as duas colunas não se apresentam de bronze como deveriam ser, observando que os capitéis são desgraciosos, sem arte alguma. Outro tanto se pode dizer da pintura da abóbada que não obedece nem à arte, nem ao ritual. Imita mal o céu e não mostra diferença da luz que devera mostrar entre o Oriente e o Ocidente. Claro o céu do Oriente vai aos poucos ficando escuro o Ocidente, carregado de grossas nuvens. Isto é o a b c do ritual, cousa que os menos entendidos em Maçonaria sabem. Outros reparos poderíamos fazer, mas por hoje bastam estes.

A cerimônia de inauguração esteve boa, contudo nela notamos uma falta. Uma vez que havia profanos no recinto, o estilo pedia que se inaugurasse o Templo com as portas fechadas e todo o cerimonial do ritual, para depois abri-lo aos profanos. Assim não só não seria necessário abolir palavras, toques e sinais, como que se não teria que misturar o ritual com cousas inteiramente profanas, mutiladas as cerimônias por causa destas. Seria melhor, sem dúvida, muito mais regular maçonicamente.

No mais esteve boa a festa, excelente o baile, magnífico o serviço de buffet, abundante e delicado. Pena que não fosse uma orquestra em vez de banda marcial; pena que, quando o órgão gemeu, uma voz não se erguesse de cantora a cantar o hino maçônico ou o da Loja se acaso o tem. Faltas pequenas, é verdade, mas nas quais repara quem é Maçon e está habilitado a todas as pompas da Maçonaria.

Em todo o caso, um bravo à Loja "Amazonas" pela inauguração do seu Templo".

Sessão de Lowtons

O novo século se iniciaria, na Loja "Amazonas", com uma bela sessão de Lowtons, dela participando todas as Oficinas có-irmãs, relembra, em 1927, por um noticiário publicado no "Diário Oficial" do Estado, quando, por motivos superiores, não se pudera comemorar, com a merecida distinção, a passagem do cincoentenário de regularização da mesma Loja:

"De todas as festas maçônicas realizadas em Manaus, até hoje, nenhuma foi tão solene nem despertou tanta atenção como a realizada no rico e suntuoso Templo da Loja "Amazo-

nas", a 1º de janeiro de 1900. Era a festa de adoção de Lowtons.

A Loja "Amazonas", que honra o Oriente de Manaus, além das suas ricas alfaias estava rigorosamente decorada. Nas paredes do elegante Templo, forradas com estofado branco, ornadas de folhagens e grinaldas de flores, viam-se abelhas espalhadas.

A brilhante decoração fora confiada ao habilíssimo armador Joaquim Carvalho.

Abaixo do trono tinha um altar triangular, o altar da consagração, sobre o qual se achavam o turíbulo, água, sal, mel, vinho, pães triangulares, luvas, aventais e as medalhas.

Às oito horas da noite daquele dia, depois de abertos os trabalhos, tiveram ingresso no Templo as Exmas. Senhoras por uma comissão, tocando a música no momento.

O Venerável da Oficina, acompanhado dos Veneráveis das Lojas "Rio Negro" e "Aurora Lusitana" que ocuparam os lugares do Orador e Secretário, dirigiu-se ao altar da consagração e aí fez a invocação ao Supremo Arquitecto do Universo a fim de abençoar os produtos que ornavam o mesmo altar.

Em seguida, foram introduzidas no Templo as crianças que iam ser batizadas.

Feita a promessa dos padrinhos, começou a belíssima e solene cerimônia do batismo maçônico, uma das mais belas do ritual".

Fundação do Dispensário Maçônico

Foi na Loja "Amazonas" que se realizou, no dia 1º de agosto de 1915, a fundação do Dispensário Maçônico, com o fim de socorrer os necessitados da cidade de Manaus.

Para a consecução desse humanitário objetivo, reuniu-se a Assembléia do Povo Maçônico, presidida pelo Irmão José Cardoso Ramalho Júnior, Grão-Mestre do Grande Oriente Estadual, coadjuvado pelos Irmãos Pedro de Alcântara Freire, José Gonçalves Dias, Domingos José de Andrade e Agnello Bittencourt, que ocupavam os cargos de 1º Grande Vigilante, 2º Grande Vigilante, Grande Orador e Grande Secretário, respectivamente.

Morte de um Almirante

Na sessão de 4 de setembro de 1919, ficou registrado o seguinte voto de pesar:

"A Augusta e Benemérita Loja Capitular "Amazonas", profundamente penalizada pelo triste acontecimento que aca-

ba de enlutar a Armada Nacional, com a morte do Almirante Raimundo Valle, e tendo na mais alta consideração os serviços que prestou à nossa Pátria, resolve inserir nesta ata um voto de profundo pesar como preito de homenagem à sua memória, à sua grande dedicação e amor a este país que ele tanto soube honrar".

Construção de uma Obra de Arte

Na Venerança do Irmão Luiz Marinho de Araujo, com o concurso de vários Obreiros do Quadro da Oficina e de Obreiros de outras Lojas, foi realizado, no salão de honra, o serviço de substituição do velho assoalho, por um novo, no valor de dois contos seiscentos e vinte e cinco mil e quinhentos réis (2:625\$500), cuja obra, de acapu e pau amarelo, obedeceu à perfeição artística dos seus construtores, traduzindo, nos emblemas que apresenta, a simbologia dos instrumentos de trabalho maçônico.

É uma verdadeira relíquia, que ainda existe, atestando, por longos anos, o amor e a dedicação daquele administrador à beleza e aos ensinamentos da Instituição.

Por esse seu valioso empenho, fora o Irmão Luiz Marinho de Araujo homenageado com um voto de louvor, na sessão de 20 de abril de 1920.

Falecimento do Irmão Francisco Públio Ribeiro Bittencourt

O ano de 1921 veria abater-se um dos mais fortes estelões da Loja. Esta, em sessão de 7 de abril, consignava um voto de pesar pelo falecimento do Irmão Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, o qual, além dos prestimosos serviços à Maçonaria, destacou-se no exercício de inúmeras atividades propiciadoras do progresso do Amazonas.

Homenagem ao Irmão Nilo Peçanha

É, ainda, nesse ano, que chega a Manaus o Irmão Nilo Peçanha, em propaganda de sua candidatura à presidência da República, designando-se uma comissão para recepcioná-lo. Mas, ao que tudo indica, tão somente na qualidade de Grão-Mestre Honorário da Ordem, pois, na sessão de 11 de agosto de 1921, sob a presidência do Grão-Mestre, em exercício, Irmão Henrique Taborda de Miranda, o Irmão Benjamin Malcher de Souza, ocupando o cargo de Orador, teceu "considerações sobre o grande mal que resulta para a nossa Su-

blime Ordem com a intromissão da política partidária nas Oficinas e dizendo que a política produz a paixão, o ódio, a desarmonia, anulando a concórdia, a paz, a fraternidade que devem ser e são o traço de união entre os Irmãos". Declarou, igualmente, que caso "a Maçonaria tome a si a tarefa dessa candidatura, receia que exorbitando os princípios da Ordem e tolhendo a liberdade assegurada pela Constituição a todos os Maçons, dela resultem graves divergências, no seio da Ordem, visto como, se há Irmãos que apoiam esse nome, outros há que dele divergem".

Coaduna-se esse pensamento com a orientação do Grande Oriente do Brasil, que fizera chegar, ao conhecimento da Loja, a 1º de setembro, uma circular, esclarecendo "que convindo à Maçonaria abster-se de intervir na política ativa, lembrava a esta Benemérita Oficina que as lutas partidárias não devem penetrar no interior dos Templos Maçônicos, onde há lugar para os portadores de todas as idéias e para os defensores de todas as doutrinas úteis, em suas linhas gerais, aos destinos dos povos e onde as retaliações pessoais ou apreciações de caráter agressivo deverão ser cuidadosamente evitadas, na conformidade de princípios maçônicos que em nenhum momento devem ser olvidados e que a Ordem não deve, de forma alguma, dividir-se em competições partidárias; sim, ser alheia às paixões políticas".

O Irmão Nilo Peçanha fora homenageado pelo Povo Macônico do Amazonas, no Templo da Loja, a 3 de outubro de 1921, como Grão-Mestre Honorário da Ordem no Brasil.

Foi com esse título que, a 17 de junho de 1922 se fizera a aposição, no salão de honra da mesma Loja, de uma placa comemorativa de sua passagem pela cidade de Manaus.

Decorrido o pleito para a investidura no mais alto posto do governo brasileiro, a Oficina registrava, a 2 de março de 1922, este voto de congratulações: "A Augusta e Benemérita Loja "Amazonas", regosijada justamente com o resultado da eleição para Presidente da República, na qual acaba de obter a maioria dos sufrágios amazonenses o Ilustre e Poderoso Irmão Dr. Nilo Peçanha, resolve inscrever, na ata de seus trabalhos de hoje, um voto de congratulações com o Poderoso Irmão, assim sagrado pelo apreço público, como uma grande homenagem à Democracia, cujos princípios estão acordes com os sagrados dogmas da Maçonaria".

Morte da Princesa Izabel

Ainda em 1921, dia 24 de novembro, o Irmão Rego Barros "fala sobre o falecimento, em França, no dia 14 do

corrente, da excelsa Princesa Imperial do Brasil, D. Izabel, cognominada — A Redentora, cujos serviços comunica, propondo, o que foi unanimemente aprovado", o registro de um voto de pesar, apresentando a seguinte justificativa:

"Considerando que a Maçonaria não pode ser indiferente aos grandes fatos da história contemporânea, especialmente dos que, de perto, tocam ao nosso país;

Considerando que, assim, não pode a Benemérita Loja Capitular "Amazonas" deixar passar sem registro, nos seus fastos, o lutuoso acontecimento que acaba de roubar a vida preciosa e útil da Princesa Izabel, à qual deve o Brasil assinalados serviços, sendo ela a grande fundadora da nossa liberdade de nação — Fica inserto, nesta ata, um voto de profundo pesar pela morte da Augusta e inesquecível Senhora".

Presença dos Irmãos Gaspar Guimarães e Agnello Bittencourt

No dia 16 de novembro de 1922, realiza-se uma das mais gratas reuniões, sob a Venerança do Irmão Luiz Marinho de Araujo, na qual o Irmão Benjamin Malcher de Souza, "diz sentir-se satisfeito por ver ao lado do Venerável Mestre duas altas dignidades maçônicas — Desembargador Gaspar Guimarães e Professor Agnello Bittencourt. O primeiro representa a alta magistratura do Amazonas, como membro do Supremo Tribunal de Justiça, cargo que também exerce no Tribunal de Justiça do Grande Oriente Estadual. Professor conceituado da nossa Universidade e orador consagrado, afastado, por algum tempo, desta Benemérita Oficina, vem hoje reforçar as suas colunas. O segundo, o Professor Agnello Bittencourt, que acaba de representar com relevo o nosso Estado no certame do Centenário, é um Irmão que relevantes serviços tem prestado à nossa Ordem, ocupando atualmente as funções de Grande Secretário do Grande Oriente do Amazonas. Em nome desta Benemérita Oficina sente imensa satisfação de apresentar saudações aos dois Poderosos Irmãos. Em palavras cheias de carinho o Desembargador Gaspar Guimarães e Professor Agnello Bittencourt agradecem as saudações do Irmão Orador, dizendo o primeiro que, conquanto afastado da Maçonaria, não tem esquecido o seu dever para com esta Sublime Ordem".

Pesar pela Morte de Guerra Junqueiro

Em 12 de julho de 1923, o Irmão Benjamin Malcher de Souza "declara que uma dolorosa notícia repercutiu com fra-

gor, semelhante a uma magestosa catedral que se abate, enristecendo toda a nação brasileira; quer referir-se à morte de Guerra Junqueiro. Este grande vulto da nação amiga, Portugal, que enriqueceu poderosamente a língua que falamos, era mais que um homem de letras, parecia um gigante na poesia e um titã na prosa, que se destacava de maneira sublime dentre os mais insígnies buriladores da literatura, deixando para atestar este conceito, o grande número de suas ricas obras, compulsadas por todos aqueles que são amantes e se dedicam à boa leitura. Diante deste golpe que Portugal vem de sofrer tão rudemente, de cuja dor o Brasil compartilha, não pode a nossa Benemérita Loja ficar indiferente, tanto mais quanto, ainda, recentemente, a nação irmã, manifestou a sinceridade do seu pesar quando do desaparecimento desse outro grande vulto que se chamou Rui Barbosa. Propunha, pois, que no balaustre da presente sessão fosse inserido um voto de pesar, transmitindo-o ao conhecimento do representante de Portugal entre nós, sendo esta proposta unanimemente aprovada”.

Sessão de Luto

A sessão de 3 de abril de 1924, presidida pelo Irmão Raul de Azevedo, seria de luto.

É que o Irmão Benjamin Malcher de Souza “participa haver falecido, no Rio de Janeiro, o Poderoso Irmão Senador Nilo Peçanha”.

E continua o orador: “Esse lutuoso acontecimento, que só pode ser comparado a uma horrorosa catástrofe, arrebatou ao mundo, ao Brasil, um homem insígne, o verdadeiro apóstolo da Democracia, aquele que encarnava em si o verdadeiro tipo do puro republicano. Galgou ele, pelos seus lídimos merecimentos, pelo seu saber, os mais elevados postos que são possíveis para o homem público do nosso País, atingindo, também, na Maçonaria Brasileira, o mais alto posto, e é de hoje, do nosso tempo, a sua ação elevada no desempenho do cargo, no qual soube imprimir a magestade própria da investidura”.

O mesmo Irmão “perorou ainda com elevação de linguagem sobre a personalidade de Nilo Peçanha, exalçando os méritos desse grande vulto nas variadas modalidades da vida, terminando por pedir luto por 13 dias e suspensão dos trabalhos com a bateria tríplice de luto”.

Depois de uma semana dessa atitude, o Irmão Raul de Azevedo “traz ao conhecimento da Oficina a notícia de que, em reunião realizada no Grande Oriente Estadual, ficou deli-

berado levar-se a efeito, em nosso Templo, uma sessão de caráter patriótico, para homenagear a memória desse grande vulto que vem de desaparecer, Nilo Peçanha, cujas virtudes cívicas transpuzeram as barreiras da nação para repercutirem com agrado no exterior, onde o seu nome era sobejamente acatado, principalmente nos centros financeiros”.

Com efeito, o Povo Maçônico do Amazonas reuniu-se a 2 de maio de 1924, em homenagem póstuma ao Irmão Nilo Peçanha, cuja oração oficial fora proferida pelo Irmão Pedro de Alcântara Freire, um dos maiores Maçons da nacionalidade.

Programa de Trabalho

A 27 de junho de 1924, o Irmão Giuseppe Pagani Vulcani, ao assumir a Venerança da Loja “Amazonas”, leu o seu programa de trabalho:

“Bem fáciil vos será compreender, meus caros Irmãos, quanto esteja eu comovido neste momento, em que, pelo vosso sufrágio e extrema bondade, tenho de empunhar o primeiro Malhete para reger os destinos desta Benemérita Loja “Amazonas” no período administrativo de 1924/1925.

Neste momento, ainda mais solene pelo brilhante concurso de vossas presenças, em que neste Augusto Templo se me afigura com todo o rigor a Magestade da Cadeira que ocupo, sinto em toda a sua plenitude, a gravidade dos encargos que assumo, toda a severa e justa expectativa de que estais possuídos, e todas as dificuldades que irei encontrar na minha administração, para que algo de proveitoso possa advir em prol do engrandecimento e progresso da nossa Augusta e Benemérita Loja.

*

* *

Não vos direi que de bom grado quero subtrair-me à solução dos problemas que se me apresentam; também não vou repetir que outros mais dígnos e mais esforçados deveriam ter colhido os vossos votos. Quizestes-me, e, pensando que é dever de cada um aceitar o logar honroso que os Irmãos lhe destinam, tanto mais quanto se juntam, a esse logar, sacrifícios e deveres não leves, — eu aceito o que me foi designado, prometendo envidar todos os meus esforços, toda a minha boa vontade no conseguimento dos justos fins para que nos congregamos.

Aceito o cargo, agradecendo-vos do fundo do meu coração a prova de afeto, confiança e estima máxima com que me distinguistes.

Árdua, como disse, é a tarefa dos deveres a cumprir no campo de nossa atividade maçônica, maximé para mim, que antevejo dificuldades a superar, para prosseguir a obra gloriosa e eficaz do Poderoso Irmão Venerável que me precedeu. Mas estou certo que tornar-se-á menos dificultosa a jornada a seguir, pelo valioso concurso de todos, animados e firmes nos verdadeiros sentimentos fraternais, que não será negado, com o qual, certo, conseguir-se-á escalar os píncaros da nossa alcandorada aspiração.

Estou bem persuadido que as energias coligadas entre si, em um só escopo determinado, constituem a vida e a prosperidade da coletividade.

Confio, por isso, no vosso profundo amor pela Instituição, e para que a nossa obra seja fecunda, é indispensável que fraternos e coletivos sejam os nossos trabalhos, baseados na harmonia de pensamentos e ações, de concórdia e tolerância, de respeito mútuo e acatamento de opiniões de cada um.

Será meu lema: agir em tudo e por tudo observando e fazendo observar estritamente as leis que nos regem, ouvindo, acatando e executando as determinações que me forem dadas.

Meu programa, não distanciando-se dos luminosos traços marcados pelo meu antecessor, o nosso bem amado Irmão Coronel Raul de Azevedo, inspirar-se-á na continuação do quanto está expresso na plataforma administrativa, lida em sessão de 28 de junho de 1923.

Necessitamos familiarizar a Maçonaria, incentivando a propaganda sadia e forte pelo bom exemplo, pautando todos os nossos atos no caminho da honra, do dever, da justiça e na fraternidade efetiva que deve reinar entre todos nós.

O mundo profano repete que somos uma Associação de Socorros Mútuos, que não temos outro fim senão favorecer os Irmãos ou adeptos. Devemos, pois, reagir energicamente e com fatos, contra tal asseveração, demonstrando que a Maçonaria tem por escopo o bem-estar da humanidade na vida material e no progresso intelectual.

Aqueles — e não serão poucos — que nos pedirem para fazer parte da nossa família com o intuito único de conseguirem proteção e amparo para a realização de aspirações inconfessáveis, devemos irremessivelmente fechar-lhes as portas.

Infelizmente tem havido, em pequena parcela, é certo, pouco escrúpulo ou demasiada tolerância, na admissão de profanos carecedores de requisitos essenciais, quer morais, quer intelectuais para a nítida compreensão dos fins alta-

mente filosóficos e altruísticos da nossa Sublime Ordem o que de algum modo concorre à diminuição do nosso crédito.

Portanto, compete-nos, meus caros Irmãos, oferecer forte barreira à entrada desses falsos adeptos, recepcionando somente aqueles que, pela sua reconhecida moralidade, capacidade intelectual e posição social, possam ocupar um lugar honroso entre nós. Devemos selecionar, porque pela qualidade daqueles que ornamentam as nossas colunas, é que poderemos enaltecer o valor da nossa Instituição, seja desdobrando o manto tutelar da justiça sobre todos, na mais escrupulosa honestidade de propósitos e ações, seja empregando enérgica defesa dos direitos reclamados pelas leis naturais.

Assim, teremos conseguido fatores preponderantes que concorrerão eficazmente ao merecido respeito, mantendo-nos em superior plano do mundo profano, a que fazem jús as nossas tradições e a nossa missão.

*

* *

Penso que devemos, embora com sacrifícios, continuar na manutenção da "Escola Cônego Januário", criada por Decreto do nosso Eminentíssimo Grão-Mestre Desembargador Gaspar Guimarães, porque, desta forma, concorreremos fortemente ao auxílio da campanha intentada contra o analfabetismo, preparando, destarte, os homens do futuro, na resistência ao mal, para a vitória do progresso dos destinos do País.

É imprescindível também continuarmos a obra de restauração do nosso magestoso Templo, em boa hora iniciada pelo Benemérito Irmão Alfredo Arruda, em 1917, e carinhosamente seguida e quase concluída pelo esforçado Venerável que vem de findar o seu mandato.

Nessas condições, pois, merecem os nossos cuidados os corredores internos que ladeiam o nosso Templo; penso que o assoalho — antigo e deteriorado — deve ser substituído por um ladrilhamento, tornando-o, desse modo, mais higiênico e de melhor efeito estético.

O Altar dos Juramentos e bem assim as duas colunas que o completam, já não são mais consentâneos à harmonia e decoração do Templo; merecem uma substituição por outros a caráter, que realcem a suntuosidade do primeiro Altar.

Também a sala de banquetes reclama a nossa atenção numa reforma radical, para que, além da estética, possa se tornar mais adaptável às exigências do fim a que é destinado.

*

* *

É quanto me ocorre dizer-vos, meus caros Irmãos; e para o conseguimento desses propósitos é necessário aumen-

tar a nossa receita, e por isso conto, como já disse, com o auxílio valioso de todos vós, numa dígna colaboração, num conjunto de paz, concórdia e harmonia, amor e dedicação, estreitando-nos num fraternal entendimento e conagração de energias, a caminhar, caminhar, seguindo sempre para a frente, ultrapassando obstáculos e entraves, sem repouso, firmes e fortes no nosso ideal, pelo engrandecimento e progresso da Benemérita Loja "Amazonas".

Revolução de 1924

A 23 de julho de 1924 irrompeu, no Amazonas, uma revolução chefiada pelo Tenente Alfredo Augusto Ribeiro Júnior e a Loja dela se apercebera para nomear os Irmãos Miguel Monteiro, Ildefonso Almeida e Manoel Esteves Coutinho com a missão de visitarem o Irmão Coronel Pedro José de Souza, que se encontrava internado na Santa Casa de Misericórdia, em consequência de ferimentos por bala, quando das operações militares ocorridas.

A comissão aludida cumpriu o seu dever, e, em 9 de outubro, ficava assinalado o reconhecimento da Loja "Rio Negro", nos termos abaixo, redigido pelo Irmão Francisco Farias de Carvalho, que exercia o cargo de Secretário daquela Oficina:

"De ordem do meu Poderoso Irmão Venerável e em nome desta Augusta e Respeitável Loja, cumpro o grato dever de agradecer a essa Benemérita Oficina e, particularmente, a cada um dos seus dígnos Obreiros de seu Augusto Quadro, as eloquentes, carinhosas e fraternais provas de amizade tributadas ao Poderoso Irmão deste Quadro Coronel Pedro José de Souza, durante a enfermidade que o reteve por muitos dias no hospital da Santa Casa de Misericórdia desta cidade.

A Loja "Rio Negro", dando graças ao Supremo Arquiteto do Universo pelo restabelecimento do seu dileto filho, também faz justos votos em prol do engrandecimento dessa Benemérita Oficina e pela felicidade pessoal de seus distinguidos Obreiros, cujo belo procedimento com aquele nosso esforçado Irmão serviu para demonstrar, mais uma vez, que os operários da Benemérita Loja Amazonas continuam cheios dos caridosos sentimentos que constituem o apanágio dos verdadeiros Filhos da Viúva".

Homenagem ao Irmão Joaquim Moreira Sampaio

Foi, também no ano de 1924, 13 de setembro, que a Loja "Amazonas", na Venerança do Irmão Giuseppe Pagani

Vulcani, cedeu o seu salão de banquetes, no sentido de que, juntamente com as Oficinas có-Irmãs, sob os auspícios do Grande Oriente Estadual, se oferecesse um ágape fraternal ao Irmão Joaquim Moreira Sampaio, Membro do Ilustre Conselho da Ordem e Presidente do Conselho de Kadosch, "pessoa de superior destaque no Poder Central, exercendo, temporariamente, neste Oriente, o cargo de Médico-Chefe do Corpo de Saúde do Departamento Norte".

Incorporação ao Grande Oriente do Amazonas e Acre

A 24 de junho de 1927, no Templo da Loja "Amazonas", foi proclamada a soberania do Grande Oriente do Amazonas e Acre, ao qual incorporou-se a Oficina, que continuou a ter, à frente dos seus trabalhos, os mais distintos Maçons, enobrecedores do Malhete que se lhes entregava, conduzindo-o com dignidade e cultura, com segurança e sabedoria — virtudes próprias dos Veneráveis Mestres.

Na oportunidade, pertencendo a uma nova Potência Maçônica, constituiu-se das seguintes Luzes: Venerável, Camilo Lelis Pacheco Amora; 1º Vigilante, Ricardo Mac-Lean; 2º Vigilante, Fenelon Bamilcar; Orador, Benjamin Malcher de Souza; e, Secretário, Antonio de Paiva Cavalcante.

O Irmão Alfredo Cândido Arruda foi o primeiro representante da Loja junto ao Grande Oriente do Amazonas e Acre.

Cincoentenário de Regularização

Aproximava-se o dia 29 de julho de 1927 e a Loja tomava as primeiras medidas, a 30 de junho, para festejar a data da sua regularização, designando os Irmãos Ricardo Mac-Lean, Fenelon Bamilcar e Giuseppe Pagani Vulcani para programarem a festividade.

Enquanto o cincoentenário de fundação da Loja nenhuma homenagem tivera, o cincoentenário de regularização seria brilhantemente comemorado se, dias antes, não houvesse falecido o Irmão Pedro de Alcântara Freire, "que tão bons e reais serviços prestou à Maçonaria Amazonense e a esta Grande Benemérita Oficina", que, num registro de dor e de saudade, fez consignar, na ata dos seus trabalhos de 21 de julho, um sentido voto de pesar pelo passamento do ilustre Obreiro da Arte Real.

O acontecimento, porém, não passou despercebido. Embora sem pompas, fora comemorado, com simplicidade, no

interior do Templo, na sessão de 28 de julho, ficando, assim, assinalado:

“O Poderoso Irmão Dr. Benjamin Malcher de Souza, Orador desta Oficina, delegou poderes ao Poderoso Irmão Francisco Castelo Branco, para dizer alguma coisa sobre a data de amanhã, em que esta Benemérita Loja “Amazonas” completa 50 anos de sua regularização. O Poderoso Irmão Francisco Castelo Branco agradece a gentileza de que se reveste a sua designação para discorrer sobre o jubileu da nossa querida Loja. Sente-se acanhado para erguer a sua voz, maximé depois que se fizera ouvir o verbo primoroso e autorizado do Poderoso Irmão Orador Benjamin de Souza, ilustre Orador desta Casa, a cuja deferenciosa proposta ele deve, com surpresa, a honra de falar nesta hora, que as circunstâncias tornam grande e magestosa. Não encontra expressões para traduzir o seu justo regosijo e nobre ufania ao recordar o notável acontecimento histórico, cujo quinquagésimo aniversário, a transfluir amanhã, despertará das sombras do passado, os vultos intemeratos dos nossos predecessores para fazê-los assomar redivivos, nos quadros reflexos dos seus ideais e dos seus feitos. Enaltece a vultosa obra dos abnegados Irmãos que fundaram esta Oficina e dos seus dignos continuadores: Ao seu esforço devemos o belo e suntuoso Templo que nos abriga, dotado de todas as utilidades necessárias aos nossos trabalhos. Ao seu incontido altruismo deve a nossa Loja o nobilitante título de Benemérita, conquistado nas lutas pela vitória da causa abolicionista. Narra a vida desta Oficina: é compor um poema ao trabalho, é entoar um hino à Caridade! Recordar os seus assinalados serviços à Ordem e à Humanidade é afirmar a constância, o esforço, a perseverança e a dedicação daqueles que foram seus devotos mantenedores. Cumpre-nos, pois, como atuais depositários de tão dignificantes tradições, glorificar todos os fatores, grandes e pequenos, que concorreram para a vida e prosperidade da Loja Amazonas. Assim procedendo, darão os amados Irmãos do nosso Quadro inconcussa prova da sua elegância moral e subida compreensão da justiça, rendendo aos seus Irmãos maiores o devido preito de admiração e reconhecimento”.

Usando da palavra, “O Soberano Grão-Mestre disse que a sua presença neste Templo tinha por principal escopo congratular-se com os Irmãos da Benemérita Loja “Amazonas”, pela data a transcorrer dentro de poucas horas e que marcará o quinquagésimo aniversário da regularização desta Oficina, realizada a 29 de julho de 1877. Infelizmente, o luto recente pela irreparável perda do inolvidável Irmão Coronel

Pedro de Alcântara Freire, um dos apóstolos da Maçonaria e uma das dignidades da Ordem, obstava a que se festejasse condignamente o memorável acontecimento. Entretanto, não podia deixá-lo passar em silêncio e dentro das suas atribuições desejava dar uma prova de alta consideração que lhe merecia a prestigiosa e querida Loja, onde, pela vez primeira, há mais de trinta e tres anos, vira a Luz da Sabedoria. A Loja Amazonas, que já era Benemérita da Ordem, “por ter cooperado com tenacidade e devotamento, para que fosse extirpada a escravidão do solo amazonense”, cabia de direito maior galardão. Assim, no dia seguinte, em que ela completaria meio século de vida regular maçônica, pretendia expedir um Decreto “ad-referendum” da Soberana Assembléia Geral, elevando-a à Grande Benemérita, em atenção aos seus inestimáveis cinquenta anos ininterruptos de bons serviços prestados ao engrandecimento e à prosperidade da Maçonaria, ficando dispensada de qualquer contribuição pela respectiva Patente. Esperava que este seu ato trouxesse ainda maior estímulo aos que hão concorrido com a sua assiduidade, zelo e dedicação aos ideais maçônicos, para que a Loja “Amazonas” chegasse a ser o grêmio preferido pela Família Maçônica do Oriente do Poder Central. Terminava, pois, juntando às suas felicitações pessoais, os votos de perfeita amizade fraternal de todo o Grande Oriente à Grande Benemérita Loja Amazonas”.

A sessão fora presidida pelo Irmão Gaspar Antonio Vieira Guimarães, Grão-Mestre do Grande Oriente do Amazonas e Acre, que recebera, durante a sua oração, sinais insistentes de aplausos.

A Necessidade da Maçonaria

Na sessão de 22 de setembro de 1927, a Loja fora apresentada pela leitura respeitosa do Irmão Benjamin Malcher de Souza, com o artigo do Irmão Gaspar Antonio Vieira Guimarães, sob o título “A Necessidade da Maçonaria”, publicado na Imprensa Oficial:

“No Universo, não há duas coisas inteiramente iguais. E como é multiforme a Natureza, que nos rodeia, assim também será uma lei eterna a pluralidade das crenças religiosas com os respectivos ritos, cada uma delas julgando-se a única.

Deste modo, por Cristo, Buda, Alah, Jeová e Baal, centenas de milhões de criaturas se têm trucidado reciprocamente, no decurso da História, em nome de Deus.

Para evitar os espantosos conflitos, originários da intolerância recíproca entre os diferentes adéptos dos credos reli-

giosos que dividem ferozmente os homens, criou-se a Maçonaria.

Esta, deixando a cada qual pensar como entender e seguir livremente a fé que abraçou, constituiu-se a Grande Mediadora entre os ódios desencadeados.

Empunhando a bandeira da Fraternidade, tornou-se campo neutro onde se amortecem os choques entre as doutrinas antagônicas.

Sob as suas abóbadas podem reunir-se os fiéis de todas as religiões, num ambiente de paz e serenidade, para glorificarem a idéia que encerra, na ordem física, a expressão do Equilíbrio Universal; na ordem intelectual, a Suprema Inteligência, que tudo rege e provê; e na ordem moral, a Justiça Imanente.

Entretanto, não é uma seita; não pretende substituir-se à religião de cada um; não é uma doutrina filosófica.

Cônsua de que a paz do mundo jamais poderá ser conseguida por uma crença única, unidade impossível de realizar-se, porquanto a variedade infinita é o característico da obra divina — a Maçonaria paira acima de todas as divergências, pregando o altruísmo acima de tudo.

Instituição imperecível, renascendo sempre das próprias cinzas, existirá enquanto houver alguma coisa que queira impôr-se pela força, às consciências livres”.

Homenagem Póstuma ao 1º Grão-Mestre

Em sua sessão de 3 de novembro de 1927, sob a Venerança do Irmão Camilo de Lelis Pacheco Amora, foi registrado, por proposta do Irmão Orador Benjamin Malcher de Souza, um voto de pesar pelo falecimento do Irmão Desembargador Raimundo da Silva Perdigão, primeiro Grão-Mestre da Maçonaria Amazonense, cujo cargo exercera no período de 1905 a 1908.

O fato lutuoso ocorreu no Rio de Janeiro.

Caravana de Vanguarda ou Ideais Maçônicos

Foi na Loja “Amazonas”, por iniciativa do Irmão Francisco Pereira da Silva, que se criou, a 1º de março de 1928, sob a Venerança do Irmão Camilo de Lelis Pacheco Amora, a “Caravana de Vanguarda ou Ideais Maçônicos”, nomeando-se os Irmãos Benjamin Malcher de Souza, Francisco Pereira da Silva, Felton Bamilcar, Luiz Marinho de Araujo e Francisco Castelo Branco para darem forma à sua organização.

O “Boletim Maçônico”, em sua edição especial de 24 de junho de 1928, num artigo assinado pelo Irmão General Sandino, manifestou-se sobre o sucesso do empreendimento: “A instituição da “Caravana de Vanguarda dos Ideais Maçônicos”, neste Oriente, foi uma feliz inspiração.

Os Obreiros que a constituem tomaram a seu cargo a nobre e elevada tarefa de pregar a fraternidade entre os Irmãos, mostrando a cada um o dever que lhes cumpre, de estarem firmes e alertas em suas colunas, na defesa dos seus princípios da Maçonaria.

São verdadeiros beduinos do civismo e dos seus princípios da paz entre os homens, esses Irmãos abnegados que, pela palavra e pela ação, reanimam os falangeários que rondam o Templo, para que estejam sempre dispostos, iluminados pela chama sagrada, para enfrentar a insídia solerte, a maldade rastejante dos tradicionais caluniadores da nossa Sublime Ordem.

A “Caravana” vai percorrer todos os oásis, para levar o seu abraço fraternal a todos os que se iniciaram e vivem à sombra amiga do suave mistério da Maçonaria.

Cavaleiros da Fé e da Esperança, no coração de cada um está o fogo amigo da verdade perfeita, o desejo de aquecer ao mesmo calor todos os peitos ofegantes dos que juraram ser bons e trabalhar em bem da Humanidade.

No Oriente de Manaus reina verdadeiro entusiasmo pelas “Caravanas”. As suas primeiras viagens em visita aos oásis da “Esperança e Porvir” e da “Amazonas”, constituíram acontecimento de brilhantismo inédito, despertaram entusiasmo ainda não sentido em reuniões anteriores, no seio da família maçônica.

Os Templos, fartos de luz e de flores, estiveram repletos. Desde as mais altas Dignidades ao mais humilde Obreiro, lá estavam todos, em reunião festiva, para receber os legionários.

“Bararuá”, com a sua palavra inflamada e sincera, foi o primeiro pregador da grande Cruzada, na visita feita à “Esperança e Porvir” — o oásis fertilíssimo donde brotou, no Amazonas, a árvore da Maçonaria.

A tese que sustentou em sua conferência mereceu ruidosos aplausos, não só pela elevação dos conceitos como também pela oportunidade do assunto.

Os Maçons do Amazonas, ouvindo a história da gloriosa Inconfidência, com os seus mártires, heróis e traidores, bem compreenderam que a vida de um povo sem liberdade, é uma verdadeira renúncia à dignidade e à honra. É a morte moral.

É a eterna vergonha de uma vida rastejante, vegetativa, de escravos sem vontade, sem Deus e sem Fé.

O segundo orador da "Caravana" foi "Wascoff", republicano de tradição, um dos espíritos mais cultos da planície do Rio Mar, Maçon de tradições as mais distintas.

A "Emancipação da escravatura no Brasil e a obra da Maçonaria" foi o tema sobre que brilhantemente discorreu, empolgando a assembléia do povo maçônico, que o ouvia entre ruidosos aplausos.

Rememorando a campanha abolicionista, invocando os seus pro-homens, traçou indelevelmente um programa de ação, mostrando que devemos ter a pertinácia, o ardor patriótico, o altruísmo dos Patrocínios, dos Nabucos, dos Luiz Gama e outros arautos da liberdade dos pretos, para entrar na luta decidida contra os que sorratamente se vão infiltrando em nosso território, pregando falsas doutrinas, escravizando o pensamento nacional, corrompendo a mocidade com uma educação viciosa e viciada, tendente a transformar os homens do futuro em instrumentos de fanatismo.

A "Caravana de Vanguarda dos Ideais Maçônicos" está chamando a postos os indiferentes, os comodistas, os desalentados... os que, por este ou aquele motivo, estavam afastados da atividade do trabalho, nos Templos, nas Oficinas...

Que venham todos os Maçons ocupar o lugar que lhes compete. A hora é de ação! Os que não estiverem fortes, coesos e unidos, serão naturalmente vencidos.

A Maçonaria, atravessando séculos, dominando em todo o Mundo, terá que honrar as suas tradições, irradiando o seu prestígio no Amazonas, pela formação de uma cadeia de união capaz de resistir a todas as investidas de seus seculares inimigos.

— Maçons, a postos! eis a divisa da Caravana de Vanguarda".

O Irmão Crisólogo Gastão de Oliveira, lembrando, a 4 de março de 1970, a obra dos caravaneiros, expressou-se desta maneira:

"Dos feitos da Loja "Amazonas", entre outros, tivera ressonância, em 1928, quando e onde nasceu, por uma feliz inspiração, a instituição da "Caravana de Vanguarda dos Ideais Maçônicos". Seu idealizador, com os aplausos e apoio dos Obreiros de então, todos, vivendo o entusiasmo dos soldados da Arte Real, foi o prestimoso Irmão e Mestre Francisco Pereira da Silva, titular, na oportunidade, da função de Orador da Oficina, que contava, reforçando o seu idealismo, com a boa vontade, dinamismo e prestígio dos governantes da Loja, Irmãos Coronel Camilo de Lelis Pacheco Amora e diplomata

Doutor Ricardo Júlio Mac Lean, além das figuras homéricas dos eminentes e festejados Irmãos e Mestres, Coronel Pedro de Alcantara Freire e José Ferreira Sobrinho e outros denodados filhos da maravilhosa Instituição dos Pedreiros Livres.

Todas as Lojas do Oriente receberam as homenagens dos caravaneiros, merecendo destacadas, porque brilhantes, marcadas, as orações dos eminentes Irmãos Vivaldo Palma Lima, Miguel Cadinali, Carlos Eugênio Chauvin, Venâncio Igrejas Lopes, Virgílio Xavier de Souza e Gastão de Castro, na "Esperança e Porvir"; Ricardo Júlio Mac Lean, Marçal Ferreira da Silva, Camilo de Lelis Pacheco Amora, além de Francisco Pereira da Silva, na "Amazonas"; Henrique Sérgio de Farias, Francisco Castelo Branco, João Severiano de Souza e Raimundo Ferreira Montenegro, na "Conciliação Amazonense"; Francisco Farias de Carvalho, Virgílio de Barros e Raimundo Coqueiro Mendes, na "Rio Negro"; e José Mendes Pinheiro, Henrique Rubim, Joaquim Rodrigues da Silva Dias e Guilherme Rodrigues Sardinha, na "Aurora Lusitana", Oficinas que, na altura, obedeciam ao comando de administrações superiores, animadas dos melhores propósitos, espelhos de dedicação, entusiasmo, respeito aos seus mandatos, por isso mesmo vitoriosas no curso das respectivas missões".

O encerramento dessa louvável iniciativa verificou-se no Templo da Loja "Amazonas", com um extraordinário brilho.

Revolução Ginasiana

Em 1930, a 12 de agosto, estudantes do Ginásio Amazonense "Pedro II" foram vítimas de violências policiais, havendo os Irmãos Agnello Bittencourt e Plácido Serrano Pinto de Andrade, repellido, com bravura, o comportamento hostil de quantos seriam os mantenedores da ordem pública.

No dia 14, a Loja "Amazonas" recebia uma comunicação da Loja "Esperança e Porvir", dizendo que, por unanimidade de seus Obreiros presentes à sessão do dia anterior, resolvera levar, àqueles Mestres, "todo conforto moral e fraterno pelos fatos que nesses últimos instantes têm sido causas de graves acontecimentos públicos", ao mesmo tempo em que pedia o devido apoio alusivo à elogiável resolução de solidariedade.

O Irmão Manoel Esteves Coutinho enaltece o gesto da só-irmã "Esperança e Porvir", manifestando o apoio a ser em-

prestado, enquanto o Irmão Francisco Pereira da Silva “disse que outro caminho não podia tomar a Loja Amazonas apoiando o gesto da sua có-irmã “Esperança e Porvir” e que ainda se acha gravada em nosso espírito a selvageria praticada no estabelecimento do Ginásio e que o Respeitável Mestre (referia-se ao Irmão Agnello Bittencourt, à época, Grão-Mestre, em exercício) era um dos que havia sentido o efeito daquela cena de selvageria, pois, um seu filho havia sido espancado pelos esbirros policiais; relatando todo o fato como se havia dado, condena a agressão feita pelo Chefe de Polícia e Delegado Auxiliar, agredindo e espancando os estudantes indefesos”.

A Loja “Amazonas”, incontinenti, dirigiu-se à residência do Irmão Agnello Bittencourt, apresentando-lhe o seu conforto e a sua solidariedade.

Ao Irmão Plácido Serrano Pinto de Andrade, exonerado do cargo de Diretor do Ginásio, foram manifestados, por escrito, aqueles mesmos sentimentos, que de imediato agradeceu.

A 11 de setembro, a Loja recebe uma carta do Irmão Agnello Bittencourt “comunicando que indisposição de saúde o impedia de ir pessoalmente como de seu dever, expressar a essa Grande Benemérita Oficina a sua sincera gratidão, pela honra que lhe dispensou, patenteando sua solidariedade fraternal, quando havia se exonerado do cargo de Diretor da Instrução Pública do Estado e manifestando seu reconhecimento por este meio, fazia com aquela exaltação de apreço e simpatia que muito lhe inspirou e merecem os seus Irmãos do Quadro a que pertencemos”.

Ainda, na mesma missiva, escrevia o grande Mestre: “As palavras de conforto e de carinho, que ouvi dos vossos lábios, a propósito do meu afastamento daquele cargo, que eu vinha servindo desde 1924 calaram-me fundo n’alma, abrolhando em meus ânimos, cada vez mais vivos, os sentimentos de uma educação verdadeiramente maçônica, aprendida em boa parte no Templo dessa Grande Benemérita Oficina”.

Revolução de 1930

Vitoriosa a revolução de outubro de 1930, o Irmão José Nelson dos Santos Ribeiro, na sessão do dia 30 dessa data, rejubila-se com a mesma e com o Irmão Francisco Pereira da Silva, por haver assumido “o lugar de Secretário de Estado aclamado pelo povo em vista da sua atitude em todo movimento revolucionário”, pedindo que fosse nomeada uma comissão para felicitá-lo.

Na sessão de 13 de novembro, o Irmão Francisco Castello Branco expressa a sua satisfação pela presença do Irmão Francisco Pereira da Silva, esclarecendo “que a sua ausência era devido aos seus grandes afazeres e que o cargo de Secretário Geral do Estado lhe trazia grandes responsabilidades e o felicita pelo gesto que sempre teve nesta capital quando da Caravana, que o mesmo se havia declarado revoltoso de conivência e não de última hora”.

O Irmão Francisco Pereira da Silva “disse que de fato a sua ausência na Loja era devido aos seus grandes afazeres e que esperava que essas faltas fossem tomadas na devida consideração e que trabalhava com todas as suas forças em benefício da família amazonense e que o seu maior empenho era evitar os adéptos de última hora e que estava coerente com a sua consciência por ter evitado os saques e os absurdos que os irresponsáveis queriam praticar e que agradecia à Loja as felicitações que lhe enviou por motivo de sua nomeação para o cargo de Secretário do Estado”.

Irmão Waldemar Pedrosa na Interventoria Federal

A 4 de agosto de 1932, a Loja recebia, do Irmão Waldemar Pedrosa, este significativo ofício:

“Gabinete do Interventor Federal no Estado do Amazonas
A Glória do Grande Arquiteto do Universo
Venerável e Luzes da Augusta Benemérita Loja
Simbólica “Amazonas”

Manaus, 27 de julho de 1932

Acuso o recebimento da excelente prancha do mês transato, subscrita pelo Venerável e Luzes e demais Obreiros dessa Augusta e Respeitável Oficina.

Foi com o máximo penhor da minha gratidão que recebi a carinhosa expressão dos vossos sentimentos de Irmão e amigo felicitando-me pela minha investidura no alto e espinhoso cargo de Interventor Federal deste Estado e pondo o vosso valioso concurso à minha disposição em favor dos interesses do Amazonas e em minha defesa própria.

Era meu desejo transpor as magestosas colunas desse Augusto Templo para de viva voz agradecer a bondade dos distinguidos Irmãos.

Os meus múltiplos afazeres não permitiram, entretanto, por isso que o faço por esta forma. Terei todavia ensejo de abraçar a todos se me oferecer oportunidade.

Agora que se busca dar orientação segura à vida do País, para cujo bem-estar e grandeza se reclama a seiva sadia dos bons batalhadores, encareço dos prezados Irmãos a vossa especial vigilância e decidido apoio na manutenção e segurança da ordem em geral e do vosso valioso Irmão em particular.

Reiterando a todos os Obreiros do Quadro dessa Respeitável Oficina os meus protestos de grande estima e elevado apreço, subscrevo-me, saudando-vos por tres vezes tres”.

Homenagem ao Irmão Silvério José Nery

Foram celebradas, no Templo da Loja “Amazonas”, no dia 26 de julho de 1934, as exéquias que a Maçonaria mandou realizar em memória do saudoso Irmão Silvério José Nery, Grão-Mestre Honorário da Instituição, exéquias essas que se constituíram em um ato solene e tocante, pois o cerimonial calou profundamente na emoção da grande e seleta assistência.

“No rigor do traje, maçons e profanos, membros da família e amigos do finado, estendiam-se em atitude de verdadeira união religiosa, do Oriente ao Ocidente, até em parte da Sala dos Passos Perdidos.

Cintilavam as lantejoulas dos emblemas maçônicos, na profusão das luzes.

É aberta a sessão. Forma-se a grande Cadeia e logo se verifica que estava partida. Faltava-lhe um elo, dos principais. O Grão-Mestre anuncia semelhante falta e faz a compungente invocação ritualística ao Grande Arquiteto do Universo.

Começam as músicas, na sua dolência funerária, a ecoar suavemente naquelas abóbadas estreladas.

O 1º e o 2º Grandes Vigilantes declamam salmos, que são a cada passo estribilhados pela orquestra. Em coro e em voz plangente, a assistência maçônica declama nêias apropriadas.

Faz-se a cerimônia do incensório e da esperção de flores diante do retrato do ilustre morto, à base da grande eça colocada no meio do Templo.

O Grande Orador pronuncia o panegírico. Recorda a figura moral do Dr. Nery, a grandeza d'alma com que enfrentava as lutas políticas, em mais de quarenta anos de trabalhos em prol de sua terra, o Amazonas. Lembra a galhardia com que tratava os adversários vencidos e acentua a fortaleza do seu espírito jamais desanimado no ostracismo. Traz à baila os serviços prestados ao Amazonas e ao Brasil, durante mais de vinte anos, na Câmara e no Senado da República, além dos que realizara, quando no Governo do Estado.

O Orador salienta a atuação do Irmão Nery como Grão-Mestre da Maçonaria Amazonense e Acreana, dizendo dos seus entusiasmos pelos princípios morais e filosóficos, que regem a diretriz dos obreiros do Bem.

Foi uma peça elegante, na forma; comovedora, na essência.

Preencheram-se as demais formalidades simbólicas, dando o Grão-Mestre por encerrada a sessão, agradecendo o comparecimento de quantos, ali, foram prestar homenagem à memória de um verdadeiro Maçon, daquele que sempre viu o ramo da acácia, a fraternidade dos homens e a grandeza da Ordem”.

Homenagem aos Farrapos

Dos arquivos da Loja “Amazonas” constam dois telegramas relativos à revolução gaúcha.

O primeiro é do seguinte teor:

“Manaus, 28 de setembro de 1935
Governador Estado Rio Grande do Sul
Porto Alegre

Loja Maçônica Amazonas apresenta vossência congratulações motivo centenário revolução farroupilha importante acontecimento glorioso passo nacionalismo querida pátria saudações respeitadas Venâncio Igrejas Lopes Presidente Loja.

O segundo é a resposta:

Palácio Palegrers, 30 de novembro de 1935
Venâncio Igrejas Lopes
Presidente Loja Maçônica Amazonas Manaus AM

Agradeço congratulações que efusivamente retribuo pela passagem centenário gloriosa revolução farroupilha saudações cordiais Flores da Cunha.

Maçons brasileiros, efetivamente, empenharam-se nessa revolução, com o seu ideal voltado para os mais sublimes interesses da nacionalidade.

A história pátria muito bem registra os fatos e os nomes desse movimento, em páginas escritas com a sinceridade dos investigadores do processo evolutivo do país.

Mudança de Rito

Em sessão especial, realizada a 24 de outubro de 1935, a Loja resolvera substituir o Rito Adoniramita, que adotava desde a sua instalação, numa decisão que se acha consignada nestes termos:

“Aos vinte e quatro dias do mês de outubro do ano de mil novecentos e trinta e cinco, em seu Templo próprio, à rua Leovegildo Coelho, deste Oriente, preenchidos os devidos lugares, são abertos os trabalhos desta Augusta e Grande Benemerita Loja Simbólica “Amazonas” em sessão especial, por um golpe de malhete, passando-se em seguida à Ordem do Dia. Declara o Respeitável Irmão Venerável que a presente sessão é, conforme edital afixado na Sala dos Passos Perdidos e publicado nos jornais diários deste Oriente, e resolução anterior desta Oficina, a última destinada a resolver sobre a mudança de Rito desta nossa Benemerita Oficina, mandando, por isso, o Irmão Secretário proceder à leitura da petição dirigida ao Altar sobre o assunto, firmada por oitenta e dois (82) Irmãos do Quadro, a qual é concebida nos termos seguintes: “Digno e Poderoso Irmão Venerável da Grande Benemerita Loja “Amazonas”. Nós, abaixo assinados, pertencentes ao Quadro dessa Grande Benemerita Oficina, considerando que foi realizada no Distrito Federal, de 7 a 12 de março do corrente ano, a Primeira Conferência dos Altos Corpos Simbólicos do Brasil, convocada de acordo com todos os Altos Poderes das várias jurisdições brasileiras, inclusive o Grande Oriente do Amazonas e Acre, que se fez representar por uma Delegação composta dos Poderosos Irmãos Dr. Francisco Pereira da Silva, Mem Rodrigues Xavier da Silveira e Dr. Sabbas Telles da Rocha, pertencentes ao nosso Quadro; Considerando que a tese “Ritos Permitidos e Ritos Proibidos”, relatada pelo Grande Oriente do Amazonas e Acre, foi considerada prejudicada sob o fundamento de que a verdadeira Maçonaria não admite os Ritos Adoniramita e Moderno ou Francês; Considerando que uma reflexão ponderada sobre a prática desses Ritos entre nós, gera a convicção de que efetivamente não está havendo o necessário e prometido respeito integral aos Landmarks; Considerando que não podemos e não devemos sobrepor tradições aos superiores interesses da Instituição, que são os nossos próprios interesses de Maçons; Considerando por outro lado, que a nossa indiferença pelos resultados daquela Conferência, no tocante ao Rito, que adotamos, pode redundar em próximos e graves prejuízos à nossa condição de Maçons perfeitos e universais, como justamente nos reputamos; Considerando que

a nossa Grande Benemerita Oficina, parte integrante do formoso e fundo alicerce que sustenta os destinos da Maçonaria Amazonense — deve concorrer, sem medir sacrifícios e sem olhar consequências, para manter a situação de legitimidade em que se encontra o Grande Oriente do Amazonas e Acre no concerto das Potências Maçônicas espalhadas pelo Universo; Considerando, finalmente, que das Lojas da Obediência do mesmo Grande Oriente a nossa Benemerita Oficina é a única que adota o Rito Adoniramita, propomos que, observadas as regras e solenidades estabelecidas na Constituição em vigor seja o atual Rito da Grande Benemerita Loja Simbólica “Amazonas” mudado para o Rito Escocês Antigo e Aceito. Oriente de Manaus, 28 (vinte e oito) de setembro de 1935. Assinados: 1 — Agnello Bittencourt; 2 — Dr. Elviro Dantas Cavalcante; 3 — Armino de Barros; 4 — Alfredo Arruda; 5 — Giuseppe Pagani Vulcani; 6 — Mário Ramos Torres de Melo; 7 — Manuel Nunes Thomaz; 8 — Tristão Cavalcante Neto; 9 — José Gonçalves Dias; 10 — Francisco Nogueira de Souza; 11 — Rafael Samuel Benoliel; 12 — Augusto Furtado de Menezes; 13 — M. Luiz F. Costa; 14 — José de Souza Azevedo; 15 — Antonio Ferreira da Silva; 16 — Joaquim Maria de Pontes Leite; 17 — Manoel de Souza Amaro; 18 — José Mendes Pinheiro; 19 — Waldemar Pinheiro de Souza; 20 — Ermelindo José da Silva; 21 —; 22 — Francisco Barnabé Gomes; 23 — Osvaldo de Carvalho Soares Brandão; 24 — Felix Levy; 25 — Waldemar Pedrosa; 26 — Júlio Viana Barbosa; 27 — José Cardoso Ramalho Júnior; 28 — Henrique Guilherme dos Santos; 29 — Felismino Francisco Soares; 30 — João Francisco Alves; 31 — Manoel Domingos dos Passos Gomes; 32 — Leão Ezagui; 33 — Carlos Alberto Gutierrez; 34 — Alberto de Aguiar Corrêa; 35 — Carlos Pinto Rodrigues Colares; 36 — Dr. Sabbas Teles da Rocha; 37 — Alfredo Silva e Costa; 38 — Aluizio Ramos; 39 — Bruno Batista; 40 — Miguel Arcanjo Monteiro; 41 — Vicente Fernandes da Silva; 42 — Fausto de Oliveira Pinheiro; 43 — Pedro Henrique Cordeiro Júnior; 44 — José Corrêa dos Santos; 45 — Joaquim da Silva Romariz; 46 — Tancredo Moreira Lima; 47 — João Cândio Vieira; 48 — Francisco Baima do Lago; 49 — Benjamin de Souza; 50 — Joaquim Alves de Lima Verde; 51 — Francisco Castelo Branco; 52 — José Nunes de Lima; 53 — Camilo Cuadal; 54 — José Marques Rossas; 55 — Joaquim Dorian de Castro; 56 — Antonio Soares Molinos; 57 — Manoel Esteves Coutinho; 58 — Manoel Pires de Castro; 59 — Raimundo Gama e Silva; 60 — José A. Gomes Roldão; 61 — José Farias Gesta; 62 — Floriano de

Souza Chaves; 63 — Nagib Salem; 64 — José Caitete da Silva; 65 — Manoel Sebastião de Barros; 66 — José Aurélio Gomes; 67 — Alberto Ribeiro de Andrade; 68 — Francisco Custódio Rojão de Andrade; 69 — Antonio José de Souza; 70 — Napoleão Normando; 71 — Rubem A. Israel; 72 — José Olímpio da Rocha; 73 — Waldemar Wanderley Braga; 74 — Manoel do Nascimento Braga; 75 — Luiz Moura; 76 — Manoel Pacífico Galvão; 77 — Ariolino Aguiar Azevedo; 78 — João Matias da Costa; 79 — Francisco Farias de Carvalho; 80 — Antonio Paiva Cavalcante. Terminada a leitura dessa prancha o Respeitável Irmão Venerável concede a palavra a qualquer dos Irmãos que queira manifestar-se sobre a mesma, que trata de um assunto mágnico. Concedida a palavra a vários Obreiros que a solicitaram manifestaram-se estes desenvolvidamente sobre o assunto em estudo, ratificando a sua assinatura na petição que se acha sobre o Altar para a mudança do Rito, favoráveis, portanto, ao deferimento solicitado. Ninguém mais querendo usar da palavra, foi esta concedida ao Irmão Orador, que se externou também favoravelmente ao deferimento solicitado de vez que as razões do pedido foram maduramente refletidas debaixo de uma ordem de idéias consentâneas à necessidade do momento, em que uma ordem de fenômenos sociais se interpõe exigindo a mudança do tradicional Rito da nossa Benemérita Oficina em benefício de nossa perfeita estabilidade maçônica universal. Já tendo sido o assunto devidamente esplanado e aprovado em sessões anteriores, nada mais tinha a sugerir, a não ser a sua aprovação. Aplaudidas essas conclusões, foi a proposta, por indicação do Irmão Secretário, submetida à aprovação nominalmente, verificando-se, então, unanimidade para o pedido. Verificando este resultado, o Respeitável Irmão Venerável declarou aprovada a mudança de Rito da nossa Benemérita Oficina, do Adoniramita para o Escocês Antigo e Aceito. Proclamada esta resolução da Oficina, o Respeitável Irmão Venerável autoriza o Irmão Secretário a produzir os atos ulteriores decorrentes, nos termos do art. 36, suas alíneas, e demais regras e solenidades estabelecidas na Constituição em vigor. Antes de encerrar os trabalhos não pode deixar de manifestar o pesar que lhe vai n'alma pelo fato da mudança que se vem de praticar, visto como o Rito que regia esta Benemérita Oficina estava enraizado em nossos sentimentos de Maçons praticantes, e como que representava uma estreita afinidade entre os Irmãos do Quadro que o escolheram, irmanando-os sob esse mesmo pálio de recíproca fraternidade. As finalidades, porém, exuberantemente esplanadas e aprovadas na Primeira Conferência dos Altos Corpos Simbólicos do Brasil, realizada na Capital

Federal de 7 a 12 de abril deste ano, determinaram a nossa submissão às exigências das conclusões desse Soberano Congresso, para dessa maneira, integralizarmos a nossa condição de Maçons perfeitos e universais, e concorrer, também, à manutenção da legitimidade em que se encontra o Grande Oriente do Amazonas e Acre no concerto das potências espalhadas pelo Universo. Creio neste momento interpretar os sentimentos de todos os Irmãos declarando que é com a mais profunda saudade que abandonamos o Rito Adoniramita que, neste Oriente, há 58 anos vem interpretando o seu simbolismo, entregue a Maçons ilustres que nos precederam e lhe deram o realce em que ficou colocado”.

O Grande Oriente do Amazonas e Acre, pelo Decreto nº 45, autorizou a mudança do Rito, que se verificou, inicialmente, na sessão econômica de 12 de dezembro de 1935, sob a Venerança do Irmão Venâncio Igrejas Lopes, onde se aprovou “um voto de profunda saudade a todos aqueles que há 50 anos fundaram a Benemérita Loja “Amazonas” no Rito Adoniramita e que hoje se encontram no Oriente Eterno e um voto de congratulações a todos os Obreiros do Quadro, visto que a nossa Oficina vai iniciar os seus trabalhos no Rito Escocês Antigo e Aceito, o único Rito hoje reconhecido legal no Universo”, para, na mesma data, verificar-se a sessão especial de transmissão de Rito, solenidade essa que ficou convenientemente anotada:

“Aos doze dias do mês de dezembro do ano de 1935, após a sessão econômica, presente grande número de Obreiros do Quadro, visitantes das Oficinas deste Oriente e de outros, foram abertos os trabalhos da Grande Benemérita Loja “Amazonas”, em Sessão Solene Especial, para transmissão do Rito Adoniramita para o Rito Escocês Antigo e Aceito, conforme ficou exposto na sessão anterior. Em seguida, o Venerável Mestre mandou que o Irmão Mestre de Cerimônias, acompanhado de uma comissão, de acordo com o Rito, introduzisse no Templo a Comissão Regularizadora que se encontrava no Salão de Honra da Oficina, composta dos Poderosos Irmãos Agnello Bittencourt, Armindo de Barros e José Gonçalves Dias; prestadas as honras a que tinha direito assumiu a presidência o primeiro e os demais os cargos de 1º e 2º Vigilantes, respectivamente. Em seguida, o Poderoso Irmão Agnello Bittencourt, Presidente, procedeu à leitura do Ato nº 176, do Soberano Grão-Mestre do Grande Oriente do Amazonas e Acre, Desembargador Hamilton Mourão, nomeando a referida comissão, conforme vai transcrito em seguida: “Ato nº 176 — O Desembargador Hamilton Mourão, Soberano Grão-

Mestre do Grande Oriente do Amazonas e Acre, etc. — Usando das atribuições que lhe confere a alínea XIX do art. 53 da Constituição promulgada a 7 de agosto de 1927; e Atendendo aos dispositivos dos Decretos ns. 45 e 46 de 25 de novembro de 1935; Resolve — Nomear os Muito Poderosos Irmãos Grandes Dignidades deste Alto Corpo: Agnello Bittencourt, Armindo de Barros e José Gonçalves Dias, para, em seu nome, regularizarem as Lojas Simbólicas "Amazonas" e "Conciliação Amazonense" no Rito Escocês Antigo e Aceito, consagradas a São João da Escócia, nosso Padroeiro, lavrando-se desse ato o respectivo termo, de acordo com as prescrições do art. 27 da Constituição. Dado e passado no Gabinete do Grão-Mestrado do Grande Oriente do Amazonas e Acre, em Manaus, Estado do Amazonas, República dos Estados Unidos do Brasil, aos 27 dias do mês de novembro de 1935. O Soberano Grão-Mestre (a) Desembargador Hamilton Mourão. O Grande Secretário Geral (a) Alfredo Arruda". Em seguida, mandou o Presidente que o Irmão Orador procedesse à leitura do Decreto nº 45, referente ao ato e que vai em seguida transcrito: "Decreto nº 45 — Nós, Desembargador Hamilton Mourão, Soberano Grão-Mestre do Grande Oriente do Amazonas e Acre, etc. — Fazemos saber a todas as Lojas e Maçons da Obediência, para que cumpram e façam cumprir, que — Usando o que nos confere a alínea XIX do art. 53 da Constituição promulgada a 7 de agosto de 1927; e, Considerando que a Primeira Conferência dos Altos Corpos Simbólicos do Brasil em sua reunião de 7 a 12 de março do corrente ano realizada na Capital da República, declarou ilegítimos os Ritos Moderno e Adoniramita por não se enquadrarem nas exigências dos Landmarks praticados pela Maçonaria Regular do Universo; Considerando que a Grande Benemérita Loja Simbólica nº 2 "Amazonas", deliberou, em Sessão Especial realizada a 24 de outubro findo, aceitar o Rito Escocês Antigo e Aceito, nos termos de sua súplica de 7 do fluente; Decretamos — Art. 1º — Fica autorizada a Grande Benemérita Loja Simbólica nº 2 "Amazonas" a transferir os seus trabalhos para o Rito Escocês Antigo e Aceito, expedindo-se-lhe novo Breve Constitutivo. Art. 2º — São dispensados, para esse fim, os emolumentos consignados na tabela "G" Anexo 4, à Constituição. Art. 3º — Revogam-se as disposições em contrário. Dado e gravado no Gabinete do Grão-Mestrado do Grande Oriente do Amazonas e Acre, em Manaus, capital do Estado do Amazonas, sede dos Poderes Centrais, aos 25 dias do mês de novembro de 1935. O Soberano Grão-Mestre (a) Hamilton Mourão. O Grande Secretário Geral (a) Alfredo Arruda. O Grande Chanceler (a) José Gonçalves Dias".

Terminada a leitura do decreto, mandou o Presidente que o Irmão Secretário procedesse à leitura do Breve Constitutivo, que igualmente vai abaixo transcrito: "A todos os Maçons Regulares — O Grande Oriente do Amazonas e Acre, sucessor do Grande Oriente Estadual do Amazonas, Potência Maçônica soberana e independente, obediente aos Landmarks e Antigas Obrigações da Ordem e a todos os princípios da Maçonaria Universal, formado por todas as Lojas Simbólicas do Estado do Amazonas e Território do Acre, República dos Estados Unidos do Brasil e das respectivas regiões limítrofes onde não haja outra Potência Maçônica Regular — Faz saber que, tendo-lhe sido presente a súplica da Grande Benemérita Loja Simbólica "Amazonas", instalada em 4 de março de 1877, ao Oriente de Manaus, com o fim de regularizar os seus trabalhos nos Sublimes Mistérios do Rito Escocês Antigo e Aceito havendo sido satisfeitas as prescrições da Constituição e demais Leis Maçônicas, houve por bem declarar regular a dita Loja Simbólica e registrá-la sob o nº 2 — com o título distintivo adotado na referida súplica. E para que goze de todos os direitos e regalias, se lhe expede o presente Breve Constitutivo. Dado e traçado na Grande Secretaria do Grande Oriente do Amazonas e Acre, em Manaus, capital do Estado do Amazonas, República dos Estados Unidos do Brasil, aos 27 dias do mês de novembro do ano de 1935. O Soberano Grão-Mestre (a) Desembargador Hamilton Mourão. O Grande Secretário (a) Alfredo Arruda. O Grande Chanceler (a) José Gonçalves Dias. Registrado sob o nº 2 no livro competente. O Diretor da Grande Secretaria (a) G.P. Vulcani". Em seguida deferiu o compromisso ao Irmão Venerável, aos Irmãos 1º e 2º Vigilantes e aos Irmãos Orador, Secretário e mais membros da administração e Obreiros do Quadro presentes. Empossou o Venerável Mestre, 1º e 2º Vigilantes, Orador e Secretário e demais Oficiais. O Venerável Mestre, assumindo o malhete, mandou correr o Tronco de Solidariedade, que ficou sob malhete. Concedida a palavra ao Irmão Orador, este produziu uma comovente peça de arquitetura sobre o ato que acabava de ter lugar, sendo aplaudido por uma tríplice bateria do gráu. Dada a palavra a bem da Ordem, falou o Irmão Antonio Balbino, pela Loja "Aurora Lusitana". Em seguida, foi aplaudida a Comissão Regularizadora por uma tríplice salva de palmas, bem assim os mesmos aplausos aos Irmãos visitantes e encerrados os trabalhos por um golpe de malhete".

A primeira sessão econômica realizada no Rito Escocês Antigo e Aceito efetuou-se a 19 de dezembro de 1935, com a augeleza própria da época, sendo o recolhimento dos me-

tais destinado ao Natal dos pobres e havendo a apresentação de boas festas e de felicidades no ano a iniciar-se dentro de poucos dias.

Pompas Fúnebres

Foi no Templo da Loja "Amazonas" que se realizaram, a 1º de agosto de 1936, sob o comandamento do Grande Oriente do Amazonas e Acre, havendo o concurso de todas as demais Oficinas de Manaus, as pompas fúnebres para homenagear a memória do Irmão Antonio Monteiro de Souza, Grão-Mestre Adjunto Honorário, cujo passamento ocorrera no Rio de Janeiro.

A sessão fora presidida pelo Irmão Agnello Bittencourt, que se encontrava no cargo de Grão-Mestre, em exercício, e tivera a assistência dos Irmãos Armindo de Barros, Vivaldo Palma Lima, Virgílio de Barros e Alfredo Arruda, 1º e 2º Grandes Vigilantes, Grande Orador e Grande Secretário, respectivamente.

A oração fúnebre fora proferida pelo Irmão Virgílio de Barros, que a concluiu assim:

"Não, a morte não apaga a existência, reacende-a; não desbarata a existência, ruboriza-a. O astro do espírito, ao tocar o extremo ocaso nestes horizontes, afagueia magestosamente o seu disco e avança por detrás da sepultura às mais fixas e mais puras regiões.

Como guerreiro depois do combate, o homem descingese, à voz de Deus, do seu aparelho, da sua armadura terrena; e se foi digno, se for crente ascende a receber pelos atos desta vida passageira o galardão de uma vida inteira".

Compareceram à solenidade, além da família do ilustre extinto, as mais altas autoridades representativas dos governos federal, estadual e municipal, médicos, jornalistas e outros vultos de destaque social, que foram render, assim, a sua grande homenagem ao distinto morto, num preito que não era apenas da Maçonaria, mas do Amazonas inteiro, ao qual dedicou o seu trabalho e a sua cultura.

Dia da Pátria

O Grande Oriente, em 1936, comemorou, no Templo da Loja "Amazonas", a emancipação política do País, cuja solenidade o "Boletim Maçônico", de 24 de setembro daquele ano, publicou em sua páginas:

"As comemorações da Independência Nacional realizaram-se, este ano, com um fulgar desusado. O povo compre-

ende melhor, à proporção que o tempo transcorre, a significação cívica desse inigualável evento da nossa história.

A Maçonaria, tendo sido o baluarte da emancipação brasileira, não podia alheiar-se aos festejos com que foi, nesta capital, celebrada tão magna efeméride. Levou, assim, a efeito, uma sessão especial, no dia 7 do corrente, às 20 horas, no Templo da Grande Benemérita Loja Simbólica "Amazonas" abrindo suas portas, também, ao mundo profano. Presidiu a cerimônia o nosso Irmão Professor Agnello Bittencourt, Grão-Mestre Adjunto, em exercício, o qual se incumbiu de dizer sobre a data e atuação que a Ordem Maçônica desempenhou, no drama da Independência.

Começou acentuando a circunstância de ser a História uma sucessão de fatos intimamente ligados, determinando os antecedentes a fatalidade dos consequentes. São as decorências que formam os ciclos históricos, cujo fio é sempre tecido e entremeado de todas as pequeninas, como das grandes atitudes humanas.

A emancipação do Brasil não poderia constituir um acontecimento singular. Ela nasceu e se desenvolveu, até sua eclosão definitiva, do evoluir desses fatos políticos e sociais.

Como a borboleta que um dia voará, depois de haver sido óvulo, larva e crisálida, o Brasil teria de alcançar sua liberdade, para figurar no concerto das nações civilizadas. E, assim aconteceu. O nosso referido Irmão prosseguiu nestas idéias.

Para alguns publicistas, a Independência do Brasil já estava feita desde que D. João VI, fugindo às hostes de Napoleão Bonaparte, em fins de 1807, aportou ao Rio de Janeiro a 7 de março de 1808, pois, desde esse dia memorável o nosso País, então sede da metrópole portuguesa, recebeu tais e tantos predicamentos administrativos que não era mais uma colônia, mas uma nacionalidade. Durante o tempo em que aquele monarca viveu neste lado do Atlântico, até 24 de abril de 1821, ou seja mais de 13 anos, firmaram-se os fundamentos políticos, econômicos e sociais de um novo Império, com os seus característicos de território, povo e governo.

Para outros autores, o Brasil constituiu-se uma Nação pela Carta Régia de 16 de dezembro de 1815, elevando-se de Principado à categoria de Reino, unido ao de Portugal e dos Algarves. E não há contestação séria, se pensarmos que a Corôa estava permanentemente no Brasil e não mais em terras da península ibérica.

Para certos outros, a emancipação data do dia 9 de janeiro de 1822, quando o Príncipe D. Pedro, então na regência do Reino do Brasil, sediado pelos que não concordava-

vam com o seu regresso à metrópole, nem com as medidas de restrição política das Cortes de Lisboa, declarou o "Fico". Como quer que seja, o 7 de setembro de 1822, traduzido no grito "Independência ou Morte", foi uma confirmação definitiva e inapelável de um movimento que a Maçonaria fomentou nas pessoas dos seus mandatários Joaquim Gonçalves Ledo, José Bonifácio, D. Pedro I, Frei Sampaio e outros.

Foi a nossa Sublime Instituição a força preponderante que, além de fomentar, realizou esse grande evento. Todos se lembram da intimação feita publicamente ao Príncipe, a 29 de maio de 1822, dizendo-lhe: "Resolva, Senhor". E ele resolveu pela afirmativa. No dia 20 de julho eram convocados todos os Maçons para deliberarem sobre a Independência. Não houve uma voz divergente. Na sessão de 14 de agosto desse ano, ficou deliberado enviarem propagandistas aos demais centros de atuação no País: a S. Paulo, a Minas, a Bahia, Pernambuco, etc.

Depois dessas afirmativas históricas e emitir vários conceitos sobre a Pátria e sentimento patriótico, o Irmão Agnello Bittencourt concluiu erguendo um viva ao Brasil e outro à Maçonaria.

Falaram depois sobre a data os Irmãos Manoel Esteves Coutinho, Francisco Farias de Carvalho e Raimundo Rodrigues das Neves, que abundaram em considerações atinentes à data e exortaram todos os Maçons a se unirem contra as idéias extremistas, que porfiam em destruir a liberdade, a democracia e todas as glórias do Brasil consubstanciadas na palavra Pátria.

Ao ser encerrada a sessão, o Irmão Agnello Bittencourt agradeceu o comparecimento dos presentes, Maçons e profanos e exclamou:

"Sursum corda!"

Suspensão dos Trabalhos

A situação política do País, em 1937, provocou a suspensão dos trabalhos da Oficina, cuja última sessão, naquele ano, verificou-se a 21 de setembro.

Entretanto, os trabalhos retornaram à sua regularidade a 22 de setembro de 1938, de conformidade com o expediente recebido:

"Grande Oriente do Amazonas e Acre
Manaus, 16 de setembro de 1938

Ilustre e Respeitável Irmão Venâncio Igrejas Lopes
M.D. Venerável da Grande Benemérita Loja Simbólica
"Amazonas"

Confirmando nosso telegrama de hoje, tenho a satisfação de comunicar que, o Chefe de Polícia do Distrito Federal, respondendo à consulta feita pela Chefia desta Capital, autorizou o funcionamento das Secretarias das Lojas e Departamentos de Beneficência.

O Exmo. Sr. Dr. Chefe de Polícia, bem conhecendo a obra altamente patriótica desenvolvida pela nossa Ordem e cõscio de que, tanto as Secretarias como os órgãos de Beneficência, para o exercício efetivo, dependem da atividade das respectivas Oficinas, consentiu, tacitamente, no funcionamento das mesmas.

Anexamos, para os devidos efeitos, cópia do Decreto nº 58, baixado pelo Soberano Grão-Mestre, prorrogando os mandatos até 24 de junho de 1939, ficando assim restabelecida a exata função das Lojas.

Assim, após cerca de onze meses, a nossa Ordem retoma a sua atividade, nos limites traçados pelas suas leis básicas e também acatamento e respeito àquelas que regem o País, pela Humanidade e para a Humanidade, elevando e insinuando o sentimento da Pátria.

Necessitamos agora, mais do que nunca, da cooperação eficaz de todos os membros da nossa grande família, principalmente dos que têm a responsabilidade dos cargos e a representação social.

Ao abrirem-se as portas do vosso Templo, deveis fazê-lo na certeza absoluta de ter sido procedido o regimen de uma severíssima seleção; não devemos, com facilidade, admitir no nosso convívio elementos que não possuam a nítida compreensão da finalidade de nossa Sublime Instituição e a responsabilidade dos compromissos derivantes do juramento que se lhes impõe.

Nos termos das nossas Circulares ns. 314 e 325, de 15 de maio de 1935 e 23 de fevereiro de 1936, respectivamente, não deve ser permitida a admissão daqueles que alimentam idéias extremistas, que visam a subversão dos destinos da Pátria.

Concito-vos a enfrentar com serenidade as dificuldades resultantes da inatividade decorrida, convicto de que não abalou o espírito maçônico, antes o retemperou, para com mais ardor trabalharmos, todos, para o engrandecimento e progresso da Ordem, felicidade do gênero humano e grandeza da nossa Pátria. Saúde, Paz e Prosperidade. (assinado) Alfredo Arruda, Grande Secretário Geral".

Nessa mesma ocasião, procedeu-se à leitura do Decreto nº 58:

“Nós, Desembargador Hamilton Mourão, Soberano Grão-Mestre do Grande Oriente do Amazonas e Acre, etc. — Fazemos saber a todas as Lojas e Maçons da Obediência, para que cumpram e façam cumprir, que — Considerando que, como as demais organizações maçônicas do País, o Grande Oriente do Amazonas e Acre, suspendeu o ciclo de suas atividades, por ordem superior do Governo da República; Considerando que no interrégno de seu funcionamento, ocorreu o término dos mandatos eletivos, em 24 de junho transato, sem que se pudesse proceder — em obediência e acatamento àquela decisão — às eleições regulamentares para preenchimento dos mesmos; Considerando afinal, que reencetando os trabalhos — de ordem das autoridades competentes — urge normalizar o funcionamento dos órgãos administrativos da Obediência — Decretamos: Art. 1º — Ficam prorrogados, até 24 de junho de 1939, os mandatos dos Grandes Dignatários, seus Adjuntos, Grandes Oficiais e seus Adjuntos da Soberana Assembleia Geral deste Grande Oriente, os de Ministros Efetivos e Adjuntos da Soberana Corte de Justiça e de Luzes e Oficiais e seus Adjuntos, de todas as Lojas da jurisdição deste Grande Oriente. Art. 2º — Revogam-se as disposições em contrário. Dado e gravado no Gabinete do Grão-Mestrado do Grande Oriente do Amazonas e Acre, em Manaus, capital do Estado do Amazonas, República dos Estados Unidos do Brasil, sede dos Poderes Centrais, sob a abóbada celeste no ponto vertical correspondente a 3º, 8', 4", de Latitude Austral e 59º, 59', 59" de Longitude Ocidental do Meridiano de Greenwich, aos 16 dias do mês de setembro de 1938. O Soberano Grão-Mestre (assinado) Desembargador Hamilton Mourão. O Grande Secretário Geral (assinado) Alfredo Arruda. O Grande Chanceler (assinado) José Gonçalves Dias”.

E, com efeito, nem mesmo as perturbações políticas advindas posteriormente, fizeram cessar as atividades da Loja “Amazonas”, que continuou percorrendo, serena e gloriosamente, a sua caminhada centenária.

Monumento da Praça de São Sebastião

Na sessão de 7 de dezembro de 1939, o Irmão Venâncio Igrejas Lopes falou “sobre a data de 7 de dezembro, dizendo ser a mesma uma data muito querida, pois nesse dia, em 1867, foram abertos às nações amigas os portos do Amazonas”. E acrescentou: “Comemorando esse acontecimento, o genitor do nosso Poderoso Irmão Coronel José Cardoso Ramalho Júnior fez levantar uma coluna que mais tarde foi transformada por seu filho nosso já citado Poderoso Irmão, quando no governo

do Estado do Amazonas, no belo monumento que embeleza a Praça de São Sebastião”.

Sessão em Homenagem ao Irmão Hamilton Mourão

A 24 de setembro de 1942, a Loja realizou uma sessão especial em homenagem ao Irmão Grão-Mestre Desembargador Hamilton Mourão, falando o Irmão Abdul Sayol de Sá Peixoto, que “traça, em síntese, a biografia do ilustre morto, lembrando os inigualáveis serviços prestados não só como magistrado, em cuja trajetória deixou traços luminosos, pela retidão de suas sentenças, fazendo da justiça um verdadeiro sacerdócio, como à Maçonaria, à qual ele serviu com todo o devotamento, sentindo verdadeira satisfação em contato com os seus Irmãos, além de ser um chefe de família exemplar e que legara aos seus apenas esse patrimônio, que bem pode servir de exemplo — padrão de honestidade, o que atestava com a alvura do arminho de sua toga que lhe serviu de vestuário para levá-lo à sua última morada”.

Foram essas palavras ouvidas como sincera demonstração de pesar, seguidas de profundo silêncio e complementadas por uma bateria de luto, com suspensão dos trabalhos por nove dias.

Fim da Segunda Guerra Mundial

Pelo fim da segunda guerra mundial, o Irmão Ábdon Nicolau Ázaro, como Orador da Oficina, proferiu, na sessão de 10 de maio de 1945, a seguinte oração:

“Venerável Mestre: Como já é sabido, o mundo maçônico e os povos amantes da fraternidade, estão vivendo momentos de indescritível júbilo, pelo término do conflito europeu com a vitória das Nações Unidas, graças aos esforços e a colaboração daqueles que contribuíram por vias ou maneiras diferentes para a grandeza de semelhante êxito, destacando-se muito particularmente, a nossa Ordem, que além dos demais, se fazia representar em todos os momentos difíceis da guerra, pelo paradigma da democracia que foi Franklin Delano Roosevelt, cuja memória evocamos neste momento para que, como preito de nossa profunda saudade, possamos lhe oferecer, com a devida veneração, a nossa sincera prece de regosijo e de gratidão.

E nós, os Obreiros desta Oficina, operários da grande corrente de confraternização universal, congratulamo-nos convosco, Venerável Mestre, por esse grande acontecimento de caráter puramente reconstrutor e humano.

Resta-nos agora dar cumprimento ao mais sublime dever de misericórdia humana. É rendermos graças e pedirmos ao Grande Arquiteto do Universo que envolva com o seu manto de piedade todas as criaturas que foram atingidas pelas consequências trágicas da guerra. Outrossim, Venerável Mestre, eu vos peço em nome de todos os Irmãos presentes, que sejam inseridos no nosso Balaustre de hoje, um voto de regosijo pela vitória alcançada e um voto de profundo pesar, por todos aqueles que tombaram nos campos das lutas, legando-nos com o seu sangue, a continuidade da nossa soberania”.

O Venerável Mestre da Loja, na ocasião, era o Irmão Felismino Francisco Soares, assistido pelos Irmãos Manoel Ribeiro, Haroldo Vidal de Araújo e Júlio Clóvis Taumaturgo Lobo, 1º Vigilante, 2º Vigilante e Secretário, respectivamente.

Regosijo de Mestres

A 11 de maio de 1946, numa esplêndida sessão magna, em que estiveram presentes as mais altas dignidades maçônicas, realizou-se a concessão do mais alto grau do Simbolismo aos Irmãos Miguel Jorge, Camilo Fares Abinader, Joaquim Soares Vieira, Giuseppe Di Tomaso, Vicente Tino, Prince Florisbelo Eugênio, Abrahim Calil Nadaf, Albino Pereira da Silva e Sérgio Augusto Pará Bittencourt.

Regosijados pelo acontecimento, os Irmãos Miguel Jorge, Camilo Fares Abinader, Vicente Tino, Joaquim Soares Vieira, Giuseppe Di Tomaso, Prince Florisbelo Eugênio e Abrahim Calil Nadaf, que integravam a mesma turma de colandos, com a colaboração do Irmão Joaquim Neves, ofereceram, à Oficina, em homenagem à exaltação ao Sublime Grau de Mestre, um rico e bem aprumado conjunto de mobília de oito peças (1 sofá, 2 poltronas, 4 cadeiras e 1 mesa de centro), que se encontra ornamentando o salão de honra da Loja que os viu nascer para a Verdadeira Luz e os encaminhou, pelo centro do Templo, à sabedoria oriental.

Homenagem Fúnebre

A “Revista Maçônica”, em sua edição de julho e agosto de 1947, traz a notícia da solenidade realizada em homenagem ao falecido Irmão Otaviano Augusto Soriano de Melo:

“Realizou-se no dia 26 de julho último, no magestoso Templo da Grande Benemerita Loja “Amazonas”, a cerimônia de pompas fúnebres comemorativa do trigésimo dia do passamento para o Oriente Eterno do prestimoso Irmão Dr. Otaviano

Augusto Soriano de Melo, Venerável da Augusta e Respeitável Loja Simbólica “Sá Peixoto”, ao Oriente de Tefé.

A solenidade teve lugar sob os auspícios do Grande Oriente do Amazonas, Acre e demais Territórios Limitrofes, por inspiração dos Obreiros da Loja “Sá Peixoto”, aqui residentes, obedecendo a presidência dos trabalhos ao Eminente Grão-Mestre em exercício Irmão Venâncio Igrejas Lopes.

A assistência foi numerosa, destacando-se o representante do Exmo. Sr. Governador do Estado, autoridades civis, militares, federais, estaduais e municipais, senhoras e senhorinhas, além da família do malogrado extinto.

Durante o cerimonial tocou uma grande orquestra, dirigida pelo Professor Arnaud, cantando números sacros o tenor Carlos Fonseca”.

Homenagem à Bandeira Nacional

A 19 de novembro de 1953, numa sessão singela, que tivera caráter cívico, encontrando-se na Venerança o Irmão Américo Ferreira de Pinho, o Irmão José Alves da Silva, ocupando o lugar de 2º Vigilante, produziu uma bela peça de arquitetura, sobre o Dia da Bandeira Nacional.

Dentre os Obreiros presentes, destacavam-se os Irmãos Agnello Bittencourt, Soberano Grão-Mestre Honorário do Grande Oriente do Amazonas, Acre e demais Territórios Limitrofes e o seu filho Ulisses Bittencourt, Venerável da Loja “Romã”, da jurisdição da Grande Loja da Guanabara, que, entre outras manifestações, congratulou-se com o Irmão José Alves da Silva pelo brilhantismo do seu pronunciamento patriótico.

Visita do Irmão Benjamin Sodré

O Irmão Venâncio Igrejas Lopes, na sessão de 26 de maio de 1955, apresentou, à Oficina, o Irmão Benjamin Sodré, que, empolgado pela saudação que lhe fizera o Irmão Orador Sérgio Augusto Pará Bittencourt, agradeceu as expressões de carinho e de fraternidade então ouvidas, para reportar-se à figura de seu genitor, o Irmão Lauro Sodré, que fora Grão-Mestre da Maçonaria Brasileira.

Declarara o homenageado que, no caminhar de sua existência sempre consultara o seu velho pai, obtendo as respostas que necessitava.

Finalizando a sua oração, dissera que “sentia-se também imensamente feliz por estar entre verdadeiros Irmãos e que nunca esquecerá esta noite, embora curta, mas bela, pelo seu esplendor maçônico”.

Pelo 80º Aniversário da Loja

Por ocasião do transcurso dos oitenta anos de fundação da Loja, ficou transcrito na ata dos trabalhos da sessão de 7 de março de 1957, o artigo de saudação publicado pelo órgão noticioso maçônico "O Compasso", que obedecia à direção do Irmão Pedro Augusto de Amorim

"A data próxima de 4 de março assinalará um acontecimento de rara significação, para quantos Obreiros do Bem labutam no seio da Maçonaria Amazonense. É que a Loja "Amazonas" que tem a sua sede na rua Leovigildo Coelho 294, no Templo histórico que tem participado diretamente dos fatos mais palpitantes da vida amazonense, estará completando o seu 80º ano de existência. Traduzir o significado dessa efeméride é repisar o que todos os Maçons conhecem perfeitamente, já que a ninguém é lícito ignorar o papel preponderante da Loja Maçônica "Amazonas" no contínuo desenvolver das fileiras de homens virtuosos e de boa vontade, que compõem as legiões de Pedreiros Livres do nosso Estado. Destas colunas, quer o "Compasso", dirigir aos Obreiros da Loja "Amazonas", na pessoa do seu Venerável Mestre, o Poderoso Irmão Manoel Ribeiro, as mais efusivas congratulações, certo de que a trajetória vivida até hoje, não sofrerá qualquer solução de continuidade e que a Loja histórica da rua Leovigildo Coelho continuará a progredir, sempre e sempre, para que o farol da luz da triangulação sublime que ilumina o caminho da humanidade para melhores dias, não deixe jamais de romper com o seu brilho as trevas da Ignorância e da Descrença".

Primeiro Congresso do Povo Maçônico

Foi realizado, no período de 20 a 24 de junho de 1957, o Primeiro Congresso do Povo Maçônico do Grande Oriente do Amazonas, Acre e demais Territórios Limítrofes, cujos trabalhos se desenrolaram na Loja "Amazonas", com fraternais debates sobre os mais variados temas.

O Irmão Manoel Ribeiro, Venerável da Oficina, representou-a perante a Comissão Executiva encarregada de dirigir o mencionado conclave, que deixou, nas suas reuniões, bem espelhadas as melhores demonstrações de interesse, por parte dos Obreiros presentes, pela solução de problemas e adoção de medidas de importância para a coletividade maçônica.

Filiação do Irmão Cândido Marinho da Rocha

Numa Sessão Mágnica de Iniciação, realizada a 7 de março de 1959, filiou-se à Oficina, o Irmão Cândido Marinho

da Rocha, cuja saudação fora pronunciada pelo Irmão Orador Maurício Pereira de Araujo:

"A Benemérita "Amazonas" vive hoje, como já tive ocasião de frisar (no momento em que falara aos demais Obreiros presentes), uma das suas sessões de maior júbilo, de mais intensa felicidade... Como se já não bastasse a lembrança feliz de todas as sessões anteriores, como se já não bastasse a presença confortadora de nossos Irmãos de outras Lojas, quiz o Grande Arquiteto do Universo espalhar, derramar sobre a existência da nossa muito querida Benemérita "Amazonas" novas bênçãos, novas honrarias. Novas bênçãos, porque conduziu até esta Oficina, nos seus braços invisíveis, a figura prestigiosa e grande, de um grande Maçon, Cândido Marinho da Rocha, Sereníssimo Grão-Mestre da Grande Loja do Estado do Pará. Novas honrarias, extraordinária honra para esta Loja, mais extraordinária ainda, para seus filhos, pela ventura de poderem ver, dentro de seu Templo, e já pertencente ao seu Quadro, a figura inconfundível de homem e de Maçon — Cândido Marinho da Rocha — glória da Maçonaria Nacional, e agora como filiado à Benemérita "Amazonas", também orgulho destes seus Irmãos de ideal e de amor. Possuidor de um fulgurante talento e de uma generosa bondade, e que, por isso mesmo, por essa sua bondade generosa, aqui se encontra conosco, atendendo a um convite de nossa Oficina, nos dirigirá certamente sua palavra eloquente, e nós o ouviremos encantados e atentos, como simples alunos, ouvindo a palavra sábia e refletida de um grande Mestre. Um poeta, já disse certa vez: ocasiões há, em que o coração vê melhor que os olhos. E acreditai, Sereníssimo Grão-Mestre da Grande Loja do Pará, que minhas palavras representando a vontade de toda a Oficina, não estão sendo proferidas como bajulação, mas sim, como uma manifestação de nossos corações. A Benemérita "Amazonas", não encara a vossa presença a esta sessão de hoje, apenas como uma visita, apenas como uma simples cortesia. A Benemérita "Amazonas", pelos seus filhos aqui presentes, não vos vê com os olhos do corpo, vos sente e vos homenageia com os olhos do coração. Nesta nossa homenagem e nesta nossa saudação, vão também os votos que formulamos ao Grande Arquiteto do Universo para que faça descer sobre vossa cabeça, sobre os ombros da humanidade, a Paz verdadeira, total, real. Cabe à Maçonaria, cabe a nós, Maçons, quanto mais não seja, pelos juramentos prestados, dar esse exemplo e arrancar as ervas daninhas que asfixiam as flores mais belas do jardim da perfeição, que todo o homem traz dentro de si. Levai, assim, pois, Sereníssimo Grão-Mestre da Grande Loja do Pará, quando partirdes, esta nossa mensa-

gem de Paz e de Fraternidade, envolta com as homenagens que a Benemérita "Amazonas" vos oferece humildemente. Que ela tenha seu valor, e que suas sementes produzam seus frutos em outras terras, aquecidos pelo mesmo sol, beijados pelas mesmas ondas deste Rio-Mar gigante, pois, pela sinceridade com que esta mensagem foi dita, pela pureza imaculada de intenções, com que a lançamos ao coração de todos os homens livres e de bons costumes, estamos certos, não se perderá em vão".

Manifestamente sensibilizado, o Irmão Cândido Marinho da Rocha, agradece a honraria e a gentileza que lhe foram prestadas pela Oficina, inclusive tomando-o por Filiado, gesto esse que jamais esquecerá, pois ficará enraizado em seu coração.

Na oportunidade, concitou a todos os seus Irmãos do Amazonas, Acre, Rondônia, Rio Branco e Pará a se unirem fraternalmente, "para melhor glória e grandeza da Amazônia, quer no setor profano, como no setor maçônico, pois somos a mesma gente, com os mesmos costumes e sacrifícios".

Realização da IX Mesa Redonda

No período de 7 a 13 de julho de 1961, durante a Venerança do Irmão Manoel Ribeiro, realizou-se no Templo da Loja "Amazonas", a IX Mesa Redonda da Maçonaria Simbólica Regular no Brasil.

Era Grão-Mestre, à época, o Irmão Felismino Francisco Soares, sendo eleito Presidente de Honra do conclave o Irmão Venâncio Igrejas Lopes.

Nas reuniões plenárias que então se efetuaram, foram debatidos os seguintes trabalhos: "Transportes no Brasil", da Grande Loja do Rio Grande do Sul; "Ritualística e Vinculação", da Grande Loja do Rio de Janeiro; "Estruturação da Mesa Redonda", do Grande Oriente do Brasil; e Medidas de Amparo à Borracha", da Grande Loja do Pará.

O Irmão Camilo Fares Abinader, Membro Ativo da Oficina, foi um dos Secretários da importante reunião maçônica.

Documento Primoroso

O Irmão Agnello Bittencourt, ao agradecer, ao Irmão Joaquim Gomes Loureiro, Secretário da Oficina, os votos de congratulações pela passagem do seu aniversário natalício, respondeu, a 17 de dezembro de 1963, com uma carta, que se considera um documento primoroso, não apenas pelas mani-

festações nela expostas, porque redigidas, manuscritamente, por uma das maiores dignidades maçônicas do País:

"Recebi o telegrama no qual, em vosso nome e dessa Grande Benemérita Oficina, me enviastes felicitações a propósito de minha efeméride natalícia, ocorrida a 14 deste.

Confesso-me desvanecido e honrado com essa demonstração de carinho e prova de fraternidade. Peço ao Grande Arquiteto do Universo que me dê ocasiões de prestar serviços às gloriosas tradições da "Amazonas", sentinela avançada e persistente nos torneios do nobre Ideal que defendemos através do trabalho, da cultura e do nosso amor entre os homens".

Primeira Publicação de "O Cinzel"

A 4 de março de 1964, por ocasião do transcurso do 87º aniversário de fundação da Loja, iniciou-se a impressão de um órgão de publicidade denominado "O Cinzel", cujas edições somente se fazem em datas históricas.

Referindo-se a esse órgão, manifestou-se o Irmão Crisólogo Gastão de Oliveira:

"Acompanhando o desenvolvimento e a necessidade de atualizar-se, fazendo com que suas tarefas se tornassem conhecidas dos Obreiros, mas, também, do público, a Loja "Amazonas" vem publicando periodicamente o jornal "O Cinzel", através de cujas colunas dá publicidade e noticiário das ocorrências da Oficina, assim como, de um modo geral, nas condições. O "Cinzel" é um órgão sério, bem dirigido e muito bem colaborado, que se recomenda ao interesse do povo maçônico, curioso por obter novidades da espécie, daí sua procura e prestígio que lhe oferece. O "Cinzel" é, por assim dizer, o seu boletim informativo precioso, indispensável, pela utilidade de conservar-se atualizado e oportuno, nas mãos e para ensinamento, ou mesmo para satisfazer leitura, servir de curiosidade dos Obreiros do Quadro e das demais Lojas da Arte Real".

Salão Manoel Ribeiro

Transcrição do Boletim da Grande Loja do Estado da Guanabara, em seu número de abril-maio de 1966:

"No dia 20 de abril a "Amazonas" iluminou seu Templo para receber 9 novos Irmãos, ocasião aproveitada para inaugurar o Salão de Banquetes "Manoel Ribeiro", luxuoso e possivelmente o maior do País. Estivemos presentes à solenidade, 110 Obreiros, todos a rigor, demonstrando elegância e estabi-

lidade econômica. Os destinos da Oficina estão entregues ao conceituado Irmão Rodolpho Guimarães Valle”.

Dia do Maçon

A 20 de agosto de 1966, em homenagem ao Dia do Maçon, foi realizada uma Sessão Mágnica de Iniciação, na qual os Obreiros da Loja produziram, sobre a efeméride, o seu contentamento, em manifestação assim redigida:

“Comemoramos, hoje, em todo o Brasil, com as merecidas solenidades, o Dia do Maçon, instituído para que fique perpetuada, na memória de todos, a lembrança dos grandes vultos da Independência do Brasil.

O século XIX distingue-se pela libertação política dos povos sulamericanos, que compreendendo o seu papel na história do Continente, sentiram-se capazes de possuir governo próprio, com dirigentes nascidos nas terras descobertas por espanhóis e portugueses.

A Maçonaria, que inscreveu no seu lema a defesa da Liberdade, não ficaria afastada dos movimentos emancipadores.

Foi por isso que seus filhos lançaram-se à gloriosa luta a favor da liberdade de inúmeros territórios subordinados às injunções políticas dos antigos colonizadores.

No Brasil, o Maçon Joaquim José da Rocha foi um dos líderes da campanha pública para a permanência de Pedro, Príncipe Regente, no Rio de Janeiro. Em torno do Maçon Joaquim Gonçalves Ledo reuniram-se, em memorável assembléia, Obreiros da Arte Real, para decidirem, resoluta e patrioticamente, a Independência brasileira, no dia 20 de agosto de 1822.

Os manifestos corajosamente dados à luz, especialmente o redigido pelo Maçon José Bonifácio de Andrada e Silva, bem refletiam uma das gratas aspirações nacionais, aquela que já havia levado Tiradentes ao patíbulo e se concretizaria publicamente, às margens do Ypiranga, em São Paulo, no radiante 7 de setembro.

A ninguém é lícito ignorar o trabalho da Maçonaria a prol do progresso dos povos e do aperfeiçoamento do caráter humano.

As magníficas lições deixadas por nossos antepassados ensinam-nos o caminho seguro da sobrevivência pacífica e o amplo campo da solidariedade.

É, portanto, com justa razão, que hoje os Maçons brasileiros estão em festa.

Louvemos neste dia tão significativo aqueles que, com seu esforço e sua inteligência, nos propiciaram a oportunidade de vivermos irmanados num país tão grande e protegidos pelo Grande Arquiteto do Universo”.

90º Aniversário da Oficina

Ao ensejo do 90º aniversário de fundação da Loja, transcorrido a 4 de março de 1967, além das solenidades que se realizaram no interior do Templo, o órgão de divulgação — “O Cinzel” — fora publicado em edição comemorativa à data, trazendo, em resumo, as atividades então exercitadas:

“A 4 de março de 1877, uma plêiade de Maçons fundava, no Oriente de Manaus, a Loja “Amazonas”, que iria, com seus Obreiros, distinguir-se na alforria dos cativos e do árduo labor a prol do engrandecimento moral do gênero humano. Quase cem anos decorridos e ela permanece altaneira, graças ao esforço e à dedicação das diversas gerações que a dirigiram e fortaleceram as suas colunas. A sua existência não tem sofrido solução de continuidade. Ela desenvolve as suas atividades sob a orientação disciplinadora da sublime trilogia — Liberdade, Igualdade, Fraternidade — pois, propugna pelo direito de todos às mesmas condições de vida, sem distinção de cor, de crença ou de raça.

A administração atual da Loja “Amazonas” acompanha a desenvoltura dos ideais maçônicos e seguindo o salutar exemplo de outros construtores da sociedade, não se cansa em promover o progresso moral e material da Oficina, ora difundindo as lições magníficas que nossos antepassados legaram como fortuna inalienável, ora enriquecendo o patrimônio construído por quantos se esforçaram por deixar, à posteridade, uma árvore fértil e benfazeja, à sombra da qual nos abrigamos com segurança.

Por isso, não nos cansaremos em repetir: herdamos, de nossos antepassados, um edifício construído com luta, arrojo e sabedoria; não permitiremos, nunca, a sua destruição; o nosso trabalho, na eternização desse edifício, será continuado pelos vindouros.

O Grande Arquiteto do Universo há de proteger, perene e mente, a obra maçônica”.

Aniversário da Independência

No dia 9 de novembro de 1968, a Loja realizou uma Sessão Mágnica de Iniciação em homenagem à adesão do Ama-

zonas à Independência do Brasil, em cuja solenidade, de cunho maçônico-patriótico, ingressaram pelas Colunas do Templo de Salomão oito novos Obreiros da Arte Real.

Última Década

Vão aqui, sumariados, os principais acontecimentos ocorridos na década de 70, até a aproximação do centenário de fundação da Oficina:

Ano de 1970

- 20 de agosto — Comemoração do Dia do Maçon, sobre o qual falou o Irmão Ábdon Nicoláu Ázaro, lembrando o motivo da instituição dessa homenagem e os nomes de Maçons ilustres que desenvolveram as suas atividades políticas a favor da Pátria nos episódios da Independência Nacional.

Ano de 1971

- 21 de outubro — Leitura do Decreto nº 05-71/72, do Sereníssimo Grão-Mestre da Grande Loja do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, que determinou luto por nove dias e suspensão dos trabalhos maçônicos nesse período em homenagem à memória do Irmão Daniel Corrêa Trindade, Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceito para a República Federativa do Brasil, falecido no Rio de Janeiro.

Ano de 1972

- 21 de abril — Realização de uma sessão branca, para solenizar o transcurso do centenário de fundação da Loja “Esperança e Porvir”, que se verificaria a 6 de outubro.

Usaram da palavra os Irmãos Ábdon Nicolau Ázaro, saudando a Oficina homenageada; Rodolpho Guimarães Valde, reportando-se à figura de Tiradentes; Dalmir José da Câmara, referindo-se à Ma-

çonaria no Amazonas; Cândido Honório Soares Ferreira, dissertando sobre o sesquicentenário da Independência do Brasil; Vicente Córdulo Ribeiro agradecendo as homenagens conferidas à Loja “Esperança e Porvir”; Farias de Carvalho, declamando o poema “Vozes d’África”; Vicente Cruz, saudando o Pavilhão Nacional; e Mário Verçosa, que, em nome da Grande Loja do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima, na qualidade de Grão-Mestre, solicitou que todos os presentes ficassem de pé, para, juntamente com ele, fazerem uma oração ao Grande Arquiteto do Universo, pedindo que iluminasse o pensamento de quantos assistiram àquela festa.

- 25 de julho — Participação na vigília cívica e nas pompas fúnebres realizadas para homenagear os restos mortais de D. Pedro I, solenidades que tiveram lugar na Catedral Metropolitana de Manaus e na Loja “Esperança e Porvir”, respectivamente.
- 09 de novembro — Consignação de um voto de exaltação ao Amazonas, pela adesão nesse dia, em 1823, à Independência do Brasil.

Ano de 1973

- 25 de janeiro — Solicitação à Grande Loja do Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima no sentido de congratular-se com a Grande Loja do Estado de São Paulo pela passagem de mais um aniversário de fundação dessa unidade federativa.
- 24 de maio — Entrega, à Loja “Esperança e Porvir”, de uma mensagem de solidariedade pelo transcurso do centenário de regularização da Oficina Mater da Obediência.
- 20 de agosto — Fundação da Grande Loja do Estado do Acre, em cuja solenidade a Oficina se fez representar por vários de seus Obreiros.
- 03 de setembro — Marcha “aux-flambeau”, realizada pela Maçonaria Amazonense, em homenagem à emancipação política nacional.

- 11 de outubro — Sessão de culto à memória do Irmão Francisco Pereira da Silva, Ex-Venerável Mestre da Oficina.
- 25 de outubro — Conhecimento do Decreto nº 17-73/74, do Sereníssimo Grão-Mestre da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes, determinando luto por tres dias e suspensão dos trabalhos maçônicos, no mesmo prazo, em homenagem póstuma ao Irmão João Rebelo Corrêa, falecido em Manaus.

Ano de 1974

- 10 de janeiro — Registro de um voto de saudade ao Irmão Elviro Dantas Cavalcante, pelo transcurso do seu centenário de nascimento.
- 04 de março — Sessão Mágnã do 97º aniversário de fundação da Loja, sob a Venerança do Irmão Fernando Antonio Loureiro da Costa Marques, com a seguinte programação: apresentação do primeiro livro de atas e leitura do Balaustre de instalação da Oficina; homenagem aos Irmãos Fundadores da Loja, na palavra do Irmão Heleno Teixeira Montenegro, Ex-Venerável Mestre da Loja "Rio Negro"; homenagem ao Irmão Hamilton Mourão, Iniciado na Oficina e Grão-Mestre do Grande Oriente do Amazonas e Acre, pelo transcurso do seu aniversário natalício, na palavra do Irmão Cândido Honório Soares Ferreira, Ex-Venerável Mestre da Loja "Esperança e Porvir"; leitura da peça de arquitetura produzida pelo Irmão Alcides Ramos Pais, Orador da Loja, sobre a eleméride; Filiação do Irmão Pedro Bessa de Lima; e saudação ao Pavilhão Nacional, pelo Irmão Ulisses Bittencourt, que representava o seu genitor, Irmão Agnello Bittencourt, especialmente convidado para a aludida comemoração.
- 21 de abril — Comparecimento às comemorações em homenagem a Tiradentes, realizadas pela Polícia Militar do Amazonas, no quartel do bairro de Petrópolis, integrando a de-

- legação presidida pelo Irmão Mário Sílvio Cordeiro de Verçosa, Sereníssimo Grão-Mestre da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes.
- 27 de junho — Início das atividades da primeira administração eleita pelo período de dois anos, de acordo com os dispositivos da Constituição da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes, promulgada a 15 de fevereiro de 1974 e publicada no Diário Oficial do Estado do Amazonas, em sua edição de 3 de maio do mesmo ano.
- 04 de julho — Homenagem ao Irmão Antonio Clemente Ribeiro Bittencourt, Grão-Mestre do Grande Oriente Estadual do Amazonas, pela passagem do centenário de sua Iniciação, na Loja "Esperança e Porvir", ocorrida a 24 de junho de 1874.
- Aprovação de uma mensagem de apoio e solidariedade ao Grão-Mestrado da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes, ao ensejo do início de um novo triênio administrativo.
- 11 de julho — Tributo de gratidão aos Obreiros que trabalharam pela libertação dos escravos no Amazonas, conseguindo-a em 10 de julho de 1884.
- Aprovação de uma mensagem dirigida ao Irmão Agnello Bittencourt, Grão-Mestre Honorário da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes, por motivo do transcurso do 75º aniversário de sua Iniciação nos Augustos Mistérios da Maçonaria, Iniciação essa realizada em 12 de agosto de 1899.
- 12 de julho — Publicação do Corpo Administrativo da Loja "Amazonas" para o período maçônico de 1974 a 1976: Venerável — Rodolpho Guimarães Valle; Past-Master — Fernando Antonio Loureiro da Costa Marques; 1º Vigilante — Mário Torres; 2º Vigilante Antenor Mendes da Silva; — Orador — Jorge Rebelo; Chanceler — Renan Corrêa Peixoto; Mestre de Cerimônias — Arlindo Vieira dos Santos; 1º Experto — Jason Rodrigues dos Santos; 2º Experto —

Sebastião Francisco da Silva; Guarda do Templo — Atabírio Andrade Bezerra; Secretário — Jaques Gonçalves de Souza; Tesoureiro — Edmar Nunes Vieira; Hospitaleiro — Amauri Vieira dos Santos; 1º Diácono — José Polari; 2º Diácono — Arnaldo Felisberto Imbiriba da Rocha; Porta-Estandarte — Orlando Tupinambá Nobre; Porta-Espada — Nilo Florêncio Nunes; Cobridor — Mário Nazareno de Almeida; Mestre de Banquete — Getúlio Vargas Meira Torres; Mestre de Harmonia — Luiz Alberto Ferreira Farias; Arquiteto Decorador — Lizardo Rodrigues Neto; Bibliotecário — Rosedilson Lopes de Assis; e Mestre de Relações Públicas — Pedro Bessa de Lima. Comissão de Assuntos Gerais — Alfredo Tetenge, Presidente; Luiz Jardim Maués e Arlindo Chaves Cândido, Membros; Comissão de Finanças — Ilmar Guimarães de Oliveira, Presidente; Mário Sevalho Segadilha e Manoel Eduardo Moreno Loyaza, Membros; Comissão de Educação — José Cidade de Oliveira, Presidente; Alberto Afonso e Julião Lemos Sobral, Membros; Comissão de Liturgia e Filosofia Maçônica — Waldemar de Moura Sobreira, Presidente; Solano de Miranda Sérgio e Paulo Fleury Lopes, Membros; Comissão de Solidariedade e Beneficência — Francisco Albuquerque Filho, Presidente; Fernando Sobral Perez e Jerônimo Ferreira de Souza, Membros.

18 de julho — Sugestão apresentada ao Grão-Mestre, pelo representante da Oficina, na sessão do Conselho Permanente, para a criação da Bandeira Maçônica da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes.

— Neste mês de julho a Loja participou das Caravanas Maçônicas de visita fraternal às có-Irmãs “Aurora Lusitana” (dia 8), “Conciliação Amazonense” (dia 9), “Rio Negro” (dia 12), “12 de Janeiro” (dia 15) e “Esperança e Porvir” (dia 17), havendo recebido, no dia 11, o comparecimento dessas Oficinas, em cuja sessão falou o Irmão Cãn-

dido Honório Soares Ferreira, que discorreu sobre o significado desses encontros entre os Obreiros da Arte Real.

19 de julho — Incorporação à Delegação da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes que compareceu à VIII Assembléia Geral da Confederação da Maçonaria Simbólica do Brasil, realizada na cidade de Goiânia, capital do Estado de Goiás, no período de 20 a 26 desse mês.

08 de agosto — Visita do Irmão Licínio Leal Barbosa, Venerável Mestre da Loja “Educação e Moral” nº 8, da jurisdição da Grande Loja de Goiás.

24 de agosto — Iniciação de oito Obreiros da Arte Real, com homenagem, às primeiras horas do dia seguinte, ao Irmão Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, Grão-Mestre da Maçonaria Brasileira.

07 de setembro — Comparecimento à Loja “Aurora Lusitana” nº 6, que realizou uma sessão branca em homenagem ao Dia da Pátria.

20 de setembro — Participação nas solenidades em homenagem ao centenário de nascimento do Grão-Mestre Gaspar Antonio Vieira Guimarães e à passagem do septuagésimo aniversário de criação do Grande Oriente Estadual do Amazonas, realizadas na Loja “Rio Negro”, sob os auspícios da Soberana Assembléia Geral da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes.

05 de novembro — Inauguração da Casa de Serviço, em homenagem ao aniversário de fundação da Loja “Rio Negro” e início de uma série de empreendimentos da administração da Oficina.

12 de novembro — Posse, na Loja, das administrações dos Altos Corpos Filosóficos da Região e homenagem pelo transcurso de mais um aniversário de fundação do Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito para a República Federativa do Brasil.

19 de novembro — Homenagem à Bandeira Nacional com o seu hasteamento solene na parte exterior do Templo.

- 21 de novembro — Homenagem à adesão do Amazonas à proclamação da República.
- 12 de dezembro — Homenagem ao Almirante Tamandaré e ao Dia do Marinheiro, na palavra do Irmão Justino Marques, Ex-Delegado Regional do Grande Oriente do Brasil.
- 21 de dezembro — Término festivo do ano, com uma solenidade mágnã de Iniciação Maçônica e inauguração do retrato do Irmão Manoel Ribeiro, Grão-Mestre, em exercício, da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limitrofes.

Ano de 1975

- 09 de janeiro — Reinício dos trabalhos da Oficina, havendo o Irmão Jorge Humberto, Grande Orador Adjunto da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limitrofes, pronunciado, sobre o "Dia do Fico", uma aplaudida conferência.
- 04 de março — Comemoração do 98º aniversário de fundação da Loja e circulação de "O Cinzel", em seu sexto número.
- Entrega do diploma de Membro Honorário ao Irmão Eduardo Campos Costa Filho e do título de Venerável de Honra ao Irmão Miguel Jorge, em brilhante e memorável sessão presidida pelo Irmão Manoel Ribeiro, Grão-Mestre, em exercício, da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limitrofes.
- 29 de março — Iniciação de novos Obreiros e homenagem ao Irmão Waldemar Pedrosa, já falecido.
- 16 de abril — Sessão Mágnã de Adoção de Lowtons e homenagem ao Irmão Manoel do Nascimento Filho, Venerável Mestre da Loja "Rio Negro", por haver completado quarenta anos de Iniciação Maçônica.
- 01 de maio — Quinta-feira. Em homenagem ao Dia do Trabalho, a Loja não realizou a sua costuma sessão econômica. Feriado maçônico. Os Obreiros da Oficina ficaram recolhidos no santuário de suas meditações, rogando ao Grande Arquiteto do

Universo que o caminho da paz, da harmonia e do amor seja alcançado pela humanidade, a fim de que, daqui por diante, com um labor mais tranquilo, todos possam compreender que a vida somente é bela quando exercitada no aconchego de Irmãos pertencentes à mesma Família Universal.

ATA DE FUNDAÇÃO

II

Ata de Fundação

À Glória do Supremo Arquiteto do Universo

ATA DE INSTALAÇÃO

Aos quatro dias do mês de março de mil oitocentos sessenta e sete era vulgar, neste Vale de Manaus, reuniram-se em lugar oculto às vistas profanas os Irmãos abaixo assinados para tratarem da criação de uma outra Oficina Maçônica sob a imediata proteção do Sapiientíssimo Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil.

Depois de aclamado Presidente o Irmão Raimundo da Silva Moya, mostrou ele a oportunidade da execução da idéia que fazia objeto desta reunião, propondo que se assentasse definitivamente na edificação do Templo do Rito Adoniramita, dedicado à Caridade e à Virtude, cuja proposta foi geralmente aceita e aplaudida.

Também propôs que, à vista da resolução tomada, se discutisse e fixasse o distintivo da nova Loja. Alguns dos Irmãos lembraram diversos nomes, sendo afinal deliberado por maioria o de — Amazonas.

Então disse o Irmão Presidente denominar-se ela — Amazonas — acrescentando que estando já resolvida a sua criação e distintivo, fazia-se preciso eleger entre os Irmãos as Luzes que deviam representá-la.

Correndo o escrutínio secreto, saíram eleitos interinamente — Venerável, Francisco Públio Ribeiro Bittencourt — 1º Vigilante, Ismael Cesar Pais Barreto — 2º dito, Carlos Galvão Viana — Orador, Raimundo da Silva Moya — Secretário, Bernardo José de Souza — Tesoureiro, Vicente Pinto de Miranda — Cobridor, Joaquim Pinto Ribeiro — Hospitaleiro,

III

Ata de Regularização

A Glória do Supremo Arquitecto do Universo

Sessão Mágnã de Regularização da Augusta e Respeitável Loja "Amazonas" do Rito Adoniramita, erecta em 4 de março sob os auspícios do Sapientíssimo Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil, e regularizada a 29 de julho, por Breve Constitutivo expedido pelo Sublime Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas em 26 de maio tudo do ano da Verdadeira Luz 5877.

Aos vinte e nove dias do quinto mês do ano da Verdadeira Luz cinco mil oitocentos e setenta e sete, às sete e meia horas da noite achando-se reunidos no Templo da Oficina os Irmãos inscritos no livro de presença, a fim de proceder-se à regularização da referida Oficina, foi a Loja constituída com suas respectivas Luzes e Dignidades e abertos os trabalhos segundo o Ritual, pelo Venerável em sessão mágnã de regularização. Em seguida o Respeitável Venerável apresentou e leu uma prancha do Grande Secretário Geral da Ordem, datada de 29 de maio do corrente ano, comunicando o deferimento dado à petição desta Oficina, pelo Grande Capítulo de Cavaleiros Noaquitas que o Respeitável e Poderoso Irmão Delegado do Grão-Mestre da Ordem no Vale de Belém achando-se neste Vale, nomeara a comissão regularizadora que ficou composta dos seguintes Respeitáveis Irmãos: Padre Torquato Antonio de Souza, 33, Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães 32, Silvério José Nery e Bernardo José de Bessa, ambos do gráu 30, para sob sua presidência regularizarem a Oficina, neste dia que também foi acordado pela Loja e a referida comissão. O Venerável passou depois a nomear uma comissão composta de tres Irmãos para se dirigirem ao vestíbulo do Templo e receberem

da comissão regularizadora as suas determinações. Esta comissão de volta de cumprir o seu mandato, declarou que a comissão achava-se pronta a desempenhar o seu mandato. À vista desta declaração o Respeitável Venerável passou a nomear outra comissão composta de sete Irmãos para acompanharem a comissão regularizadora à porta do Templo. E sendo anunciada a sua chegada, o Respeitável Venerável descendo do trono dirigiu-se à porta do Templo e sendo aí acompanhado pelos Irmãos 1º e 2º Vigilantes e demais Dignidades. Dirigiu o Venerável à Comissão palavras de saudação e agradecimento ao entregar-lhe o respectivo malhete, em cujo ato foi acompanhado pelos Irmãos 1º e 2º Vigilantes aos outros dois membros da comissão, mais graduados; e sendo a referida comissão introduzida no Templo, sob abóbada de aço, passou o Presidente dela a ocupar o trono, e os Respeitáveis Irmãos Padre Torquato Antonio de Souza e Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães os logares de 1º e 2º Vigilantes e os outros os logares de Orador e Secretário, tomando assento ao lado de cada um dos comissários, os respectivos funcionários da Oficina.

Em ato sucessivo, o Respeitável Irmão Presidente mandou que o Irmão Mestre de Cerimônias verificasse se na Sala dos Passos Perdidos existiam Irmãos Visitantes e os fizesse introduzir no Templo examinando previamente sua regularidade, e ordenou aos Respeitáveis irmãos 1º e 2º Vigilantes que se certificassem da regularidade dos Irmãos presentes.

O Irmão Mestre de Cerimônias, dando conta de seu mandato declarou que além dos Irmãos visitantes existiam mais duas comissões, uma do Sublime Capítulo Esperança e Porvir, outra da Augusta Loja Esperança e Porvir e Exmas. Senhoras que também desejavam assistir aos nossos trabalhos. O Respeitável Irmão Presidente nomeou duas comissões para acompanharem as referidas comissões e visitantes e introduzir no Templo as Exmas. Senhoras, o que foi feito, declarou o Irmão Presidente abertos os trabalhos do Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas no primeiro grau da Loja.

Estando todos os Obreiros em pé e à ordem, o Irmão Presidente apresentou o Breve Constitutivo e mandou que o Irmão Secretário procedesse à sua leitura e o traçasse por inteiro na presente ata, o qual é concebido nos seguintes termos:

“Ad Universi Terrarum Orbis Summi Architecti Gloriam (Estava o Timbre do Grande Oriente Unido do Brasil) — O Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas, ao Grande Oriente do Poder Central, no seio do Sapientíssimo Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil. Faz saber que havendo-lhe sido presente a impetração que a Loja Provisória

“Amazonas”, ao Oriente de Manaus, Império do Brasil, lhe endereçou pedindo a regularidade de seus trabalhos nos Sublimes Mistérios do Rito Adoniramita, achando-se esta súplica nos termos da Constituição Maçônica e Regulamentos Gerais da Ordem houve por bem, usando das atribuições que lhe conferem as leis em vigor, mandar inaugurar o Templo e regularizar a sobredita Loja Provisória sob o título distintivo “Amazonas” ao Oriente de Manaus e lhe expede o presente Breve Constitutivo, pelo qual a considera regularmente fundada e constituída entre as demais Lojas do Círculo, a fim de gozar de todos os privilégios e prerrogativas que pela Constituição Maçônica, Regulamentos e Estatutos Gerais da Ordem lhe competem.

O Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas, convida, portanto, a todos os Capítulos Maçônicos regularmente constituídos e outrossim determina a todas as Augustas Oficinas de sua jurisdição que como tal reconheçam a referida Loja “Amazonas” e prestem a devida consideração a todos os seus atos legítimos. Em firmeza de tudo, mandou o Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas na sessão de 26 de maio de 1877 (Era Vulgar) expedir-lhe o presente Breve Constitutivo, timbrado, selado e assinado pelo Poderoso Irmão Soberano Grão-Mestre Grande Comendador da Ordem e pelas Dignidades respectivas.

Traçado e polido na Grande Secretaria Geral do Sapientíssimo Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil, no Rio de Janeiro aos 29 dias do 4º mês do ano da Verdadeira Luz 5877 (29 de maio de 1877 Era Vulgar). (Estava o selo do Grande Oriente Unido com a competente fita). Joaquim Saldanha Marinho, Soberano Grão-Mestre Grande Comendador da Ordem. Joaquim José da Cunha Guimarães, 13, Grande Venerável. R.A. Machado Reis, 13, 2º Grande Vigilante. Miguel Francisco Rodrigues Pinheiro, 13, 1º Grande Vigilante. Dr. Alexandre Freire do Amaral, 13, Grande Secretário Geral da Ordem. Francisco Martins Pinheiro, 13, Grande Secretário do Grande Capítulo. Joaquim Antonio de Souza Ribeiro, 13, Grande Orador. Antonio Inácio Pereira, 13, Grande Chanceler Guarda Selos. J.J. Ferreira Margarido, 13, Grande Tesoureiro Geral da Ordem”.

Em seguida, o Irmão Presidente, depois de pronunciar um eloquente discurso análogo ao ato, entregou ao Venerável da Loja os Regulamentos Gerais da Ordem e deferiu com as devidas formalidades não só a este como aos Vigilantes e Orador à frente dos demais Oficiais o devido juramento. Depois fez anunciar nas colunas que ia proceder à regularização da Loja e achando-se os Obreiros em pé e à ordem e armados,

proclamou por tres vezes o seguinte: “À Glória do Grande Arquiteto do Universo — Em nome do Grande Capítulo dos Cavaleiros Noaquitas, sob os auspícios do Sapientíssimo Grande Oriente Unido e Supremo Conselho do Brasil, e em virtude dos poderes que me foram delegados, nós instalamos, regularizamos e filiamos para sempre, ao Oriente de Manaus no Rito Adoniramita a Loja de S. João com o título distintivo “Amazonas”. A Loja está regularizada”. Convidou a Loja a aplaudir pela tríplice bateria o ato que vinha de ter logar o que foi feito, formou a cadeia maçônica unicamente com os membros da Loja, e comunicou a palavra semestral.

O Irmão Presidente subindo ao trono fechou os trabalhos do Grande Capítulo e entregou os malhetes aos Venerável e Vigilantes da Loja, ocupando estes os seus respectivos logares e a comissão regularizadora à direita do Venerável. O Venerável fazendo uma breve alocução análoga ao ato agradeceu em nome da Loja o deferimento dado pelo Grande Capítulo à sua petição e convidou os Obreiros a aplaudir a comissão regularizadora pela tríplice bateria, o que se fez com viva satisfação. Usou da palavra em seguida o Irmão Orador que pronunciou um discurso magistral em que pôs bem em relevo a utilidade da associação que vinha de regularizar-se. Seguindo-se com a palavra os Respeitáveis Irmãos Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha, como membros da Augusta Loja Capitular Esperança e Porvir, Pedro Henrique Cordeiro, como membro do Sublime Capítulo Esperança e Porvir, Manoel Alfredo Ferreira da Cruz, Estevão José Ferraz, José de Lima Penante, Manoel da Silva Campelo e a irmã a Exma. Senhora D. Francisca de Sales D. Tavares, pronunciaram excelentes peças de arquitetura, as quais foram devidamente agradecidas pelo Irmão Orador e aplaudidas pela Casa com viva satisfação.

Circulou o tronco da beneficência profana e produziu a medalha de trinta e quatro mil e duzentos réis (34\$200) que ficou em poder do Irmão Hospitaleiro.

O Respeitável Venerável encerrou os trabalhos com as formalidades do Ritual e nos retiramos em paz.

Padre Eutíquio Pereira da Rocha, 33
Delegado do Sapientíssimo Grão-Mestre
— Presidente da Comissão

Torquato Antonio de Souza, 13
Membro da Comissão

Gabriel Antonio Ribeiro Guimarães, 13
Membro da Comissão

Bernardo José Bessa, 13
Membro Honorário do Grande Oriente

Silvério José Nery, 13
Venerável da Loja Esperança e Porvir

Venerável
Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, 12

2º Vigilante
Carlos Gavinho Viana, 12

1º Vigilante
Ismael Cesar Pais Barreto, 3

Orador
Raimundo da Silva Moya, 12

Secretário
Bernardo José de Souza, 12

TÍTULO
DE BENEMÉRITA

I V

Título de Benemerita

Decreto nº 93, de 23 de setembro de 1891

Nós, Generalíssimo Manuel Deodoro da Fonseca, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, Grão-Mestre Grande Comendador da Ordem Maçônica no Brasil,

Fazemos saber às Oficinas e Maçons da nossa jurisdição para a devida inteligência que o Sapiientíssimo Grande Oriente do Brasil:

Considerando os relevantes serviços que à Instituição Maçônica têm prestado as Augustas e Respeitáveis Lojas Capitulares “Esperança e Porvir” e “Amazonas”, ao Oriente de Manaus, Estado do Amazonas, no exercício da prática de atos humanitários;

Considerando, especialmente, a grande tarefa empreendida pelas mesmas Oficinas na libertação da escravidão, concorrendo para que no Estado do Amazonas se fizesse de modo mais digno;

Considerando que é esse um relevante serviço prestado à Maçonaria e à Humanidade;

Querendo dar uma prova de alto apreço e profunda consideração que lhe merecem as referidas Oficinas adotou em sessão ordinária de 22 do corrente a seguinte

R E S O L U Ç Ã O :

Art. único — As Augustas e Respeitáveis Lojas Capitulares “Esperança e Porvir” e “Amazonas”, ao Oriente de Manaus, Estado do Amazonas, são distinguidas com o título de Beneméritas, título este que gozarão, gravando-o em seus selos e timbres e antepondo-o aos outros títulos a que têm direito por Lei e como tais serão tratadas em todos os atos

oficiais pelo Grande Oriente Capitular Superior da Ordem e Oficinas da jurisdição.

O Grande Secretário da Ordem é encarregado da notificação e publicação do presente Decreto.

Dado e traçado na Grande Secretaria Geral do Grande Oriente e Supremo Conselho do Brasil, aos 23 dias do 7º mês da Verdadeira Luz 5891, 23 de setembro de 1891 (Era Vulgar).

Manoel Deodoro da Fonseca
Grão-Mestre Grande Comendador da Ordem

Dr. Henriques Valladares
Secretário Geral da Ordem

João Francisco da Costa Teixeira
Grande Chanceler

ATA DE INAUGURAÇÃO DO NOVO TEMPLO

V

Ata de Inauguração do Novo templo

À Glória do Supremo Arquiteto do Universo

Sessão Mágnã de Inauguração do novo Templo da Benemérita Loja Capitular "Amazonas", ao Oriente de Manaus

Balaustre nº 1187

Aos 25 dias do mês de março de 1899, Era Vulgar, às 8 horas da noite, reunidos os Irmãos do Quadro, e bem assim os Respeitáveis Irmãos Visitantes e Exmas. Famílias, teve ingresso no Templo a comissão regularizadora composta dos Respeitáveis Irmãos Venerável Joaquim Francelino de Araújo; 1º e 2º Vigilantes José Gonçalves Dias e Abílio Ferreira Barbosa; e Adjunto de Orador e Secretário Francisco Pedro Sampaio e Alípio Honorato Ferreira Meninéia, acompanhada de sete Irmãos conduzindo os instrumentos simbólicos, a qual com as formalidades do ritual especial, fez a inauguração do novo Templo desta Benemérita Oficina, sendo nessa ocasião levantados vivas pelos Poderosos Irmãos Venerável e 1º e 2º Vigilantes, à Loja Amazonas e as deste Oriente, ao Venerável Joaquim Francelino de Araujo e ao Grão-Mestre da Ordem Dr. Macedo Soares, sendo executado nessa ocasião o Hino Maçônico pela banda de música do Batalhão de Segurança desta capital.

O Irmão Orador produziu uma belíssima peça de arquitetura, sendo muito aplaudido.

As Respeitáveis e Augustas Lojas Esperança e Porvir; Conciliação Amazonense; Rio Negro e Aurora Lusitana, fize-

ram-se representar, sendo os relatores das comissões os Respeitáveis Irmãos Dr. Raimundo da Silva Perdigão, Philipe Joaquim de Souza Neto, Rodolpho Cavalcante e Leonel Mota, na ordem em que seus nomes estão colocados. Também o Poderoso Irmão Dr. Plácido Serrano, produziu uma brilhante peça de arquitetura, em nome do Poderoso Irmão Delegado do Grão-Mestre, neste Oriente Dr. Antonio G. Pereira de Sá Peixoto, sendo todos os Oradores aplaudidos freneticamente.

O tronco de beneficência profana produziu a medalha de Rs. 391,000 ficando esta importância à disposição do Irmão Tesoureiro Francisco Leite da Silva, para ser distribuída pelos pobres, conforme ficou resolvido pela Comissão Central.

Em seguida teve lugar um modesto baile em regosijo à inauguração terminando às 5 horas da manhã.

Venerável Joaquim Francelino de Araújo	—	Grau	13
1º Vigilante	—	"	13
2º Vigilante	—	"	13
Orador	—	"	13
Secretário Alípio Honorato Ferreira Meninéia	"		13

TÍTULO DE GRANDE BENEMÉRITA

r
f
c
c
c
f
f
f

V I

Título de Grande Benemerita

Decreto nº 3

Nós, Desembargador Gaspar Antonio Vieira Guimarães, Soberano Grão-Mestre do Grande Oriente do Amazonas e Acre, sob os auspícios do Soberano Supremo Conselho do Grau 33 do Rito Escocês Antigo e Aceito para os Estados Unidos do Brasil;

Fazemos saber a todos os Maçons e Oficinas da Obediência, para cumprir e fazer cumprir, que, visto ser a data de hoje a do jubileu da regularização da Benemerita Loja Amazonas, do Oriente do Poder Central, ocorrida a 29 de julho de 1877, e no intuito de reconhecer os inestimáveis cinquenta anos ininterruptos de bons serviços ao engrandecimento e à prosperidade maçônica;

Usando das atribuições conferidas pela Constituição e Leis Maçônicas e "ad-referendum" da Soberana Assembléia Geral

RESOLVE:

Art. 1º — É concedido o título de GRANDE BENEMÉRITA à Augusta e Respeitável Loja AMAZONAS, ao Oriente do Poder Central, Estado do Amazonas, distinção essa que será tratada nos atos oficiais e por todos os Maçons e Oficinas desta Obediência.

Art. 2º — São dispensados os emolumentos da Patente devidos a este Grande Oriente.

O Poderoso Irmão Grande Secretário Geral fica encarregado da notificação e publicação do presente Decreto.

Dado e traçado no Gabinete do Grão-Mestrado do Grande Oriente do Amazonas e Acre, na cidade de Manaus, Capital do Estado do Amazonas, aos 29 dias do mês de Tamuz de 5927 (Verdadeira Luz), 29 de julho de 1927 (Era Vulgar).

O Grão-Mestre
Desembargador Gaspar Antonio Vieira Guimarães

O Grande Secretário
Elviro Dantas Cavalcante

O Chanceler
José Gonçalves Dias

**VENERÁVEIS
MESTRES**

V II

Veneráveis Mestres

Durante os seus cem anos de funcionamento, a Loja "Amazonas" fora dirigida por trinta Veneráveis Mestres, que souberam, nos seus respectivos períodos administrativos, desempenhar o mandato do primeiro Malhete da Oficina, sempre obedientes às obrigações que lhes eram conferidas.

Homens devidamente instruídos pelo saber adquirido na vivência do tempo — exercitados na Advocacia, na Medicina, na Magistratura, no Serviço Público, nas Letras, no Comércio — cumpriram a sua missão numa centúria que se comemora, sob a proteção e a luz do Grande Arquiteto do Universo, na certeza de que a continuidade da obra iniciada em 1877 não deixará de ser levada pelas futuras gerações maçônicas.

Nome	Período
Francisco Públio Ribeiro Bittencourt	1877/1878
Jônatas de Freitas Pedrosa	1878/1879
Jônatas de Freitas Pedrosa	1879/1880
Jônatas de Freitas Pedrosa	1880/1881
Francisco Públio Ribeiro Bittencourt	1881/1882
Jônatas de Freitas Pedrosa	1882/1883
Jônatas de Freitas Pedrosa	1883/1884
Francisco Públio Ribeiro Bittencourt	1884/1885
Francisco Públio Ribeiro Bittencourt	1885/1886
Jônatas de Freitas Pedrosa	1886/1887
Francisco Públio Ribeiro Bittencourt	1887/1888
Carlos Gavinho Viana	1888/1889
Carlos Gavinho Viana	1889/1890
Jônatas de Freitas Pedrosa	1890/1891
Jônatas de Freitas Pedrosa	1891/1892
Jônatas de Freitas Pedrosa	1892/1893

Jônatas de Freitas Pedrosa	1893/1894
Jônatas de Freitas Pedrosa	1894/1895
Ismael Cassino Veloso	1895/1896
Ismael Cassino Veloso	1896/1897
Joaquim Francelino de Araujo	1897/1898
Joaquim Francelino de Araujo	1898/1899
Joaquim Francelino de Araujo	1899/1900
Joaquim Francelino de Araujo	1900/1901
Joaquim Francelino de Araujo	1901/1902
Joaquim Francelino de Araujo	1902/1903
Joaquim Francelino de Araujo	1903/1904
Joaquim Francelino de Araujo	1904/1905
Joaquim Francelino de Araujo	1905/1906
Joaquim Francelino de Araujo	1906/1907
Joaquim Francelino de Araujo	1907/1908
José Alves D'Assunção Menezes	1908/1909
Martinho de Luna Alencar	1909/1910
Martinho de Luna Alencar	1910/1911
Martinho de Luna Alencar	1911/1912
Francisco Nogueira de Souza	1912/1913
Francisco Nogueira de Souza	1913/1914
Francisco Nogueira de Souza	1914/1915
Análio de Melo Rezende	1915/1916
Alfredo Cândido Arruda	1916/1917
Análio de Melo Rezende	1917/1918
João Henrique dos Santos	1918/1919
Luiz Marinho de Araujo	1919/1920
Francisco Castelo Branco	1920/1921
Camilo de Lelis Pacheco Amora	1921/1922
Luiz Marinho de Araujo	1922/1923
Raul de Azevedo	1923/1924
Giuseppe Pagani Vulcani	1924/1925
Raul de Azevedo	1925/1926
Alfredo Cândido Arruda	1926/1927
Camilo de Lelis Pacheco Amora	1927/1928
Ricardo Júlio Mac Lean	1928/1929
Henrique de Souza Rubim	1929/1930
Francisco Castelo Branco	1930/1931
Francisco Pereira da Silva	1931/1932
Alfredo Cândido Arruda	1932/1933
Joaquim Augusto Tanajura	1933/1934
Joaquim Augusto Tanajura	1934/1935
Venâncio Igrejas Lopes	1934/1935
Venâncio Igrejas Lopes	1935/1936
Raimundo da Gama e Silva	1936/1937

Venâncio Igrejas Lopes	1937/1938
Venâncio Igrejas Lopes	1938/1939
Felismino Francisco Soares	1939/1940
Felismino Francisco Soares	1940/1941
Venâncio Igrejas Lopes	1941/1942
Venâncio Igrejas Lopes	1942/1943
Felismino Francisco Soares	1943/1944
Felismino Francisco Soares	1944/1945
Manoel Ribeiro	1945/1946
Manoel Ribeiro	1946/1947
Felismino Francisco Soares	1947/1948
Felismino Francisco Soares	1948/1949
Alfredo Ribeiro Soares	1949/1950
Manoel Ribeiro	1950/1951
Felismino Francisco Soares	1951/1952
Américo Ferreira de Pinho	1952/1953
Américo Ferreira de Pinho	1953/1954
Manoel Ribeiro	1954/1955
Manoel Ribeiro	1955/1956
Manoel Ribeiro	1956/1957
Manoel Ribeiro	1957/1958
Manoel Ribeiro	1958/1959
Manoel Ribeiro	1959/1960
Manoel Ribeiro	1960/1961
Manoel Ribeiro	1961/1962
Manoel Ribeiro	1962/1963
Américo Ferreira de Pinho	1963/1964
Rodolpho Guimarães Valle	1964/1965
Rodolpho Guimarães Valle	1965/1966
Rodolpho Guimarães Valle	1966/1967
Rodolpho Guimarães Valle	1967/1968
Rodolpho Guimarães Valle	1968/1969
Rodolpho Guimarães Valle	1969/1970
Paulo Fleury Lopes	1970/1971
Rodolpho Guimarães Valle	1971/1972
Abdon Nicoláu Ázaro	1972/1973
Fernando Antonio Loureiro da Costa Marques ..	1973/1974
Fernando Antonio Loureiro da Costa Marques ..	1974/1976
Rodolpho Guimarães Valle	

○ 1º VENERÁVEL

V I I I

o 1o Venerável

Francisco Público Ribeiro Bittencourt

Nasceu na cidade de Belém do Pará, em 12 de fevereiro de 1848.

Muito criança ainda, veio para Manaus, na companhia do seu genitor — José Ferreira Ribeiro Bittencourt — o qual era Maçon e, como Oficial do Exército, assinou o auto de instalação da Província do Amazonas.

Adquiriu uma boa cultura, dedicando-se ao magistério, à política, ao jornalismo e ao serviço público.

Foi Secretário dos Negócios do Interior, no regime provincial, preocupando-se seriamente com o problema da instrução pública.

Afeiçou-se muito ao ensino, adquirindo a necessária experiência para avaliar o alcance do desenvolvimento intelectual.

Por isso mesmo, podia afirmar com a sua notável autoridade:

“A escola é qual facho luminoso, radiante acesso no meio das trevas para iluminar a inteligência embrionária da criança, aclarando-lhe o caminho que conduz ao conhecimento das faculdades da alma; é o início do aperfeiçoamento da espécie que conduz a criatura ao vasto certamen da ciência; daí o incomparável progresso dos países manifestado em todos os ramos da atividade humana.

O derramamento da instrução no espírito das camadas populares que se levantam constitui o mais alevantado de quantos benefícios e serviços os governos prodigalizam aos governados e traduz a soma de patriotismo que anima aos primeiros.

Foi Venerável da Loja "Rio Negro", no princípio deste século, sempre presente aos encargos que lhe eram atribuídos, assistindo ou presidindo aos trabalhos maçônicos com a serenidade dos grandes construtores sociais.

A 19 de dezembro de 1913, discutia matéria em pauta na Assembléia Geral do Grande Oriente Estadual do Amazonas, representando, nesse Alto Corpo, a Loja "Arkbai", no período de 1913 a 1914.

Pertenceu à Associação Beneficente do Asilo de Mendicidade de Manaus.

Como cidadão, foi "o homem que nunca se desviou do caminho do dever, palmilhando-o estritamente com a devoção dos sacerdotes do bem, que marcham serenos, indiferentes ao turbilhão dos egoísmos, alheios ao tumultuar das terrenas paixões".

Um outro registro encomiástico define muito bem a sua existência:

"No seu passado está a verdadeira epopéia de sua lenda de honestidade: ele honra e enaltece qualquer homem público. Não se encontra em todo o seu percurso uma falha imperceptível que de leve o desdoire, um declive sinuoso e vago que não seja essa linha reta de integridade cívica condizendo perfeitamente com as suas abnegações patrióticas".

Como Obreiro da Arte Real, começou muito cedo a peregrinar pelos salutares caminhos da grandeza espiritual, dando à Ordem Maçônica, durante toda a sua existência, os mais belos e puros exemplos de comportamento fraternal.

Faleceu em 5 de abril de 1921.

SECRETÁRIOS

I X

Secretários

Bernardo José de Souza

Nasceu em Portugal, no dia 14 de junho de 1847.

Viera moço para o Amazonas, exercendo a sua atividade no ramo comercial.

Foi um dos fundadores da Sociedade Portuguesa Beneficente.

Iniciou-se na Loja "Esperança e Porvir", em 14 de junho de 1873, portanto, poucos meses após à instalação dessa Oficina Maçônica, nela sendo eleito Secretário Adjunto, em 2 de dezembro de 1873.

Coincidentemente, verificara-se a sua Iniciação no dia de seu aniversário natalício.

Participou, a 4 de março de 1877, da fundação da Loja "Amazonas", sendo eleito, de imediato, seu Secretário interino, cargo no qual fora confirmado na sessão extraordinária de 12 de agosto de 1877, desempenhando-o, com eficiência e zelo, até 19 de setembro do mesmo ano, quando pedira licença por quatro meses, para tratar de sua saúde.

Teve a honra de lavrar, dentre inúmeros balaustres, todos eles com a mais perfeita grafia, e os melhores assentamentos, o da fundação e o da regularização da Loja "Amazonas", além de haver iniciado, sob a Venerança do Irmão Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, o registro, bastante esclarecedor, do Quadro de Obreiros dessa Oficina.

Foi rápida a sua presença no contingente maçônico, sabendo, entretanto, aproveitar esse pouco tempo, que, não ultrapassou de um quinquênio, para desenvolver um trabalho recomendável às gerações futuras.

Faleceu jovem ainda, em 5 de janeiro de 1878, portanto, com trinta e um anos de idade.

Sua morte causou imenso pesar entre os Obreiros da Arte Real, salientando-se, no balaustre nº 55, de 10 de janeiro de 1878, da Loja "Amazonas", os valiosos serviços prestados à Maçonaria pelo extinto, deliberando-se, ao mesmo tempo, que se mandaria celebrar uma missa pelo eterno repouso de sua alma.

Em 20 de março de 1880, a Loja "Esperança e Porvir" lhe rendia merecida homenagem póstuma.

Joaquim Gomes Loureiro

Nasceu em Vila Nova de Famalicão, Portugal, a 1º de novembro de 1927, radicando-se no Amazonas, onde, primeiramente, desenvolveu atividades comerciais, para, ao final de sua vida, empenhar-se, com todo o seu vigor e o seu entusiasmo, a sua dedicação e o seu espírito de criatividade, nas lides da imprensa.

Era dotado de extraordinária capacidade de trabalho; possuidor de excelente imaginação; portador de méritos artísticos; e sabia, com extrema facilidade, angariar as melhores amizades, pelas suas atitudes e pelo seu comportamento.

Iniciou-se na Loja "Amazonas", em 5 de setembro de 1953, sob a Venerança de um outro lusitano, também ilustre e já falecido, o Irmão Américo Ferreira de Pinho, que, igualmente, prestara louváveis serviços à Instituição Maçônica.

Durante anos sucessivos, na sua Loja-Mãe, exerceu o cargo de Secretário, demonstrando, nessa árdua missão, os seus conhecimentos de organizador de trabalho de um setor onde se exige, para o sucesso da obra, até mesmo o sacrifício de quem a executa, pois há necessidade de renúncia e de amor daquele que ocupa tão importante cargo.

Nunca recusara as missões que lhe eram atribuídas, sempre desempenhando-as com inteligência, labor, aptidão, eficiência e elevado brilho.

Foi Grande Secretário Geral da Grande Loja do Amazonas, Acre e demais Territórios Limítrofes, Membro Honorário e Presidente de Grandes Comissões da Soberana Assembléia Geral dessa Potência Maçônica.

Em 1957, era nomeado para dirigir a Secretaria do Primeiro Congresso do Povo Maçônico da Obediência.

Em 1966, empenhou-se febrilmente na remodelação do salão de banquetes da Loja "Amazonas", cabendo-lhe a honra de depositar, sob o solo, antes do início do assentamento do piso de cerâmica, os documentos e valores da época.

Nesse salão, inaugurado em 20 de abril de 1966, com o nome do Irmão Manoel Ribeiro, deixou ele, em traços magníficos, os símbolos maçônicos de maior expressão.

Faleceu no dia 30 de outubro de 1971.

A frente de sua sepultura, quando do seu enterro, o Irmão Abdon Nicoláu Ázaro, Venerável da Loja "Amazonas", deu-lhe, em palavras repassadas de emoção e saudade, o último adeus fraternal da Oficina pela qual tanto trabalhara com amor e carinho.

PROGRAMA DO CENTENÁRIO

1900 - 1900

1901 - 1901

1902 - 1902

1903 - 1903

1904 - 1904

1905 - 1905

1906 - 1906

1907 - 1907

1908 - 1908

1909 - 1909

1910 - 1910

1911 - 1911

1912 - 1912

1913 - 1913

1914 - 1914

1915 - 1915

1916 - 1916

1917 - 1917

1918 - 1918

1919 - 1919

1920 - 1920

1921 - 1921

1922 - 1922

1923 - 1923

1924 - 1924

1925 - 1925

1926 - 1926

1927 - 1927

1928 - 1928

1929 - 1929

1930 - 1930

1931 - 1931

1932 - 1932

1933 - 1933

1934 - 1934

1935 - 1935

1936 - 1936

1937 - 1937

1938 - 1938

1939 - 1939

1940 - 1940

1941 - 1941

1942 - 1942

1943 - 1943

1944 - 1944

1945 - 1945

1946 - 1946

1947 - 1947

1948 - 1948

1949 - 1949

1950 - 1950

1951 - 1951

1952 - 1952

1953 - 1953

1954 - 1954

1955 - 1955

1956 - 1956

1957 - 1957

1958 - 1958

1959 - 1959

1960 - 1960

1961 - 1961

1962 - 1962

1963 - 1963

1964 - 1964

1965 - 1965

1966 - 1966

1967 - 1967

1968 - 1968

1969 - 1969

1970 - 1970

1971 - 1971

1972 - 1972

1973 - 1973

1974 - 1974

1975 - 1975

1976 - 1976

1977 - 1977

1978 - 1978

1979 - 1979

1980 - 1980

1981 - 1981

1982 - 1982

1983 - 1983

1984 - 1984

1985 - 1985

1986 - 1986

1987 - 1987

1988 - 1988

1989 - 1989

1990 - 1990

1991 - 1991

1992 - 1992

1993 - 1993

1994 - 1994

1995 - 1995

1996 - 1996

1997 - 1997

1998 - 1998

1999 - 1999

2000 - 2000

X

À G' D' G' A' D' U'

Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes
Grande Benemérita Loja Simbólica "Amazonas" nº 2

Programa do Centenário

De 04 de março a 29 de julho de 1977
Da Fundação à Regularização

Mês de março:

- Dia 04 — Abertura das festividades: Sessão Branca.
25 — Inauguração do busto ou quadro do Irmão Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, 1º Venerável da Oficina; aposição do quadro com o nome dos Ex-Veneráveis; aniversário da inauguração do Templo.

Mês de abril:

- Dia 07 — Conferência sobre a abdicação de Pedro I e homenagem ao 110º aniversário de nascimento do Grão-Mestre José Cardoso Ramalho Júnior.
21 — Homenagem à figura de Tiradentes e inauguração dos retratos de Saldanha Marinho e Deodoro da Fonseca.

Mês de maio:

- Dia 01 — Homenagem à Confraternização do Trabalho e recepção às Lojas Maçônicas do Oriente de Manaus.

24 — Homenagem à vitória de Tuiuti e recepção às Lojas Maçônicas dos demais Orientes do Amazonas.

Mês de junho:

Dia 11 — Homenagem à vitória do Riachuelo, ao Grão-Mestrado da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes e à Delegacia do Grande Oriente do Brasil.

24 — Homenagem a São João, aos Maçons falecidos e ao cincoentenário da fundação do Grande Oriente do Amazonas e do Acre.

Mês de julho:

Dia 10 — Homenagem à libertação dos escravos no Amazonas.

29 — Encerramento das festividades: Sessão Ritualística.

NOTAS

- A) Todas as solenidades serão realizadas, às 20 horas, na Loja "Amazonas" nº 2, à rua Leovigildo Coelho nº 294, na cidade de Manaus.
- B) Na solenidade de encerramento, o traje é o de rigor maçônico.
- C) Nas demais solenidades, o traje é o de passeio completo, de preferência escuro; para as senhoras: vestido longo.
- D) Com exceção da solenidade de encerramento, todas as outras poderão ser assistidas por pessoas não pertencentes à Maçonaria.
- E) Motivos imperiosos poderão modificar o presente programa.

Manaus, 10 de abril de 1975.

A Comissão Organizadora e Executora:

Rodolpho Guimarães Valle

Venerável

Mário Torres

1º Vigilante

Jaques Gonçalves de Souza

Secretário

Edmar Nunes Vieira

Tesoureiro

Manoel Eduardo Moreno Loyaza

Membro da Comissão de Finanças

HOMENAGEM ESPECIAL

Homenagem Especial

Pedro de Alcântara Freire

Nasceu no Maranhão, em 19 de outubro de 1859.

Em sua terra natal, como estudante, participou, brilhantemente, dos festejos literários que se realizaram em homenagem ao tricentenário de Luiz de Camões, foi jornalista e aprimorou os seus conhecimentos na leitura de bons livros que frequentemente manuseava para desenvolver o seu grau de cultura.

Desde cedo aceitou o regime republicano.

Veio para o Amazonas a convite do seu amigo Eduardo Gonçalves Ribeiro, Governador do Estado, para ocupar o cargo de Diretor da Imprensa Oficial, chegando a Manaus em 13 de setembro de 1893.

No governo do Doutor Fileto Pires Ferreira, inaugurado em 23 de julho de 1895, exerceu o cargo de Secretário dos Negócios Interiores e nessa posição de alto nível político permaneceu até a época em que o Chefe do Executivo renunciou ao seu mandato.

Contudo, manteve-se no mesmo cargo de confiança na gestão seguinte, presidida pelo Coronel José Cardoso Ramalho Júnior, havendo-se sempre com lealdade e talento, deixando esta honrosa missão em 21 de dezembro de 1899.

Antes, ou seja, em 18 de setembro de 1899, assinou, juntamente com o então Governador, a Lei nº 273, que autorizava o Estado a dispender, o que fosse preciso, para a realização dos festejos em honra das comemorações do quarto centenário do descobrimento do Brasil.

Em 1924, quando nomeado para o cargo de Secretário Geral do Estado, na administração do Doutor Turiano Meira,

afirmou-se ter sido acertadíssima a sua escolha “dados o critério, a ilustração, o passado político e a prática da burocracia, desse venerando cidadão, cujo caráter a sociedade amazonense acata e admira”.

Sobre essa sua nomeação, encontramos o seguinte registro na ata da Loja “Fraternidade Amazonense”, de 17 de junho de 1924:

“Começou dizendo que há 24 anos achava-se arredado do bulício da política e dos pesados encargos de Chefe de Repartições, mas que em tempos anteriores a esses 24 anos prestou serviços a esta terra, tendo se recolhido aos bastidores, por motivos imperiosos, donde foi agora buscá-lo, espontaneamente, um ato do Exmo. Sr. Dr. Turiano Meira. Disse que sempre soube ser amigo com lealdade, mas que nunca aprendeu, para sua felicidade, a prejudicar os interesses, quer do Estado ou quer da coletividade para satisfazer amizades e que tinha, talvez, essa sua conduta, sido a causa de retirar-se da política, mas que compreendendo que esse jovem que se acha investido do alto cargo de Governador do Estado, quer trabalhar para sua felicidade e para seu desenvolvimento, o que importa na felicidade e bem-estar da coletividade, foi com prazer que resolveu a coadjuvá-lo nessa obra meritória, a despeito de achar-se doente, mas que envidará o melhor de seus esforços para o bom desempenho dessa obra. Lastima que o Dr. Turiano Meira pouco ou nada possa fazer, dada a exiguidade do tempo de seu governo e, especialmente, a situação aflitiva em que se acha o Estado financeiramente falando. Disse mais que as Repartições pareciam mais férias, que departamentos da administração pública, mas que, como já em público declarara, manteria a sua conduta de 24 anos passados, ou seja, dizer — estabelecer a ordem e obrigar ao trabalho, distribuindo o direito sem distinção, pois, assim procedendo e determinando aos seus subordinados que assim procedam, não fará mais do que aquilo que a todo homem compete fazer — cumprir com o seu dever, porque assim não fere ou prejudica interesses de uns em benefício de outros, com que agradaria a estes, porem prejudicaria aqueles. Que sabe perfeitamente que vai lutar e espera mesmo a luta, para vulgarizar esses princípios e torná-los eficientes, mas que uma coisa, principalmente, o anima para esse **desideratum** — é o desejo que o governo tem de tudo moralizar. Disse ainda que o desvaneceu e excedeu mesmo à sua expectativa, a maneira por que foi recebida a sua nomeação, pois de grande quantidade de cumprimentos que tem recebido, há um sem número deles que partem de pessoas que lhe são completamente es-

tranhas. Continua dizendo que apesar da situação premente do Estado, dado o seu desequilíbrio financeiro, não vem muito longe o tempo, em que ele, com o trabalho de seus homens, venha a assumir a posição de grandeza que lhe está destinada no mundo”.

Como chefe de família, consagrou toda a afeição ao seu venturoso lar.

Iniciou-se na Loja “Vera-Cruz”, em São Luiz, do Maranhão, no dia 19 de junho de 1881, onde exerceu o cargo de Orador.

Ingressou, já em Manaus, na Loja “Amazonas”, em 16 de setembro de 1899, com o título de Filiando Livre, onde se tornou Benemérito.

Pertenceu, outrossim, às seguintes Oficinas: “Aurora Lusitana”, “Conciliação Amazonense”, “Esperança e Porvir”, “Deus, Lei e Perseverança”, de Manaus; “Aliança”, de Canutama; “União, Paz e Trabalho”, de Parintins; e “União e Perseverança”, de Porto Velho, no hoje Território Federal de Rondônia.

Era, também, inscrito nas Lojas “Segredo e Amor da Ordem”, do Recife e “Amor da Ordem”, do Rio de Janeiro.

Foi, ainda, Membro Protetor da Grande Loja dos Mestres Escoceses de Santo André, da Bélgica.

Por motivo da invasão alemã na Bélgica, muitos Maçons desse país refugiaram-se em Londres, fundando uma sociedade com o fim de angariar das Lojas Maçônicas dos países neutros, a remessa de tabaco e cigarros para os soldados do rei Alberto I.

A Loja “Fraternidade Amazonense”, dentre outras da cidade de Manaus, correspondeu ao apelo que lhe fora dirigido, recebendo, posteriormente, uma correspondência agradecendo a dádiva enviada e convidando os Maçons amazonenses a inscreverem-se como Sócios Protetores do Capítulo de Santo André, fundado na capital britânica, idéia essa muito bem recebida na sessão de 18 de julho de 1916.

Participou da fundação do Grande Oriente Estadual do Amazonas, ocupando, nesse Alto Corpo, por muitos anos, o cargo de Grande Orador, no qual teve o ensejo de manifestar os seus excelentes pendores na arte de bem falar.

E fez jus, portanto, a essa função, por longo tempo, pois foi tribuno fulgurante, idealista sincero e Maçon profundamente conhecedor dos Mistérios da Instituição, que sabia pregar, com a sua palavra autorizada, os ensinamentos da Arte Real e difundir, pelos seus conhecimentos, a história, o simbolismo e o filosofismo da Sublime Ordem.

Era dotado das mais excelentes virtudes, especialmente a da caridade, demonstrada neste registro da Loja "Fraternidade Amazonense", de 18 de março de 1903: "diz que uma pobre senhora, cercada de filhos menores, se acha na mais extensa miséria, a que foi lançada pelo falecimento de seu marido, o único arrimo de sua família; que a ação filantrópica da Maçonaria não se limitava somente aos seus associados, ela ia mais além: à humanidade sofredora e que achava justo que a nossa Loja enviasse à infeliz viúva um óbulo para atenuar as suas condições aflitivas". E assim foi feito.

Contribuiu para a instalação do Asilo de Mendicidade de Manaus e do Dispensário Maçônico.

Teve a honra de ser Membro Honorário da Soberana Assembléia Geral do Grande Oriente do Brasil.

Colaborou, com a sua valiosa pena, no "Boletim Maçônico", revista mensal de propaganda dos ensinamentos da Ordem, impresso sob os auspícios do Grande Oriente Estadual do Amazonas.

Batalhador e trabalhador incansável, era dos que marchavam sempre na vanguarda, lutando para que a Maçonaria fosse, como realmente o é, uma instituição educadora do caráter moral dos seus filhos, para se consolidar, cada vez mais, perante o conceito e a utilidade sociais.

Patriota ardente, que ao saudar a Bandeira Nacional, em 10 de setembro de 1922, pela festa comemorativa do centenário da Independência do Brasil, manifestou-se com a euforia e a eloquência dos grandes vultos do País:

"Curvemo-nos reverentes, genuflexos, com o coração palpitante de júbilo, com a alma fremente de entusiasmo, ante a Bandeira sacrosanta da Pátria, que é a mais elevada expressão do sentir humano.

Consubstanciação augusta de tudo o que de mais caro possuímos no mundo, mais dominador que o próprio instinto de conservação, mais forte que os laços que nos prendem à esposa, aos filhos, aos pais, absorvendo-nos em todas as manifestações da nossa existência, empolgando o conjunto dos nossos sentimentos — o amor da pátria é a síntese da terra onde nascemos, do sol que nos ilumina, do firmamento que nos cobre, do ar que respiramos, da nossa evolução através da história, do trabalho realizado pelos nossos maiores para a construção da nossa nacionalidade, nesse perigrinar ininterrupto, ascensional para o futuro, para a solução dos magnos problemas, que dignificam e engrandecem um povo, que o tornam rico pela expansibilidade dos seus recursos materiais, forte pelo desenvolvimento das suas qualidades morais".

Pensador maçônico de alto coturno, assim pronunciou-se em discurso proferido a 25 de agosto de 1923:

"O ser humano neste longo percurso através dos séculos, vencido umas vezes, vitorioso outras, nunca fugiu à sua missão, à fatalidade do seu destino. E esta carreira do homem atrás da resplandescente ilusão — a felicidade — é o que tem constituído o progresso, o evolucionar da espécie numa escala sempre ascendente.

Na luta que teve de sustentar para viver, para fugir ao ataque dos animais mais fortes, perdeu a cauda por desnecessária, equilibrou-se sobre as patas, a espinha perpendicularizou-se, os órgãos vocais transformaram-se, do grito saiu a palavra, do cérebro o pensamento, do pensamento a consciência. E foi pastor, agricultor, guerreiro, filósofo, poeta, político, reformador, arquiteto, músico e pintor.

Nunca conseguiu, como nunca conseguiu-lo-á, a despeito da avultada soma de vantagens que adquiriu em proveito próprio nas conquistas realizadas em todos os domínios da sua atividade, despojar-se da animalidade que trouxe do berço. O seu antepassado vive nele. Por mais que tenha feito ainda não logrou libertar-se dessa triste herança. Acompanha-lo-á até ao seu desaparecimento do globo. A adaptação ao meio e a educação desbrutalizaram-no pouco a pouco, sob a ação do tempo.

A necessidade obrigou-o a viver em família, a família em sociedade. Formulou constituições, fez códigos de moral, criou códigos penais. Mas acontece que às vezes até por motivos frívolos, a jaula se parte e a besta-fera salta tremenda. Cumpre-nos, pois, tornar a jaula mais resistente e o tigre menos agressivo.

Depois de tanto trabalho desenvolvido em todos os campos da sua capacidade; depois de haver amontoado um riquíssimo, preciosíssimo patrimônio nos domínios do direito e da justiça, nas letras, nas artes, nas ciências, na indústria, no comércio — o homem conseguiu ser feliz?

Se é certo que o homem melhorou de sorte por um lado, é incontestável que por outro criou novas e mais pesadas dificuldades a remover, novos encargos a satisfazer, novos problemas a resolver, trazendo sempre às costas, como a pele ao corpo, o fardo da sua herança, a vagar pela história, deixando à margem uns tantos preconceitos para ser empolgado por uns tantos prejuízos, verificando desapontado que ao realizar um ideal por que se batera, não encontrara nele a redenção que em seus olhos antegozara, que a vida é um contínuo, ininterrupto desenrolar de necessidades, quer de ordem moral,

quer de ordem material, que crescem incessantemente, variando, modificando-se, dando origem a outras, à proporção que a civilização avança. Isto tinha de ser assim inevitavelmente, isto tem de ser sempre assim fatalmente. É a eterna lei da evolução humana, acionada pelas forças do progresso a presidir os destinos do homem na infundável trajetória que vem percorrendo e que se prolonga indefinidamente pelo futuro. É que na natureza nada morre, cousa alguma está em repouso. O movimento é a alma do universo”.

Ainda naquele ano, numa formosa oração pública, abrihantada pelos mais impressionantes ensinamentos, dizia que os Maçons “trabalhamos nos limites da nossa atividade, mas com a máxima dedicação, por melhorar a sorte do nosso semelhante, pelo seu desenvolvimento moral e intelectual, propagando os princípios de fraternidade, difundindo o amor e a filantropia, pugnando pela vitória do Direito e da Justiça, para que se torne menos atribulada a sua existência, o caminho a percorrer menos escabroso, a luta pela vida menos selvagem, domando o egoísmo para que não transponha os limites naturais e que produzem as calamidades, que flagelam o homem e convulsionam as sociedades. Não nos propomos a conduzi-lo à perfectibilidade, iluminando as qualidades que o caracterizam. Isso seria tentar contra a natureza, realizar o impossível. Não lhe prometemos o reino do céu, mas não o amedrontamos com as penas do inferno. O nosso intuito é muito mais modesto e por isso mesmo mais exequível e consiste tão somente em modificar-lhe as ruins paixões, em abrandar-lhe a expansão das ambições incontidas, em refrear-lhe os ímpetos bravios. O objeto das nossas preocupações, o problema que procuramos solucionar, resume-se em reduzir ao mínimo a animalidade hereditária que existe no homem, o que faz parte da sua substância vital, que trouxe do passado e que levará para o futuro, por mais que evolua na sua ascensão para a luz. O nosso empenho circunscreve-se em fazê-lo um animal mais sociável, de instintos mais brandos e mais refreáveis, sem entrechoques de mandíbulas e rugidos de ferocidade; em distanciá-lo do centropóide sem antepassado, fortalecendo-lhe o espírito pela instrução e iluminando-lhe a consciência pelo dever; em evitar que desonre a espécie a que pertence, que inutilize o fecundo trabalho de muitos milênios de evolução, desde o tempo em que habitava as cavernas até as eras em que fundem as grandes civilizações”.

Em todos os seus pronunciamentos, a tônica principal era o aperfeiçoamento do homem, que tende à desenvoltura de sua natureza espiritual.

Em 2 de maio de 1924, foi o orador oficial na sessão

do Povo Maçônico do Amazonas, realizada em homenagem à memória do Irmão Nilo Peçanha:

“Disse que se achava em posição difícil de sustentar, de nela se manter, com galhardia, a contento de tão distinta assembléia, que, com grande e geral satisfação, acabava de ouvir a palavra, sempre acatada, pelo seu brilho e pelo seu conceito, do consócio ilustre, Desembargador Gaspar Guimarães, que estava a presidir a solenidade; que fora incumbido de substituir o funcionário efetivo do cargo e seu substituto legal; que se sentia sem forças para tanto, pois o Coronel Raul Azevedo e o Dr. Cláudio do Rego Monteiro eram dois conhecidos intelectuais, dois cultores das letras, muito familiarizados com a difícil arte de falar e escrever; que circunstâncias imprevistas impediram de abrilhantarem esta sessão com as fulgurosas manifestações de seus talentos. Entrando no assunto, fez ver que o Senador Nilo Peçanha exercera por pouco tempo a função de Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil; que a sua forte individualidade não deveria ser estudada, analisada, exclusivamente no seio da Instituição Maçônica e sim num outro terreno, no mais apropriado ao seu temperamento, à natureza da sua mentalidade, às suas tendências de homem de luta, de propagandista, ora no seu gabinete calmo, cômico do seu dever, dirigindo, administrando, ora na tribuna parlamentar, nos comícios, defendendo as suas idéias, os seus princípios, por que sempre propugnara. A política, com todas as seduções e com todas as decepções que reserva aos que nela militam, fora o campo em que a sua atividade se desenvolvera, se multiplicara, expandindo-se, dilatando-se, num trabalho incessante pela prosperidade da Pátria, pelo engrandecimento da República. A política absorvera-lhe inteira a existência, todas as faculdades de homem público e servia-se dela para a realização de seus ideais, sem preocupações de ordem subalterna. Fora dela estava como que deslocado, como que alheio às suas naturais aptidões de administrador, de homem de governo. Revelou-se como estadista de pulso firme quando por duas vezes dirigiu o Estado do Rio de Janeiro, que arrancara da mais completa decadência, conduzindo-o, com passo seguro, a uma sólida situação de prosperidade. No pouco tempo em que esteve no exercício do cargo de Presidente da República patenteou raras qualidades de administrador e nesse posto de tão alta responsabilidade, a sua ação sempre bem orientada, foi pródiga em beneficiar a Nação. Ministro das Relações Exteriores, quando o mundo se debatia nas convulsões da maior guerra que a história tem presenciado, ele conduziu-se de modo admirável, com uma

visão clara das cousas, medindo toda a gravidade da situação que os acontecimentos criaram inesperadamente para o País. Desafrontou os brios da Nação ao mesmo tempo que acautelava os seus interesses envolvidos e comprometidos pelo conflito europeu. Foi uma figura de alto e inconfundível relevo no cenário político do País. Quando foi da sucessão presidencial, ele resolveu empregar para a escolha de candidatos, processos mais consentâneos com o espírito democrático, mais adequados ao regime republicano, em oposição aos, até então, postos em prática. Para esse fim, empreendeu longa viagem pelas mais importantes cidades do Norte, falando às turbas, expondo-lhes os pontos essenciais do seu programa. Ao influxo do seu verbo a opinião pública agitou-se, desentorpeceu-se e chegou-se a ter a grata esperança de que a vida política da República ia entrar em uma fase de rejuvenescimento, que o povo, enfim, despertava do marasmo em que vivia apoiado. Numa das vezes em que aqui falou, fez ver que, antes de qualquer reforma constitucional, convinha primeiro reformar os nossos costumes, para que as leis pudessem germinar em terreno ubérrimo; que não há lei, por mais liberal que ela o seja que produza resultados satisfatórios, quando o povo para quem ela foi feita não tenha a educação cívica precisa para a compreender. Declarou em termos claros, caso raro, senão único, que era o primeiro a reconhecer que havia cometido erros, mas que procurava corrigir-se das suas faltas. Esta franqueza é, talvez, a mais bela página da sua história política. Ela dá uma idéia elevada de seu caráter. O seu enterro, na capital da União, levou à rua a população carioca consternada. Foi uma verdadeira consagração à memória do benemérito brasileiro. O Senador Nilo Peçanha honrou o Brasil, que ele serviu com abnegação e patriotismo”.

Mas, inegavelmente, a exuberância da vida maçônica do Irmão Pedro de Alcântara Freire reside na Loja “Fraternidade Amazonense”, que ajudara a fundar em 1900 e da qual se fez Benemérito, por proposta bem fundamentada do Irmão Joaquim Francelino de Araújo, em sessão de 8 de outubro de 1903.

Foi o primeiro Venerável dessa Oficina.

Na ocupação do primeiro Malhete, teve a honra de presidir, em 1º de fevereiro de 1904 e 1º de fevereiro de 1907, às eleições para os cargos de Grão-Mestre e Grão-Mestre Adjunto da Maçonaria Brasileira, sendo sufragados, em ambas as ocasiões, os nomes dos Irmãos Lauro Sodré e Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, respectivamente.

Nesse cargo, em 11 de fevereiro de 1904, a Loja, após ouvir a exposição do Irmão Estanislau José Miralhes, esclarecendo “que entre alguns de seus amigos havia corrido uma subscrição a favor dos infelizes flagelados pela peste bubônica no Estado do Maranhão, tendo conseguido reunir a importância de duzentos e vinte seis mil réis (226:000 rs) que entregava à Oficina para que em nome dela desse destino conveniente”, deliberou, unanimemente, demonstrando o caráter maçônico a favor da caridade e da assistência social, que à mencionada quantia, fosse incorporada, provinda dos cofres da Loja, a de setenta e quatro mil réis, “para completar a de trezentos mil réis para o fim referido”, ficando, outrossim, acordado que esse total fosse encaminhado, “por meio de uma prancha ao Poderoso Irmão Joaquim Carvalho, digno Venerável da Loja “Esperança e Porvir” e chefe da comissão maçônica encarregada de promover donativos a favor das vítimas da epidemia no Maranhão”, sendo o mesmo total entregue ao ilustre destinatário, conforme ficou registrado na ata da sessão seguinte — 18 de fevereiro de 1904.

Na sessão de 30 de junho de 1904, a Loja saudou, por telegrama, os Irmãos Lauro Sodré e Antonio Gonçalves Pereira de Sá Peixoto, pela eleição realizada no Grande Oriente do Brasil, conduzindo, o primeiro, ao cargo de Grão-Mestre, e, o segundo, ao de Grão-Mestre Adjunto da Ordem Maçônica no País.

A 27 do mês seguinte (julho), a Loja recebia os agradecimentos dos dois dirigentes, então já empossados nos seus respectivos cargos, na Maçonaria Brasileira.

Fora agitada e entusiástica a sessão que presidira em 26 de novembro de 1904, quando a Loja tomara conhecimento de que “o apóstolo da democracia, o evangelizador da liberdade, o Dr. Lauro Sodré, se achava nas ruas do Rio de Janeiro, com as armas nas mãos, pugnando pelos direitos do povo oprimido, flagelado pelo despotismo republicano, muito mais intolerável que o do Czar da Rússia”.

A Loja “não podia conservar-se indiferente ante à patriótica atitude do seu Grão-Mestre”, e, por isso, o Irmão Silvestre Silva, “propunha que lhe fosse expedido um telegrama apresentando-lhe seus protestos de franca solidariedade”.

O Irmão Pedro de Alcântara Freire, com a sua sabedoria maçônica e a sua experiência política, declarou “estar convencido de ser este o modo de sentir da Loja, cujos membros não poderiam deixar de aplaudir sinceramente o procedimento patriótico do Poderoso Irmão Dr. Lauro Sodré, cuja vida pública constituía um grande ensinamento de correção e

de devotamento à causa do direito e da justiça, às gerações que passaram acabrunhadas pelo peso da corrupção oficial, mas que, no momento presente, em que o benemérito cidadão havia assumido papel tão saliente, era impossível chegar-lhe às mãos qualquer despacho telegráfico, pois que com certeza estava sendo vigiado pelo governo; que, em todo caso, submetia a proposta à consideração da Loja”.

Era a decisão do homem que, presidindo a um colegiado, sabia respeitar o pronunciamento dos seus semelhantes.

Foi, então, que “o Irmão Miralhes obteve a palavra e diz que em vez de telegrama se lhe dirigisse uma prancha no sentido indicado pelo Irmão Silvestre Silva, que se conformou com a emenda”.

E assim foi procedido, com o assentimento unânime dos Obreiros que compareceram àquela memorável sessão, os quais, igualmente, aprovaram um voto de reconhecimento, que ficou registrado desta maneira:

“A Augusta e Respeitável Loja Capitular “Fraternidade Amazonense”, ao Oriente de Manaus, cônica de que o papel da Maçonaria no seio das sociedades modernas não deve limitar-se exclusivamente aos atos de beneficência, cumprindo-lhe também influir diretamente nos destinos da pátria, resolve que na ata dos trabalhos de hoje seja lançado um voto de sincero reconhecimento ao Benemérito Irmão Dr. Lauro Sodré, Grão-Mestre da Ordem, pelos relevantíssimos serviços prestados à causa pública e de entusiástico aplauso à sua nobre e correta atitude de patriota incorruptível na quadra crítica, por demais cheia de perigos, que presentemente atravessa a nacionalidade brasileira, que precisa desembaraçar-se das peias do partidarismo trêfego para ser grande e próspera”.

Em 20 de abril de 1909, propõe:

“Tendo na mais elevada consideração os inestimáveis, extraordinários serviços à Pátria prestados pelo ilustre Barão do Rio Branco, a Augusta e Respeitável Loja Capitular “Fraternidade Amazonense” não pode, sem faltar ao cumprimento de um dever, permanecer indiferente às espontâneas e públicas homenagens festivamente prodigalizadas a esse benemérito brasileiro, na data de hoje, em que em todos os pontos da União se comemora a passagem do seu aniversário natalício, e Considerando que ao acrisolado patriotismo e indiscutível competência desse grande e eminente diplomata, honra e glória da terra que se orgulha de o ter como filho, deve o Brasil a vantagem de haver saído vitorioso nas questões de

limites que sustentou com a França e a República Argentina; Considerando que à sua inexgotável atividade e ao conhecimento profundo que em larga escala possui do complicado ramo do serviço público que lhe foi confiado deve o Brasil o ter surgido de um momento para outro entre as nações cultas chamando a atenção do mundo para este país tão maravilhoso, mas até então como que desconhecido, fazendo-o emergir da obscuridade para a grande luz da civilização; Considerando que é um ato de inteira justiça render preitos ao mérito, homenagear os beneméritos da Pátria, prestar culto aos super-homens que se imortalizam nas suas obras, proponho que ao Poderoso Irmão Barão do Rio Branco, Ministro das Relações Exteriores, seja concedido o título de Membro Benemérito desta Oficina”.

Essa proposta, sem debate, foi unanimemente aprovada.

Eleito que fora, em 1914, para o cargo de Grão-Mestre Adjunto do Grande Oriente Estadual do Amazonas, não o assumira, e, na sessão da Assembléia Geral, de 7 de junho daquele ano, “comunicava para o conhecimento desta Poderosa Assembléia do Povo Maçônico e para os devidos fins, que optava pelo cargo de Venerável, em que já se acha empossado”.

Com efeito, a Loja “Fraternidade Amazonense” o escolhera, mais uma vez, para o empunhar do seu primeiro Malthete.

Justificando a sua renúncia, esclareceu que, “embora fosse definitiva, inabalável, esta sua resolução, não podia fugir ao dever, que se lhe impunha cumprir, de agradecer, como de fato, penhorado agradecia, a grande prova de confiança, mesmo distinção, que lhe dera o Povo Maçônico deste Oriente, escolhendo e sufragando o seu nome para ocupar a alta Dignidade que acabava de renunciar”.

Explicou “que o seu procedimento não traduzia, mesmo de leve, nem significava, absolutamente, uma recusa à prestação de serviços à Ordem em geral ou ao Grande Oriente Estadual em particular, porquanto, todos sabem, é um devotado à causa santa da Maçonaria, e, no posto em que ora se encontra, não há dúvida, continuará da mesma forma a prestar o seu concurso, quiçá, com mais assiduidade, com o mesmo amor, a mesma dedicação e solicitude de sempre, em geral pelo progresso desta Sublime Instituição, por que tanto se vem batendo”.

E, com efeito, os dias que se seguiram, provaram, à sociedade, a grandeza e a verdade de suas palavras.

Assinou a ata da sessão magna de regularização da fusão das Lojas “Fraternidade Amazonense” e “Deus, Lei e Perseverança”, prevalecendo o nome da primeira, solenidade que se realizou em 13 de junho de 1916.

Em 26 de setembro de 1916, recebe a visita do Grão-Mestre Coronel José Cardoso Ramalho Júnior, “que compareceu à sessão para pessoalmente testemunhar à Oficina a sua sincera gratidão e profundo reconhecimento pelas manifestações de apreço, de simpatia e de consideração com que esta Oficina o tem distinguido e salienta o fato de uma comissão ter comparecido à sua residência para em nome da “Fraternidade Amazonense” lhe oferecer a sua caderneta do cadastro da Ordem, o que bastante o penhorou”, respondendo “que as palavras que o Poderoso Irmão Grão-Mestre acabava de pronunciar, as referências assás lisonjeiras que fizera à nossa Oficina e aos Obreiros que compõem o seu Quadro, a todos sensibilizara profundamente por saberem que elas tanto tinham de espontâneas como de sinceras; que se esta Oficina não perdia ensejo para cercar o Chefe da Maçonaria Amazonense de toda sorte de consideração, não era tão somente por personificar a mais alta autoridade maçônica entre nós, mas por ser ele — mais do que tudo — um amigo dedicado, um Irmão infatigável, que não poupa esforços para ser útil a quem quer que necessite do seu auxílio”.

Presidiu à sessão de 6 de março de 1917, quando o Irmão Henrique Taborda de Miranda, “usando da palavra, propôs que na ata dos nossos trabalhos fosse consignado um voto que seria ao mesmo tempo de pesar e de alegria; de pesar pelo desaparecimento dos nossos Irmãos Maçons que parte ativa tomaram no movimento revolucionário de 1817 e que foi o precursor da nossa independência política; de alegria porque o ideal porque se bateu a Maçonaria naquele memorável feito se transformou em realidade a 7 de setembro de 1822 e a 15 de novembro de 1889”.

Em 22 de janeiro de 1918, depois de ouvir a exposição do Irmão Silvestre Silva, solicitando que a Loja patrocinasse os estudos, na capital da República, de um dos filhos do pranteado Irmão Domingos José de Andrade — um dos maiores Obreiros da Maçonaria Brasileira — “explana com critério a situação dos vivos quando colocados em cargos de destaque, refere-se ao séquito que os acompanha, cada um disputando o meio mais baixo de bajular e mais se aproximar deles, alguns por estas insinuações chegam a receber gordas máquinas de dezenas de contos em transações com as repartições sob a chefia daqueles, depois, morto o homem ninguém mais se lembra dos favores e proteções recebidos, todos fogem,

entretanto a Maçonaria sempre estava com as mãos abertas para amparar os seus filhos e as suas famílias”.

E, na realidade, o patrocínio se deu, com os aplausos dos Obreiros da Loja — considerado “este ato altamente significativo dos ideais maçônicos”.

Elegeu-se Representante da Loja “Fraternidade Amazonense”, junto ao Grande Oriente Estadual do Amazonas, em 23 de abril de 1918.

Sob a sua Venerança, em 1º de janeiro de 1919, ficou registrado este voto de congratulação:

“Tendo terminado, graças ao Grande Arquiteto do Universo, a horrível tragédia, que por longos anos, ensopou de sangue humano os países da velha Europa e cobriu de luto quase toda face da terra, esta Augusta e Benemérita Loja congratula-se com todos aqueles que direta ou indiretamente concorreram para o término de tão sangrenta luta que a história há de registrar como o maior flagelo desencadeado sobre o humanidade”.

Na sessão de 22 de novembro de 1921, sendo o Orador da Oficina, propôs um sentido voto de pesar pelo falecimento da Princesa Isabel, cujo conteúdo vale a pena ser transcrito, pela beleza do seu contexto histórico e pela grandeza de generosidade do seu autor:

“Considerando que o culto à memória dos nossos semelhantes, que entre os seus contemporâneos se distinguiram por obras de real merecimento, influiu assim beneficentemente no destino das sociedades, se impõe como um dever de civismo e de gratidão; Considerando que os que pelo seu trabalho nos diversos ramos da atividade humana contribuíram para dilatar os domínios da civilização, o que importa em ter melhorado as condições do homem, tornando-lhe mais fácil e mais proveitosa a sua jornada através do tempo e do espaço; Considerando que D. Isabel de Bragança, Condessa D’Eu, que por três vezes esteve na suprema direção do Império do Brasil, a contento geral, se tornou uma benemérita da humanidade por haver sancionado a lei que considerava livres daí por diante os filhos da mulher escrava, e em 1888 colocando-se acima dos interesses das classes conservadoras, desfechou definitivamente o golpe de morte na escravidão, obtendo do parlamento a votação da lei áurea, que punha para sempre termo ao nefando tráfico de brasileiros reduzidos à servidão e que ela prontamente promulgou; Considerando que assim procedendo a excelsa princesa, sem medir consequências, escreveu a mais brilhante página da nossa história e indissolivelmente ligou o seu nome ao mais belo, ao mais grandioso feito

da nossa vida, no terreno pacífico dos princípios, ao influxo da opinião nacional, com que ela se identificou intimamente na mesma suprema aspiração humanitária de limpar a pátria brasileira da nódoa infamante da escravidão; Considerando que é de inteira justiça reverenciar a quem concorreu para que mais de meio milhão de nossos patrícios fossem restituídos à liberdade, apressando as soluções do problema servil e tanto assim que estava em suas mãos protelar quanto lhe fosse possível nesse sentido: A Augusta e Respeitável Loja Capitular "Fraternidade Amazonense", como um preito singelo mas sincero de homenagem aos serviços pela magnânima Senhora prestados à pátria e à humanidade, resolve consignar na ata dos seus trabalhos de hoje um voto de profundo pesar pela morte, em terra da França, onde se fora abrigar quando banida pela revolução, de D. Isabel de Bragança, que a história cognominara — Redentora, inscrevendo o seu nome na lista dos benfeitores do gênero humano".

Em fevereiro de 1922, a Loja "Fraternidade Amazonense", numa empolgante sessão presidida pelo Irmão Henrique Taborda de Miranda, Grão-Mestre Adjunto do Grande Oriente Estadual do Amazonas, contando, ainda, entre outras ilustres presenças, com as dos Irmãos Antonio Monteiro de Souza, Membro Honorário do Conselho Geral da Ordem; Gastão de Castro, Venerável da Loja "Esperança e Porvir"; José Vaz de Oliveira, Venerável da Loja "Aurora Lusitana"; Camilo de Lelis Pacheco Amora, Venerável da Loja "Amazonas"; Gentil Augusto Bittencourt, Grande Secretário do Grande Oriente Estadual do Amazonas; e Giuseppe Pagani Vulcani, Venerável da Loja promotora da solenidade, rendeu-lhe justa homenagem, colocando o seu retrato a óleo na galeria dos maiores Benfeitores da Maçonaria Amazonense.

Naquele ocasião, o Irmão José Jorge Braga Vieira, num precioso discurso, traça o perfil do homenageado, dizendo que ele "se destaca como um astro refulgente, espelhando auras de esperanças, disseminando por onde passa a luz radiante de seus ensinamentos fecundos, dispendendo raios de incentivos e coragem que incentivam e encorajam a todos aqueles que se lhe acercam atraídos pela sua simpatia".

E acrescenta, noutra frase:

"A sua alma de eleito, quando trata de fazer o Bem, sob a influência da coletividade maçônica se transforma em astro rebrilhante, espargindo clarões que nos mostram o bom caminho, da mesma forma que uma pequeníssima semente,

posta em contato da terra, sob a influência dinâmica da luz solar, se transforma numa flor".

O Orador reúne, na sua aplaudida peça de arquitetura, os sentimentos de gratidão da Família Maçônica ao Obreiro que se constituiu, verdadeiramente, num dos mais fortes sustentáculos da Maçonaria Amazonense, numa época em que as condições de sobrevivência pela guerra, pela disputa política e pelos flagelos, exigiam dos espíritos um comportamento precavido e inteligente para garantia do equilíbrio das sociedades humanas.

"O Irmão Pedro Freire respondendo e agradecendo a homenagem que acabava de lhe ser prestada pelos Obreiros desta Respeitável Oficina, disse que sentia-se extraordinariamente comovido; surpreendia-o sobretudo como conseguiu o Irmão Braga Vieira os dados exatos de sua vida maçônica e profana. Confirmando as lutas em que se tem empenhado em prol de suas idéias, nada mais tem feito do que trabalhar pelo engrandecimento da sociedade humana, seu progresso e aperfeiçoamento. Desbestializar o homem, torná-lo útil a si mesmo e à sociedade em que vive, arrancá-lo das trevas da ignorância, dos preconceitos e superstições vulgares, constituem a beleza do ideal maçônico; mas lamenta que a maioria dos nossos Irmãos ainda não tenha querido compreender essas belezas: enquanto as sociedades profanas progridem, os Templos Maçônicos vivem desertos. Daí que está bem com a sua consciência por haver cumprido o seu dever; esta prova de fraternidade que lhe prestam os Obreiros da "Fraternidade Amazonense" o conforta de tal forma que há de trazê-la em imorredora recordação. Diz que está velho e cansado; do caminho de sua existência já dobrou o **cabo das tormentas** e agora vai em busca das Índias, que para si quer dizer a morte. Concita os seus Irmãos à constante prática do Bem, da Tolerância e da Fraternidade que constituem o alicerce em que se apóia esta Sublime Ordem que através dos longos séculos, qual rutilante astro, vem nos guiando em busca de uma condição social mais perfeita e mais humana".

Essa homenagem, bem como o brilhante discurso do orador, foram transcritos no Boletim do Grande Oriente do Brasil, de março de 1922.

Faleceu em 17 de julho de 1927.

À sua memória foi realizada, logo em agosto do mesmo ano, uma sessão de pompas fúnebres, sob a presidência do Irmão Desembargador Gaspar Antonio Vieira Guimarães, ha-

vendo o Irmão Doutor Vivaldo Palma Lima, como orador oficial da solenidade, salientado a ilustre personalidade do distinto morto.

A Maçonaria Amazonense, portanto, lhe prestara sentida reverência póstuma, externando, de público, o seu sentimento de dor e de saudade ao Obreiro cujas virtudes haveriam de servir de caminho certo aos porvindouros, conservando-as como exemplos de magnitude humana, merecedoras de perene recordação.

Em julho de 1948, a "Revista Maçônica" lembrava a figura do inesquecível Irmão:

"Na galeria das antigas figuras maçônicas do Amazonas, ocupa lugar de marcado relevo o nosso saudoso e respeitável Irmão Coronel Pedro de Alcântara Freire. Ele formou sempre na vanguarda dessa falange gloriosa de velhos Maçons, marchando decisivamente em campo aberto quer diante das arrojadas pugnas assim como nos momentos de calma, e a sua voz de comando foi sempre acertada e obedecida por essa plêiade de numerosos Obreiros, construtores da majestosa obra erguida para o trabalho em prol da humanidade.

Espírito esclarecido, coração afeito à prática do bem, chefe prestigioso e prestigiado, amigo dedicado e bondoso como os que mais o fossem, o Coronel Pedro Freire empregou grande parte das suas energias trabalhando infatigavelmente pela Maçonaria, que ficou a lhe dever uma soma grandiosa de assinalados serviços.

Há vinte e um anos, que de julho, na data de 17 do fluente, cercado do carinho de sua família e de seus numerosos amigos, passava-se para o Oriente Eterno esse varão respeitável, depois de receber as brilhantes condecorações a que durante a sua vida fez jus. O passamento do valoroso campeador produziu um sulco demasiadamente grande no mundo maçônico amazonense que até a presente data sente compungido a sua falta.

Nessas condições, não era possível deixarmos de assinalar a data, aliás com grande mágoa, prestando dessa forma um preito de veneração e saudade ao inolvidável batalhador".

O seu retrato a óleo encontra-se no salão de honra da Loja "Amazonas", iluminando, pelo espírito, as novas gerações maçônicas.

PALAVRAS FINAIS

Palavras Finais

A apresentação da biografia dos Irmãos Bernardo José de Souza e Joaquim Gomes Loureiro vem coroando a vida de dois Obreiros que muito se distinguiram no cargo de Secretário da Loja "Amazonas", um, representando a primeira geração maçônica da Oficina, e, o segundo, a geração contemporânea.

Pelas atribuições que lhe são cometidas, o Secretário de uma Loja, até então eleito pelos Irmãos do respectivo Quadro, hoje, face à nova Constituição da Grande Loja do Amazonas e Territórios Limítrofes, de livre escolha do Venerável Mestre, tem, sob a sua responsabilidade, a garantia da própria sobrevivência da Oficina, pois a ele compete, inclusive, guardar, com zelo e carinho, com atenção e probidade, as mais valiosas relíquias documentais, para transmiti-las, intactas, a seus sucessores, a fim de que possam se perpetuar através do tempo, para conhecimento dos vindouros.

E essa missão, bem como as outras de sua competência, ambos souberam cumprir, para exemplo e gáudio dos Obreiros da Arte Real.

Como último capítulo deste livro, apresentamos o programa de comemorações do centenário da Loja "Amazonas", para que ele melhor seja difundido e conhecido de quantos se interessem pela grande efeméride.

Por fim, prestamos uma homenagem especial ao Coronel Pedro de Alcântara Freire, inegavelmente, um dos valores de maior expressão que a nossa Sublime Instituição há conhecido.

E bem propositadamente, editam-se os presentes registros históricos um pouco antes das festividades do magnífico evento, a fim de que todas as inteligências, ao mesmo se antecipando, possam mais facilmente se aperceber dos fatos vinculados ao segundo Templo de Salomão fundado no Amazonas.

Pela ordem em que esses mesmos fatos vieram à lume, verifica-se que a Oficina Maçônica prestes a completar os seus cem anos de fecunda existência, nasceu sob aplaudidas aspirações, pelo comandamento de homens dotados dos mais nobres sentimentos morais e cívicos, os quais sabiam que inauguravam uma obra duradoura, pois que ela se alevantara sobre alicerces seguros e imperecíveis.

Caberia aos seus sucessores, como realmente coube, a tarefa honrosa de mantê-la de pé e em ordem, ampliando-a e fazendo-a evoluir, no acompanhamento natural do progresso humano.

Foram seus fundadores os Irmãos Francisco Públio Ribeiro Bittencourt, Ismael Cesar Paes Barreto, Carlos Gavinho Viana, Raimundo da Silva Moya, Bernardo José de Souza, Vicente Pinto de Miranda, Joaquim Pinto Ribeiro, Francisco Bento de Sá, José Maria da Silva, Gregório Muniz de Medeiros, Hermenegildo de Souza Barbosa, Avelino Portela Guimarães, Bernardo Mendes Corrêa, Nicolao Tolentino, Manoel Dias Barroso, José de Figueiredo Abreu, Salomão Acris, Claudino M. Veloso, Manoel Joaquim Portilho Bentes, Francisco Ferreira de Lima Bacuri, João Veloso Barreto, Quirino Antonio Ribeiro e Manoel da Fonseca e Souza, os quais, vindos de outras regiões brasileiras e de outras Lojas, acreditavam no empreendimento que realizaram a prol da comunidade.

Teve a honra de ser presidida por nobres cidadãos: Governador Jônatas de Freitas Pedrosa, Desembargador José Alves D'Assunção Menezes, Desembargador Martinho de Luna Alencar, Doutor Análio de Melo Rezende, Coronel Luiz Marinho de Araújo, Escritor Raul de Azevedo, Coronel Camilo de Lelis Pacheco Amora, Vice-Cônsul Giuseppe Pagani Vulcani, Doutor Joaquim Augusto Tanajura, Notário Venâncio Igrejas Lopes, Desembargador Felismino Francisco Soares e Comerciante Manoel Ribeiro, dentre outros, também homens dignos, que deixaram os seus nomes nos registros positivos desta terra.

Passaram, pelo seu Quadro, varões da estirpe do Doutor Alfredo Augusto da Mata, do Comerciante Alfredo Cândido Arruda, do Seringalista Alfredo Marques da Silveira, dos Jornalistas Aristophano Antony e Crisólogo Gastão de Oliveira, dos Desembargadores Gaspar Antonio Vieira Guimarães, Hamilton Mourão, Arthur Virgílio do Carmo Ribeiro, João Rebelo Corrêa e José Lucas Raposo da Câmara, do Industrial Augusto Ferreira da Silva Lima, do Artista Estanislau José Miralhes, dos Governadores Eduardo Gonçalves Ribeiro e Fileto Pires Ferreira, do Político Francisco Barnabé Gomes, do Funcionário Público Federal Francisco Farias de Carvalho, do Major Ga-

brriel Antonio Ribeiro Guimarães, do Professor Henrique de Souza Rubim, do Farmacêutico Joaquim Francelino de Araújo, do Senador Jorge de Moraes, do Engenheiro Marçal Ferreira da Silva, do Médico Milton Januário Pessoa de Melo, do Orador Pedro de Alcântara Freire, do Militar Pedro Henrique Cordeiro Júnior e de tantos outros já descansando na Grande Mansão dos Justos, sob a luz e a proteção do Grande Arquiteto do Universo.

Aos Maçons, que muito trabalharam pela Loja, ficará para sempre gravada a gratidão dos Obreiros de hoje, que deixarão, por certo, em pleno funcionamento, um Templo de amor e de fraternidade aos seus Irmãos de amanhã.

Manaus — Amazonas — Brasil

1975

ve
ce
ra
no
in
sc

a
e
hu

be
Via
ce
to
He
Be
ros
Vel
de
e M
giõ
dim

Gov
Alv
Ale
nho
Leli
Dou
Lop
ciar
que
terr

tor
Arru
nalis
dos
milto
Corr
Ferre
dos
Ferre
Públ

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas
da Imprensa Oficial

Rua Leonardo Malcher nº 1189

MANAUS — AMAZONAS

1975